

VOLUME 08



Linguística
em Rede

LINGÜÍSTICA E ESTUDOS DE GESTO

INTERFACES

Maíra Avelar
Vera Pacheco Marian Oliveira
(Organizadoras)



Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da Editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo–SP)

- A949l Avelar, Máira; Oliveira, Vera Pacheco Marian (orgs.).
Linguística e Estudos de Gestos: Interfaces
Organizadoras: Máira Avelar e Vera Pacheco Marian Oliveira.
1. ed. – Campinas, SP : Pontes Editores, 2023;
figs.; gráfs.; tabs.; quadros; fotografias.
(Coleção Linguística em Rede, v. 8).
E-book: 7Mb; PDF.
- Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-5637-732-2..
1. Ensino. 2. Linguística. 3. Gestual. 4. Prática Pedagógica.
I. Título. II. Assunto. III. Organizadoras
-

Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8/8846

Índices para catálogo sistemático:

1. Métodos de ensino instrução e estudo– Pedagogia. 371.3
2. Linguística. 410
3. Outras linguagens que não as escritas e faladas. 419

VOLUME 08

LINGUÍSTICA E ESTUDOS DE GESTO

I N T E R F A C E S

Maíra Avelar
Vera Pacheco Marian Oliveira
(Organizadoras)



PPGLin
Programa de Pós-Graduação
em Linguística

Copyright © 2022 – Das organizadoras representantes dos autores

Coordenação Editorial: Pontes Editores

Revisão: Antonio Henrique Coutelo de Moraes

Editoração: Vinnie Graciano

Capa: Acessa Design

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os capítulos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação e revisados por pares.

CONSELHO EDITORIAL:

Angela B. Kleiman

(Unicamp – Campinas)

Clarissa Menezes Jordão

(UFPR – Curitiba)

Edleise Mendes

(UFBA – Salvador)

Eliana Merlin Deganutti de Barros

(UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná)

Eni Puccinelli Orlandi

(Unicamp – Campinas)

Glaís Sales Cordeiro

(Université de Genève – Suisse)

José Carlos Paes de Almeida Filho

(UNB – Brasília)

Maria Luisa Ortiz Alvarez

(UNB – Brasília)

Rogério Tilio

(UFRJ – Rio de Janeiro)

Suzete Silva

(UEL – Londrina)

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

(UFMG – Belo Horizonte)

PONTES EDITORES

Rua Dr. Miguel Penteadó, 1038 – Jd. Chapadão

Campinas – SP – 13070-118

Fone 19 3252.6011

ponteseditores@ponteseditores.com.br

www.ponteseditores.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO - Uma questão de gesto_____7

Maíra Avelar

FUNÇÕES DOS GESTOS FACIAIS NA PROSÓDIA AUDIOVISUAL____11

Manuella Carnaval

Luma da Silva Miranda

João Antônio de Moraes

Albert Rilliard

**O MÉTODO NA INVESTIGAÇÃO DO GESTO E DA EMOÇÃO NA
SÍNDROME DE DOWN**_____40

Marian Oliveira

Thaís Ferreira Brito

Vera Pacheco

**A MULTIMODALIDADE EM RELATOS DE EXPERIÊNCIA
INFANTIS**_____84

Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante

Paula Michely Soares da Silva

Evangelina Maria Brito de Faria

**CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS SOBRE A
IDENTIFICAÇÃO ANÁLISE DE METÁFORAS VERBO-GESTUAIS:
APLICAÇÕES DAS DIRETRIZES PARA IDENTIFICAÇÃO DE
METÁFORAS NOS GESTOS A DADOS DO PB_____98**

Maíra Avelar

Alan Cienki

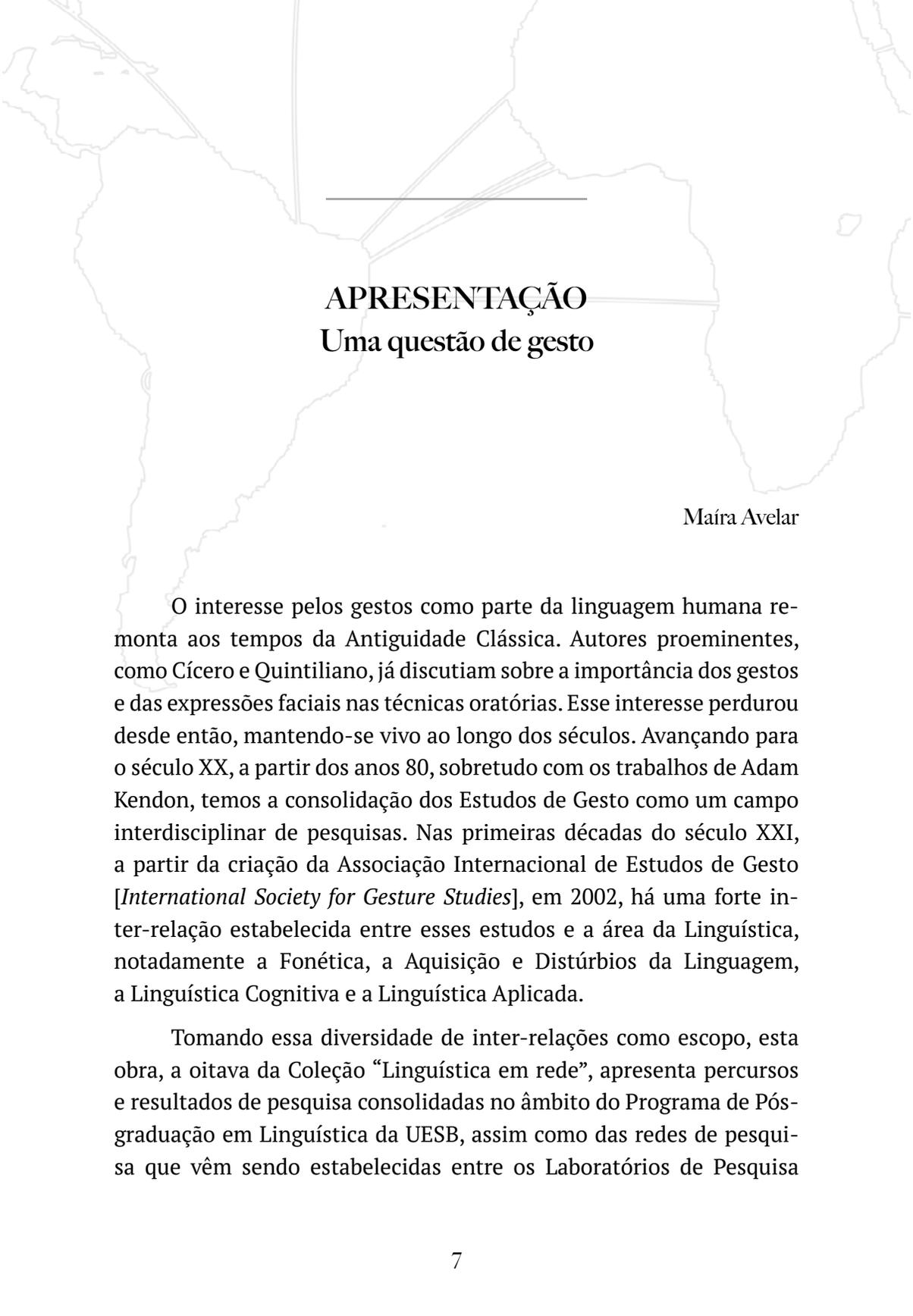
**A REPETIÇÃO EM ENUNCIADOS VERBO-GESTUAIS E O ESQUEMA
IMAGÉTICO “CICLO”: UMA ANÁLISE MULTIMODAL_____122**

Hayat Passos

Lilian Ferrari

Diogo Pinheiro

SOBRE OS AUTORES_____143



APRESENTAÇÃO

Uma questão de gesto

Maíra Avelar

O interesse pelos gestos como parte da linguagem humana remonta aos tempos da Antiguidade Clássica. Autores proeminentes, como Cícero e Quintiliano, já discutiam sobre a importância dos gestos e das expressões faciais nas técnicas oratórias. Esse interesse perdurou desde então, mantendo-se vivo ao longo dos séculos. Avançando para o século XX, a partir dos anos 80, sobretudo com os trabalhos de Adam Kendon, temos a consolidação dos Estudos de Gesto como um campo interdisciplinar de pesquisas. Nas primeiras décadas do século XXI, a partir da criação da Associação Internacional de Estudos de Gesto [*International Society for Gesture Studies*], em 2002, há uma forte inter-relação estabelecida entre esses estudos e a área da Linguística, notadamente a Fonética, a Aquisição e Distúrbios da Linguagem, a Linguística Cognitiva e a Linguística Aplicada.

Tomando essa diversidade de inter-relações como escopo, esta obra, a oitava da Coleção “Linguística em rede”, apresenta percursos e resultados de pesquisa consolidadas no âmbito do Programa de Pós-graduação em Linguística da UESB, assim como das redes de pesquisa que vêm sendo estabelecidas entre os Laboratórios de Pesquisa

do Programa e pesquisadores brasileiros e estrangeiros, a partir do interesse comum pelos gestos como parte integrante e indissociável da linguagem humana. Com capítulos que abordam a percepção da fala, a aquisição da linguagem em crianças típicas e atípicas e questões cognitivas, como as metáforas e esquemas imagéticos multimodais, o ponto de convergência que amarra todos estes trabalhos é a configuração da linguagem humana como sendo inerentemente multimodal. Nesse sentido, os gestos são estudados em sentido amplo, como enunciados de expressão visível, abarcando face, mãos e outros articuladores corporais.

No primeiro capítulo, “Funções dos gestos faciais na prosódia audiovisual”, de autoria de Manuella Carnaval, Luma da Silva Miranda, João Antônio de Moraes, da UFRJ, e Albert Rilliard, do CNRS, do Laboratoire Interdisciplinaire des Sciences du Numérique (França) os autores trazem para discussão a contribuição dos gestos faciais para a percepção da entoação modal e do foco. Por meio de experimentos perceptivos realizados, os autores apresentam resultados de análise multimodal da asserção, da questão-eco, da questão parcial e da exclamação, mostrando que há uma integração entre as informações visuais e auditivas na percepção dessas funções pragmáticas. Assim, o gesto é considerado pelos falantes como parte integrante do ato de produzir um enunciado, reforçando-se a hipótese da multimodalidade na percepção da fala.

Na esteira da discussão sobre gestos e expressões faciais, o segundo capítulo, “O método na investigação do gesto e da emoção na síndrome de Down”, de autoria de Marian Oliveira, Thaís Ferreira Brito e Vera Pacheco, da UESB, busca discutir os desafios de se pesquisar gesto e emoção em crianças com a Trissomia do Cromossomo 21, que possuem características linguísticas e de fala que se desdobram de maneira particular na interação desses sujeitos com o mundo. Do ponto de vista metodológico, as autoras analisam as expressões emocionais de alegria, tristeza e raiva, materializadas por meio da expressão facial

e da fala de dois sujeitos integrantes do Núcleo Saber Down (UESB-CNPq). A investigação das autoras evidencia que os sujeitos analisados têm certa dificuldade para identificar e também expressar diferentes emoções, o que pode ocorrer em decorrência do atraso global apresentado por esses sujeitos. Contudo, como as autoras ressaltam, esses fatores não impediram que os sujeitos da pesquisa se expressassem e utilizassem os recursos da fala e dos gestos.

Um olhar multimodal é também voltado para a aquisição da linguagem no quarto capítulo, “A multimodalidade em relatos de experiência infantil, de autoria de Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante, Paula Michely Soares da Silva e Evangelina Maria Brito de Faria, da UFPB. O trabalho apresentado pelas autoras é parte de um esforço intercontinental de mapear características vocais, gestuais e culturais que se materializam no Português falado em diferentes localidades: Moçambique, Portugal e no Brasil. Assim, as autoras enfocam a multimodalidade vocal e gestual no gênero “relato de experiência” e apresentam dados de duas crianças com idade entre 9 e 10 anos, uma brasileira e outra portuguesa. As autoras mostram que há regularidades na realização dos gestos nos relatos das crianças, especificamente quanto aos gestos pantomímicos, característicos do gênero investigado. Foi possível também constatar que há uma profusão de gestos que coocorrem com a fala, desde o início até o fim dos relatos, além de movimentos do corpo, da cabeça e dos olhos, evidenciando que fala e gestos compõem uma só matriz de significação.

Também partindo do pressuposto de que enunciados verbo-gestuais formam um composto, no quinto capítulo, “Considerações teóricas e metodológicas sobre a identificação e análise de metáforas verbo-gestuais: aplicações das Diretrizes para Identificação de Metáforas nos Gestos a dados do PB”, de autoria de Maíra Avelar, da UESB e Alan Cienki, da Universidade Livre de Amsterdam e da Universidade Estadual de Linguística de Moscou, é apresentada a metodologia denominada como DIM-G, a fim de não apenas apresentar e de demonstrar o funcio-

namento dessas diretrizes a leitores de Língua Portuguesa, mas também de estabelecer ajustes e atualizações nos parâmetros metodológicos, com base em aplicações dessas Diretrizes a dados de pesquisas que vêm sendo desenvolvidas no Brasil. As análises desenvolvidas com dados do PB permitiram que se promovesse um aprimoramento no nível de replicabilidade das DIM-G. Consequentemente, ocorrências verbo-gestuais menos prototípicas também podem ser analisadas como metafóricas ou metaforizadas, considerando-se graus de ativação de metaforicidade distintos.

O sexto e último capítulo do livro, “A repetição em enunciados verbo-gestuais e o esquema imagético ‘ciclo’: uma análise multimodal”, de autoria de Hayat Passos, da UESB e do IFNMG; e de Lilian Ferrari e Diogo Pinheiro, da UFRJ, é analisada, sob a ótica da Gramática Cognitiva, a questão da repetição em enunciados verbo-gestuais enfocando, especificamente, enunciados verbais que coocorrem com o gesto cíclico. Sendo assim, por meio de uma análise qualitativa multimodal, baseada no Sistema Linguístico de Anotação Gestual (LASG), os autores analisam se as expressões adverbiais de repetição “muitas vezes” e “várias vezes” seriam corporificadas por meio da repetição do gesto cíclico, que manifesta o Esquema Imagético “ciclo”. Conforme ressaltam os autores, as análises das ocorrências ilustrativas com esse Esquema indicam que o caráter repetitivo das expressões adverbiais é corporificado, nos gestos, a partir das repetições de tipo iterativo e de tipo reduplicativo, do quantificador. Porém, nem sempre há repetição verbal e gestual: também há repetições verbais que não ocorrem na modalidade gestual e vice-versa.

O percurso de organização do livro permite ao leitor degustar diferentes questões de gesto. Com isso, pretendemos aguçar a curiosidade e o gosto por pesquisas no fascinante campo do conhecimento dos Estudos de Gesto, que vem ganhando contornos cada vez mais nítidos no Brasil. Aos leitores, então, um bom apetite!



FUNÇÕES DOS GESTOS FACIAIS NA PROSÓDIA AUDIOVISUAL

Manuella Carnaval
Luma da Silva Miranda
João Antônio de Moraes
Albert Rilliard

INTRODUÇÃO

Há, no estudo da entoação, um crescente interesse por uma abordagem que contemple a relação entre gestos e prosódia (LEVINSON; HOLLER, 2014), o que se convencionou chamar de prosódia visual (GRAF *et al.*, 2002; KRAHMER *et al.*, 2002a; 2002b; KRAHMER; SWERTS, 2004; 2005; 2006; 2009). Segundo Kendon (2004), entende-se o gesto como uma ação, quando ele é produzido como um enunciado ou parte de um enunciado. Embora exista uma variedade de tipos de gestos (corporais, manuais, faciais etc.) e de suas funções (MCNEILL, 1992; 1997), este capítulo se volta para aqueles que são produzidos concomitantemente com a fala, isto é, os chamados *co-speech gestures* ou gestos que acompanham a fala (WAGNER; MALISZ; KOPP, 2014).

Nos estudos multimodais da fala, sabe-se que, em uma língua de modalidade oro-auditiva, os gestos não têm propriedades sintáticas

ou lexicais como nas línguas de sinais, que são de modalidade gesto-visual. Nas línguas de sinais, por exemplo, (i) as configurações de mãos junto com a localização dos sinais, o movimento e a direção possuem valor morfológico; (ii) a organização dessas configurações no espaço constitui sua sintaxe; e, por fim, (iii) as expressões faciais possuem valor gramatical por serem usadas para discriminar a tipologia de frases, como as frases interrogativas, exclamativas e negativas (CECCHETTO, 2012; PAIVA *et al.*, 2016). Em línguas de modalidade oro-auditiva, os gestos estão relacionados com os níveis mais altos da língua, como a prosódia, a semântica e a pragmática (KENDON, 1980). Tais gestos integram a fala, de modo que a elevação da frequência fundamental (F0) ao final de um enunciado pode ocorrer de forma coordenada à elevação de cabeça e sobrancelhas, por exemplo. Nesse sentido, a produção do acento é acompanhada por gestos corporais e faciais, que não são manifestados aleatoriamente, mas estão inscritos na estrutura prosódica, trazendo para a interação informações linguísticas.

Diversas pesquisas têm mostrado que os gestos usados na fala estão relacionados a intenções comunicativas dos falantes e são uma parte integral na elaboração de mensagens comunicativas efetivas para os interlocutores. Por exemplo, falantes usam mais gestos quando há visibilidade entre eles (ALIBALI *et al.*, 2011; MOL *et al.*, 2009), quando a informação é relevante para os interlocutores (KELLY; BYRNE; HOLLER, 2011) ou quando há ambiguidade no enunciado (HINNEL; PARRILL, 2020). De um modo geral, os gestos são analisados em relação aos propósitos comunicativos dos falantes e às pistas visuais que os acompanham (TORREIRA; WALTERSSON, 2015), à expressão de entendimento e mal-entendido em uma conversa (BARKHUYSEN *et al.*, 2005), e, finalmente, no que se refere ao nível de processamento cognitivo, ao ato de compreender e responder em uma interação comunicativa, como em uma conversa (BARKHUYSEN *et al.*, 2008).

Como ressaltado por Kraemer e Swerts (2009), estudos multimodais realizados vêm contemplando as várias funções da prosódia: des-

de o nível linguístico, como a entoação de tipos de sentenças (HOUSE, 2002; SRINIVASAN; MASSARO, 2003; BORRÀS-COMES; PRIETO, 2011; CRUZ *et al.*, 2017), a segmentação da fala (DE LA CRUZ-PAVÍA *et al.*, 2019), a definição de unidades discursivas, como a marcação de foco (CAVÉ *et al.*, 1996; KRAHMER; SWERTS, 2004; 2007; SWERTS; KRAHMER, 2008) até o nível expressivo, como a manifestação de atitudes e emoções (EKMAN, 1979; KRAHMER; SWERTS, 2005; CRESPO SENDRA *et al.*, 2013).

Neste capítulo, os gestos faciais relacionados com funções linguísticas da prosódia da fala serão analisados em dados do português brasileiro (doravante, PB).

No que se refere à análise visual da prosódia da fala, muitos trabalhos fazem uso do Sistema de Codificação de Ação Facial (*Facial Action Coding System-FACS*) desenvolvido por Ekman, Friesen e Hager (2002), que define as mudanças momentâneas na face produzidas por atividades musculares como *Action Units* (AU). Nesse sistema, a face é dividida em duas regiões nas quais as Unidades de Ação (AU, doravante) podem ser reconhecidas: a face superior (*upper face*) que inclui as sobrancelhas, testa e pálpebras e a face inferior (*lower face*) que, por sua vez, se refere a músculos que se localizam na região entre o nariz e a boca, podendo ser dividida em cinco grupos de ações: para cima/para baixo, horizontal, oblíquo, orbital e variadas. Por meio deste sistema de codificação, é possível descrever em detalhes a composição das expressões faciais produzidas pelos falantes.

O objetivo deste capítulo é explorar a contribuição dos gestos faciais na percepção de duas funções pragmáticas transmitidas pela prosódia do PB, a saber: a entoação modal e o foco.

1A EXPRESSÃO DA ENTOAÇÃO MODAL

A entoação modal pode ser vista como a propriedade da prosódia de distinguir tipos de enunciados, como asserção, interrogação, exclamação

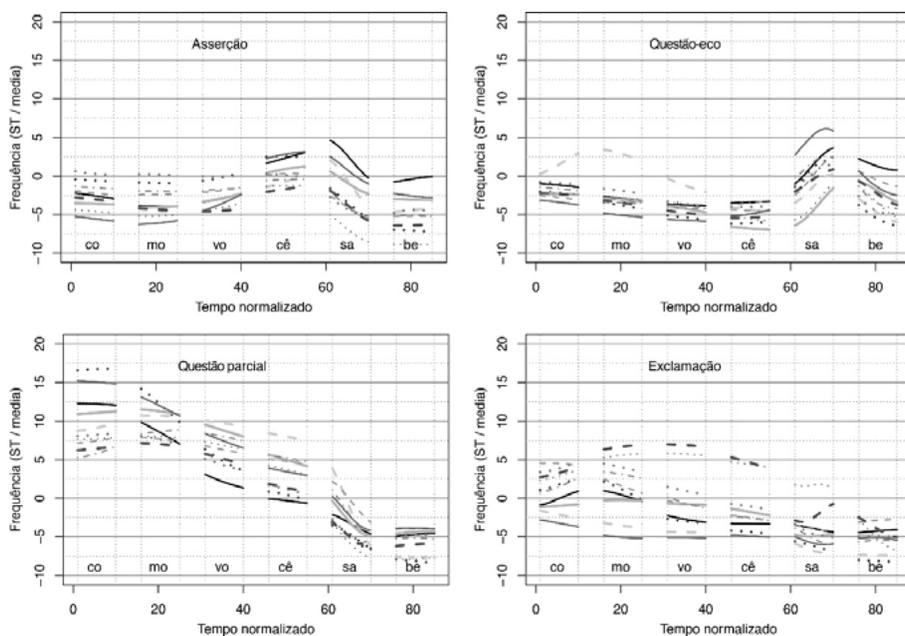
mação, ordem, etc. e seus subtipos (FÓNAGY, 1993). Segundo os estudos de prosódia audiovisual, resultados em diversas línguas apontam que as pistas acústicas e visuais estão integradas na percepção da fala, como a entoação de perguntas no sueco (HOUSE, 2002), no inglês americano (SRINIVASAN; MASSARO, 2003), no catalão (BORRÀS COMES; PRIETO, 2011) e no português europeu (CRUZ; SWERTS; FROTA, 2017). A questão parcial e a exclamação, por sua vez, já foram analisadas no italiano (GILI FIVELA, 2015). No PB, além dos resultados preliminares sobre a questão total apresentados em Peres *et al.* (2010), a tese de Miranda (2019) também evidencia essa integração perceptiva de pistas acústicas e visuais na análise da entoação modal.

Nesta seção, apresentam-se resultados de uma análise multimodal da asserção, da questão-eco, da questão parcial e da exclamação do português brasileiro. Do ponto de vista ilocucionário (SEARLE, 1969), o falante produz uma asserção para apresentar uma informação nova, enquanto, na questão-eco, o falante quer verificar se compreendeu de maneira precisa o que foi dito anteriormente pelo seu interlocutor. Na questão parcial, busca-se uma informação especificada pela palavra interrogativa e, na exclamação, o falante expressa uma reação (ex.: espanto, admiração ou indignação) sobre um evento ou ao que foi dito pelo interlocutor. Uma única frase “Como você sabe” foi usada para a produção dos quatro atos de fala, construindo, assim, um paralelismo para analisar os parâmetros acústicos de F0, intensidade e duração.

No que se refere à prosódia desses quatro atos de fala no PB, especificamente ao canal auditivo, a diferença entre a asserção e a questão total, encontra-se na região nuclear, isto é, no final do contorno entonacional. Foi verificado que um movimento descendente de F0 sobre a tônica final no primeiro deles e um movimento ascendente de F0 sobre a mesma sílaba no segundo, um resultado que está de acordo com descrições anteriores (FROTA *et al.*, 2015; MORAES, 2008). A distinção entre a questão parcial e a exclamação, por sua vez, está tanto na região pré-nuclear, isto é, no início do contorno entonacional,

onde o ataque de F0 é mais alto na questão parcial do que na exclamação, quanto na região nuclear, posto que a questão parcial apresenta um movimento descendente de F0 sobre a sílaba tônica final mais íngreme do que o da exclamação. Esta descrição também vai ao encontro de resultados prévios disponíveis na literatura (CUNHA, 2016; MORAES, 2008; MIRANDA, 2015; OLIVEIRA; PACHECO; OLIVEIRA, 2014). A ilustração dos respectivos contornos entonacionais pode ser vista na Figura 1.

Figura 1 – Contornos entonacionais da asserção (acima, à esquerda), questão-eco (acima, à direita), questão parcial (abaixo, à esquerda) e exclamação (abaixo, à direita)

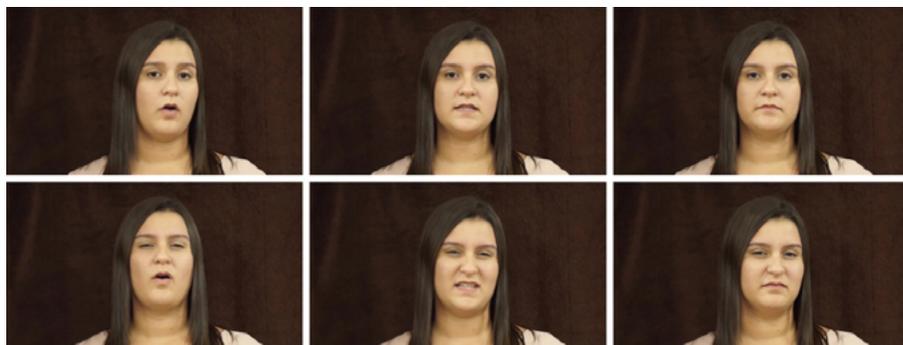


Fonte: Miranda *et al.* (2020).

No tocante aos gestos faciais que acompanham a entoação dos quatro atos de fala, um conjunto de vinte unidades de ação (AUs) foi usado para descrever as expressões faciais, com enfoque na face superior e inferior. Como resultado da descrição visual, foi constatado

que as asserções são produzidas com levantamento ou abaixamento de sobrancelha e movimento de cabeça para a esquerda (MIRANDA *et al.*, 2020), enquanto na expressão facial das questões-eco, pode-se verificar um abaixamento de sobrancelha e um movimento de contração dos olhos (MIRANDA *et al.*, 2021).

Figura 2 – Expressões faciais do INF 2 verificadas durante a produção do enunciado ‘Como você sabe’ como asserção (acima), com levantamento de sobrancelhas (AU 2) e cabeça inclinada para a esquerda (AU 55), e como questão-eco (abaixo), com movimento de abaixamento de sobrancelha (AU 4) e olhos apertados (AU 7)



Fonte: Miranda *et al.* (2020).

Nas questões parciais, as pistas visuais mais salientes são o abaixamento de sobrancelha e um movimento de cabeça para a direita (MIRANDA *et al.*, 2019; 2020). Nas exclamações, a expressão facial apresenta um movimento de cabeça para cima e para baixo acompanhado de um levantamento de sobrancelha e de canto de lábio e lábio separado, o que produz um sorriso na face do falante (MIRANDA *et al.*, 2019; 2020).

Figura 3 – Expressões faciais do INF 4 verificadas durante a produção do enunciado ‘Como você sabe’ como questão parcial (acima), com movimento de abaixamento de sobrancelhas (AU 4) e movimento de cabeça para a direita (AU 52), e como exclamação (abaixo), com levantamento do canto superior dos lábios (AU 12), lábios separados (AU 25) e movimento de cabeça para cima e para baixo (AU 85).



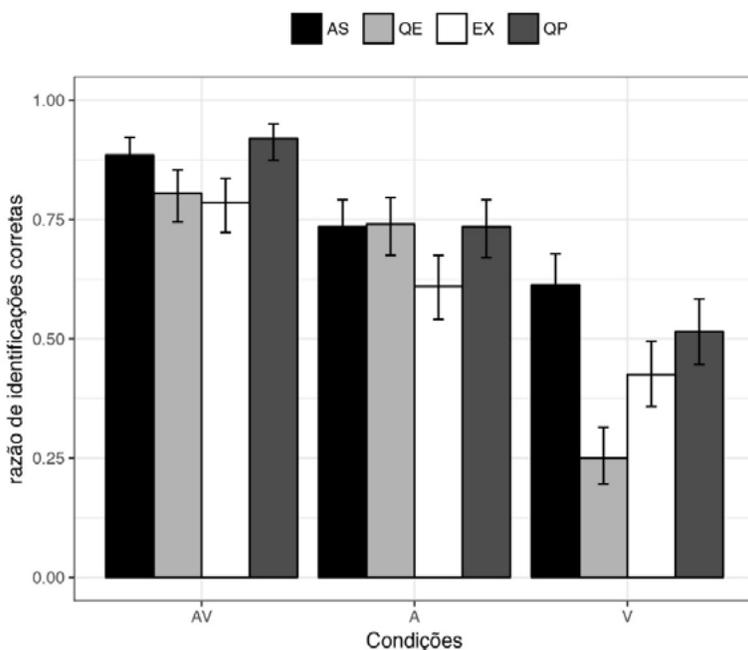
Fonte: Miranda *et al.* (2020).

Portanto, pode-se constatar que há pistas específicas que sinalizam a intenção comunicativa do falante tanto no canal auditivo quanto no canal visual.

Um experimento de percepção foi elaborado com o objetivo de verificar se a adição do canal visual facilitaria a identificação da entoação dos quatro atos de fala analisados. O *corpus* do estudo era constituído da frase “*Como você sabe*”, que, como já mencionado, foi utilizada para a produção dos quatro atos de fala analisados. No experimento, havia três condições de apresentação de estímulos: somente áudio (A), somente vídeo (V) e áudio combinado com vídeo (AV). Em cada uma dessas condições, foram incluídos quarenta estímulos. A tarefa dos participantes no experimento era escolher se o estímulo era uma “asserção”, “pergunta confirmativa” (questão-eco), “exclamação” ou “pergunta objetiva” (questão parcial). Sessenta participantes brasileiros fizeram a tarefa do experimento de percepção, sendo vinte em cada condição de apresentação dos estímulos. Neste experimento, não era permitido que o mesmo participante fizesse o teste em mais

de uma condição experimental. Na Figura 4, os resultados do experimento perceptivo de identificação dos atos de fala podem ser vistos.

Figura 4 – Taxa de identificação da asserção (AS), questão-eco (QE), exclamação (EX) e questão parcial (QP) nas condições de apresentação dos estímulos audiovisuais (AV), somente áudio (A) e somente vídeo (V).



Fonte: Miranda *et al.* (2020)

Na regressão logística aplicada aos dados do experimento de Miranda (2019), o fator “condição de apresentação de estímulos” com três níveis (AV, A e V) e o fator “atos de fala” com quatro níveis (asserção, questão-eco, questão parcial e exclamação) foram incluídos. Os dois fatores foram significativos e, em seguida, nas comparações *post-hoc* (HSD de Tukey), a análise mostrou que a apresentação bimodal (AV) dos estímulos melhorou significativamente o desempenho dos participantes, quando comparada às condições somente áudio (A) e somente vídeo (V). Estes resultados corroboraram estudos an-

teriores na literatura da área que indicam que a percepção da entoação de asserções, perguntas e exclamações é multimodal (BORRÀS-COMES; PRIETO, 2011; CRUZ *et al.*, 2017; GILI FIVELA, 2015; HOUSE, 2002; SRINIVISAN; MASSARO, 2003).

Observando a Figura 4, nota-se que a condição audiovisual (AV) obteve o maior nível de identificação dos atos de fala, seguida da condição somente áudio (A) e, por fim, a condição visual (V). Este alto reconhecimento de todos os atos de fala na condição áudio (A) mostra a robustez das pistas acústicas quando são apresentadas isoladamente, em comparação com a apresentação de pistas visuais isoladas, isto é, na condição vídeo (V), onde os atos de fala foram menos reconhecidos. No entanto, quando as pistas auditivas e visuais são apresentadas em conjunto, a identificação perceptiva dos atos de fala aumenta de modo significativo, seja nos atos de fala reconhecidos de maneira bastante expressiva nas condições monomodais (ex.: asserção e questão parcial), seja nos atos de fala que apresentam um menor reconhecimento nessas condições (ex.: exclamação).

Em particular, a apresentação da questão-eco na condição somente vídeo (V) recebeu porcentagem de identificação comparável a respostas ao acaso (25%). Uma possível explicação para esse resultado poderia ser decorrente do fato de a produção da questão-eco ter sido acompanhada de incredulidade. Portanto, isso pode ter dificultado a identificação visual desse ato de fala no experimento perceptivo, já que não havia um único padrão de produção da questão-eco, em termos de pistas visuais.

Portanto, esta análise buscou investigar a contribuição do canal visual, através da adição de expressões faciais, para o reconhecimento perceptivo da entoação de asserções, questões-eco, questões parciais e exclamações. Foi verificado que os gestos facilitam a compreensão dos quatro atos de fala do PB (asserção, questão-eco, questão parcial e exclamação), uma vez que o canal visual apresentou um efeito

na identificação correta da prosódia de atos de fala. Em outras palavras, os gestos faciais também expressam significados que estão relacionados com o propósito comunicativo do falante.

2 A EXPRESSÃO DO FOCO

Em relação à focalização, seu estudo multimodal vem sendo realizado em diversas línguas, como Krahmer e Swerts (2002; 2004) para o holandês e Krahmer e Swerts (2007), em estudo comparativo entre o holandês e o italiano, Dohen e Loevenbruck (2009), para o francês, Prieto *et al.* (2011), Borràs-Comes e Prieto (2011) e Prieto *et al.* (2015), para o catalão, dentre outros. Mais recentemente, o trabalho de Cruz, Swerts e Frota (2017) e a tese de Carnaval (2021) abordaram a percepção multimodal de diferentes tipos de foco no Português Europeu (PE) e no Português do Brasil (PB), respectivamente.

Primeiramente, é necessário que o conceito de Foco seja delimitado. Este encontra-se em estreita relação com a Estrutura da Informação, sendo uma categoria que carrega a noção de informação nova dentro de um contexto discursivo. Para Halliday (1967), o Novo refere-se à informação não recuperável discursivamente, em oposição ao Dado, informação passível de ser recuperada no discurso. Em uma abordagem cognitiva, Chafe (1976) trata da categoria de Foco a partir da representação mental de referentes no contexto discursivo, que podem ser (i) recentemente ativado (*newly activated*) ou (ii) previamente ativado (*already activated*). Firbas (1964, 1992) e Daneš (1968), na abordagem da *Functional Sentence Perspective*, utilizam-se do grau de dinamismo comunicativo (*Communicative Dynamism* – CD) para caracterizar elementos remáticos (aqueles com maior dinamismo comunicativo, responsáveis pela progressão comunicativa), e elementos temáticos (com menor dinamismo comunicativo e, conseqüentemente, menor contribuição para o discurso).

Prince (1981) entende as noções de Dado e Novo a partir de uma perspectiva gradiente, propondo a noção de “Familiaridade

Presumida” (*Assumed familiarity*), definindo três categorias de referentes: Novo, Inferível e Evocado. Já Lambrecht (1994) define o Foco como uma categoria pragmática, que estabelece relação entre o termo que constitui o foco e a proposição em que este se encontra. É importante destacar que, em todas as abordagens citadas, a categoria de Foco é estreitamente relacionada à entoação, sendo o Foco o elemento que carrega a proeminência prosódica de um enunciado.

Como pode ser percebido, as diferentes abordagens sobre a categoria de Foco o relacionam a uma oposição (ou gradiência) entre os conceitos de Dado e Novo no discurso. Gussenhoven (2006) aponta que a expressão do foco denota muito mais do que o estatuto informacional de um referente discursivo, podendo veicular diferentes valores semântico-pragmáticos. Dik (1980; 1997), concebendo o foco para além de seu empacotamento informacional, também considera os diferentes sentidos que o foco pode atribuir a uma situação comunicativa, estabelecendo, assim, diferentes tipos de foco, de acordo com sua categorização semântico-pragmática. Neste capítulo, apresentamos três tipos de foco que carregam a noção de contraste em relação a uma informação prévia no discurso. Assim, no modo assertivo, exploramos o Foco Contrastivo (FC) e o Foco Atenuado (FAT), ao passo que, no modo interrogativo, trabalhamos com o Foco com Estranheza (FE). Tratamos, aqui, de diferentes nuances de contraste transmitidas a partir do processo de focalização.

No modo assertivo, a focalização pode assumir seja um valor de contraste explícito, no caso do Foco Contrastivo (FC), como também um contraste suavizado, no caso do Foco Atenuado (FAT). Em relação a seu contexto de produção, o Foco Contrastivo (FC) caracteriza-se por uma atitude corretiva por parte do falante, que, considerando uma informação transmitida previamente como falsa, a nega cabalmente, introduzindo, assim, uma informação nova no discurso, o foco, que o falante julga ser a verdadeira. Este tipo de foco foi também denominado foco corretivo por Gussenhoven (2006) e foco contra-asser-

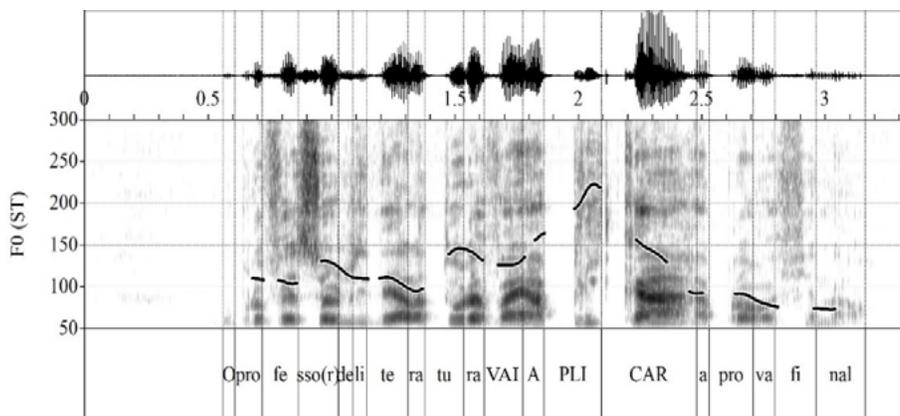
tivo por Dik (1980). Sua produção pode estar relacionada à seguinte situação comunicativa:

(1) A: O João está de férias.

B: [O Pedro]_{FOCO CONTRASTIVO} está de férias.

Neste contexto, o falante A afirma que “O João está de férias”, ao que o falante B, julgando esta proposição falsa, replica que “O Pedro está de férias”, implicando que quem está de férias é Pedro, e não João. Prosodicamente, descrevemos este tipo de foco a partir de um padrão melódico ascendente-descendente, com subida sobre a sílaba pretônica focal e queda sobre a sílaba tônica focal. Na porção pós-focal, realiza-se um *deaccenting* (redução do nível melódico global do enunciado). Além disso, ressalta-se um reforço duracional das sílabas focais, especialmente da tônica. A figura 5, retirada de Carnaval (2021), ilustra o padrão melódico de FC no enunciado “O professor de literatura vai aplicar a prova final”, em que o foco contrastivo recai sobre a palavra prosódica “vai aplicar”.

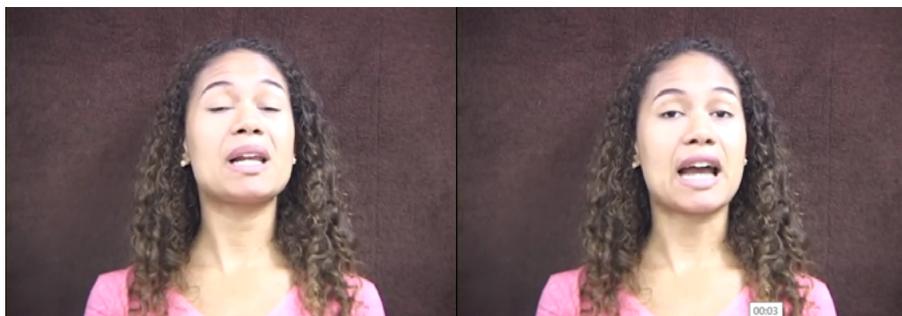
Figura 5 – Contorno melódico do enunciado *O professor de literatura vai aplicar a prova final*, pronunciado com Foco Contrastivo (FC) sobre *vai aplicar*, por informante masculino



Fonte: Carnaval (2021).

Em relação à prosódia visual, a produção de FC é caracterizada pelo movimento de levantamento de sobrancelhas, sincronizado com o movimento melódico ascendente, além da realização de um aceno de cabeça, como ilustra a figura 6.

Figura 6 – Produção visual do enunciado *O professor de literatura vai aplicar a prova final*, pronunciado com Foco Contrastivo (FC) sobre *vai aplicar*, por informante feminino. A captura das imagens foi realizada sobre a produção das sílabas pretônica [pli] (à esquerda) e tônica ['ka] (à direita) focais



Fonte: Carnaval (2021).

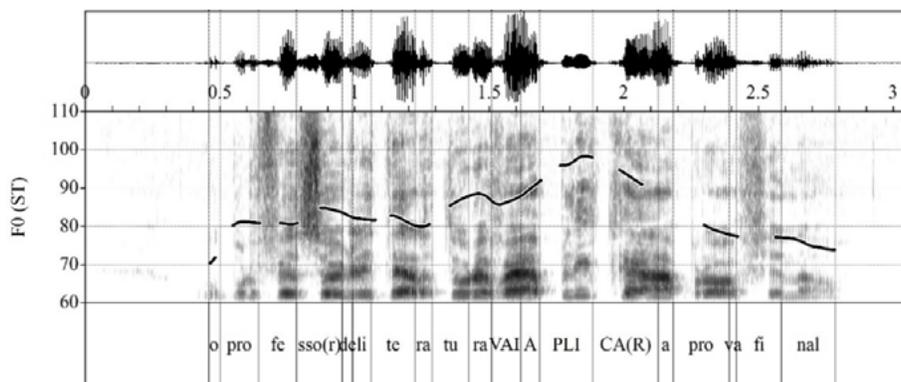
Por sua vez, o Foco Atenuado (FAT) consiste em um contraste suave, como mencionado anteriormente, tendo em vista que tanto a informação prévia quanto a informação nova são consideradas potenciais verdades simultâneas pelo falante, isto é, uma não exclui a outra necessariamente. Esse tipo de foco também é denominado foco não exaustivo em Moraes (2006), em trabalho sobre a focalização no PB, e por Elordieta e Irutzun (2009), em trabalho sobre a focalização no Catalão. Seu contexto de produção é dado em (2), em que o falante A, ao dizer que “O João está de férias”, recebe como resposta do falante B que “O Pedro está de férias”, implicando que, de acordo com o conhecimento de B, Pedro está de férias, mas talvez João também esteja.

(2) A: O João está de férias.

B: [O Pedro]_{FOCO ATENUADO} está de férias.

Em Carnaval (2021), foram encontrados dois padrões melódicos para FAT. O padrão 1 é, assim como FC, caracterizado pelo movimento ascendente sobre a pretônica focal e descendente sobre a tônica focal. No entanto, sua implementação em FAT é diferente, visto que o movimento de descida inicia na sílaba tônica, porém, não atinge tom melódico baixo sobre esta, como ocorre na descida mais brusca em FC. Ao contrário, em FAT, como apresenta a figura 7, a porção descendente é mais gradual, atingindo tom melódico baixo apenas ao final do enunciado. Observa-se também que há um reforço duracional sobre as sílabas focais, especialmente a tônica, porém, não tão expressivo como aquele verificado em FC.

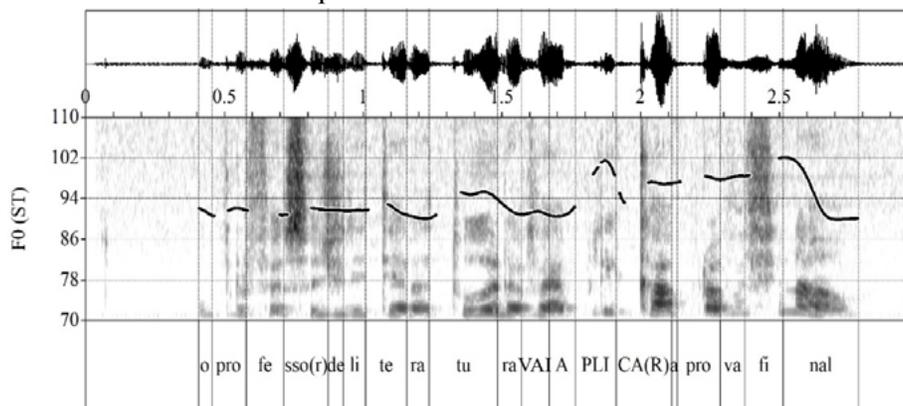
Figura 7 – Contorno melódico do enunciado *O professor de literatura vai aplicar a prova final*, pronunciado com Foco Atenuado (FAT) – padrão 1-sobre *vai aplicar*, por informante masculino



Fonte: Carnaval (2021).

O padrão 2, apresentado na figura 8, caracteriza-se melodica-mente pela manutenção de um nível melódico alto atingido na pretônica focal até a sílaba nuclear, posição em que apresenta o movimento descendente.

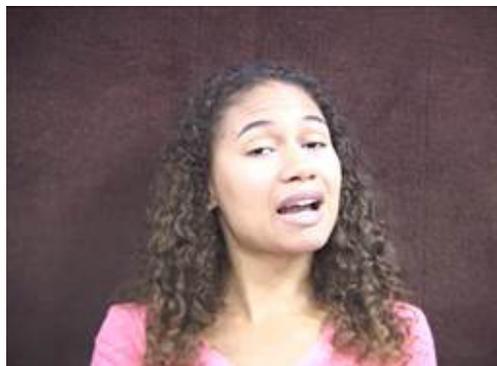
Figura 8 – Contorno melódico do enunciado *O professor de literatura vai aplicar a prova final*, pronunciado com Foco Atenuado (FAT) – padrão 2–sobre *vai aplicar*, por informante masculino



Fonte: Carnaval (2021).

Visualmente, o Foco Atenuado caracteriza-se por um movimento de rotação e inclinação da cabeça, além de uma assimetria no movimento das sobrancelhas. Ao contrário de FC, em FAT, os gestos faciais não estão sincronizados a um ponto específico do enunciado, mas se mantêm durante toda a sua produção.

Figura 9 – Produção visual do enunciado *O professor de literatura vai aplicar a prova final*, pronunciado com Foco Atenuado (FAT) sobre *vai aplicar*, por informante feminino. A captura das imagens foi realizada sobre a produção da sílaba tônica focal ['ka]



Fonte: Carnaval (2021).

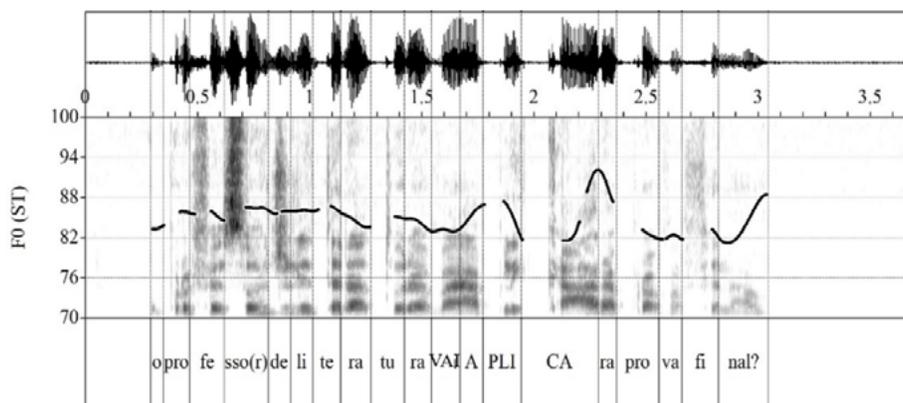
Por fim, apresentamos a descrição do Foco com Estranheza (FE), tipo de foco de contraste no modo interrogativo. Este tipo de foco foi referenciado como “pergunta surpresa” (*surprise question*) por Truckenbrodt, Sandalo e Abaurre (2008). Sua produção ocorre em um contexto como o ilustrado em (3), em que o falante A declara que “O João está de férias”, ao passo que o falante B, buscando a confirmação da informação de que é mesmo o João que está de férias (e não o Pedro, por exemplo), pergunta “O João está de férias?”, transmitindo o valor de estranheza sobre o foco “O João”, marcando o contraste na interrogação em relação a uma informação prévia.

(3) A: O João está de férias.

B: [O João]_{FOCO COM ESTRANHEZA} está de férias?

O padrão melódico de FE é caracterizado em Carnaval (2021) por uma dupla subida melódica, com o primeiro pico sobre a pretônica focal e o segundo pico sobre a tônica focal. Além disso, sobre a tônica nuclear, sílaba final do enunciado, há também um movimento ascendente que caracteriza o modo interrogativo.

Figura 10: Contorno melódico do enunciado *O professor de literatura vai aplicar a prova final*, pronunciado com Foco com Estranheza (FE) por informante masculino



Fonte: Carnaval (2021).

A produção visual de FE é marcada, sobretudo, pelo movimento de franzimento de sobrancelhas, que se mantém durante toda a performance do falante.

Figura II – Produção visual do enunciado *O professor de literatura vai aplicar a prova final?*, pronunciado com Foco com Estranheza (FE) sobre *vai aplicar*, por informante feminino. A captura das imagens foi realizada sobre a produção da sílaba tônica focal [‘ka]



Fonte: Carnaval (2021).

Descritas as produções audiovisuais dos três tipos de foco de contraste considerados, apresentamos em seguida resultados de teste perceptivo para identificação do tipo de foco, aplicado em Carnaval (2021), de modo que possam ser discutidas a contribuição das pistas visuais para a percepção de FC, FAT e FE. O experimento consistiu na apresentação de estímulos produzidos a partir do enunciado “O professor de literatura vai aplicar a prova final”. Tais produções poderiam ser somente auditivas (A), somente visuais (V) e audiovisuais (AV), sendo apresentadas aleatoriamente a 24 juízes, que deveriam indicar qual valor semântico tais estímulos apresentavam.¹ Ressalta-se que, neste ex-

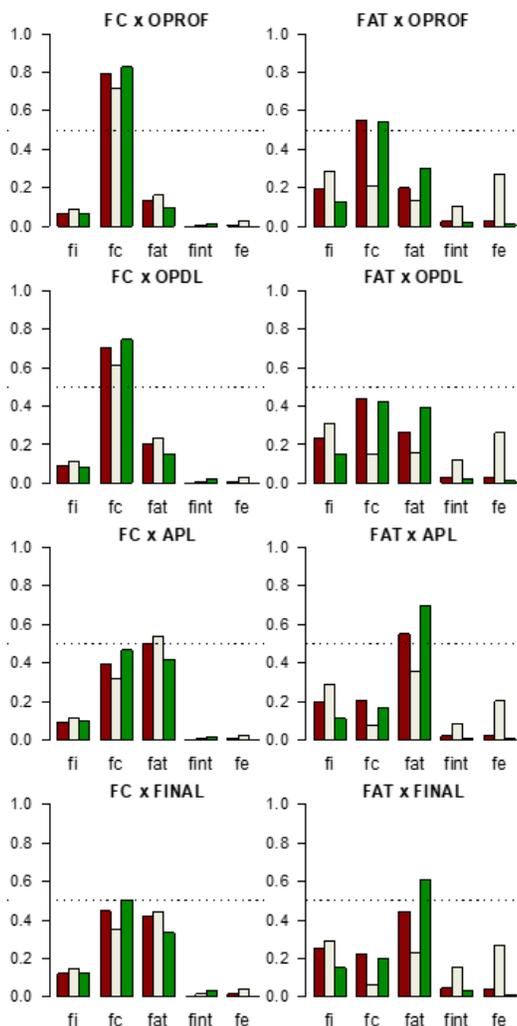
1 Neste teste perceptivo, além dos três tipos de foco aqui apresentados, também foram considerados mais dois tipos: o Foco Informacional (FI), na asserção, e o Foco Interrogativo Neutro (FINT), na interrogação. Desse modo, foram avaliados, no total, 240 estímulos. É importante ressaltar que FE não era o único tipo de foco do modo interrogativo, não havendo, portanto, reconhecimento do tipo de foco apenas pelo modo. Para mais detalhes, consultar Carnaval (2021).

perimento, o foco poderia recair em diferentes posições do enunciado: ao início, na palavra prosódica “O professor”, e no sintagma “O professor de literatura”; medial, na palavra prosódica “vai aplicar”; em fronteira, na palavra prosódica “final”. As produções, apresentadas em plataforma digital, podiam ser repetidas a quantidade de vezes que o juiz achasse necessária e o teste apresentou duração média de 20 minutos.

A análise estatística apontou três fatores significativos na distribuição das respostas dos juízes: o Tipo de Foco; o Constituinte Focalizado; a interação entre o Tipo de Foco e a Modalidade de apresentação dos estímulos (A, V e AV). A distribuição dos dados permitiu-nos observar dois pontos interessantes em relação aos tipos de foco aqui considerados: (1) uma relação complementar entre FC e FAT, a depender da posição do constituinte focalizado; (2) a prototipicidade de FE. Comentaremos tais pontos, dando ênfase ao papel das pistas visuais, os gestos, na identificação destes tipos de foco.

No que concerne ao ponto (1), foi observado que as produções de Foco Contrastivo apresentaram maior identificação quando o constituinte focalizado ocorria em posição inicial, enquanto, para o Foco Atenuado, houve maior identificação de seu valor semântico-pragmático quando o constituinte focalizado se encontrava em posição medial ou final de enunciado. Assim, atesta-se aqui o efeito do fator Constituinte focalizado. O gráfico na figura 12, apresentada em seguida, mostra a distribuição de respostas (no eixo horizontal: fi, fc, fat, fint e fe) para cada constituinte focalizado nas três modalidades apresentadas (AU em grená; VI em branco; AV em verde). Percebe-se que, à esquerda, os dados de FC apontam alta identificação (atribuição da resposta “fc” aos estímulos) nas duas primeiras linhas, relativas aos constituintes “O professor” (OPROF) e “O professor de literatura” (OPDL), enquanto as duas últimas linhas, relativas aos constituintes medial e de fronteira, apresentam uma queda expressiva na identificação do tipo de foco. À direita, para FAT, há uma distribuição oposta, já que os maiores níveis de identificação ocorrem nas duas últimas linhas, com foco em posição medial, em “vai aplicar” (APL), e de fronteira, em “final” (FINAL).

Figura 12 – conjunto de gráficos de barra apresentando a taxa de identificação (entre 0 e 1, eixo vertical) das diferentes categorias de respostas (eixo horizontal – fi, fe, fat, fint e fe). A coluna à direita apresenta os gráficos para o Foco Contrastivo (FC) e a coluna à esquerda para o Foco Atenuado (FAT), sobre os constituintes focalizados (OPROF, OPDL, APL e FINAL); as cores representam as diferentes Modalidades de apresentação dos estímulos (grená: AU; branco: VI; verde: AV). A linha pontilhada na direção horizontal indica o nível de identificação de 0.5

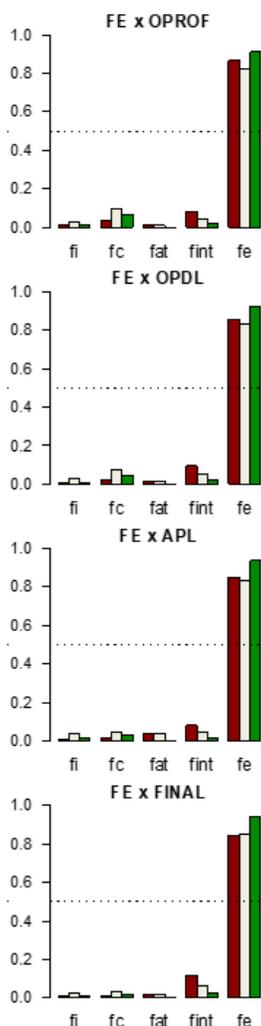


Fonte: Carnaval (2021).

Observa-se, no entanto, que, mesmo nas posições em que FC e FAT apresentam menor identificação, a modalidade audiovisual (AV), isto é, a conjugação das pistas visuais às auditivas, otimiza a identificação das nuances de cada tipo de foco. Assim, FC e FAT parecem ser interpretados dentro da categoria maior de contraste, no entanto, a depender da localização, inicial, para FAT, ou medial e final, para FC, esta interpretação pode ser refinada pela modalidade AV, distinguindo o valor de correção explícita de FC do de correção atenuada de FAT. No caso de FAT, podemos dizer que este efeito é ainda mais relevante, tendo em vista a maior diferença de identificação entre a modalidade AV e as modalidades A e V, em posição inicial. Há, aqui, o efeito da interação entre o Tipo de Foco e a Modalidade de apresentação, já que as pistas visuais, quando ocorrem isoladamente, não se apresentam distintivas, mas, quando conjugadas às auditivas, na modalidade AV, otimizam seus níveis de identificação.

Em relação ao ponto (2), sobre a prototipicidade do Foco com Estranheza no modo interrogativo, podemos afirmar que este tipo de foco apresenta alta identificação nas três modalidades consideradas, como pode ser observado na figura 13, confirmando a robustez de suas pistas acústicas e visuais, em ocorrência isolada ou simultânea. No entanto, é possível perceber que, ainda assim, a modalidade AV otimiza níveis de identificação que já eram bastante expressivos nas demais modalidades.

Figura 13 – conjunto de gráficos de barra apresentando a taxa de identificação (entre 0 e 1, eixo vertical) das diferentes categorias de respostas (eixo horizontal – fi, fc, fat, fint e fe). A coluna apresenta os gráficos para o Foco com Estranheza (FE), sobre os constituintes focalizados (OPROF, OPDL, APL e FINAL); as cores representam as diferentes Modalidades de apresentação dos estímulos (grená: AU; branco: VI; verde: AV). A linha pontilhada na direção horizontal indica o nível de identificação de 0.5



Fonte: Carnaval (2021)

Portanto, em relação aos diferentes valores semântico-pragmáticos atribuídos pelo processo de focalização e, em especial, às três nuances de contraste aqui apresentadas, não é possível elaborar generalizações sobre o papel das pistas visuais, tendo em vista que estas apresentam relevância a depender do tipo de foco. Como descrito acima, o Foco com Estranheza (FE), na interrogação, sofre otimização com a ocorrência simultânea destas pistas na modalidade audiovisual. Já para o Foco Contrastivo (FC) e, especialmente, para o Foco Atenuado (FAT), na asserção, a integração dos gestos visuais à produção acústica otimiza suas identificações, em graus que dependem da posição do constituinte focalizado.

A focalização, tradicionalmente tratada como uma função linguística da prosódia, poderia aqui ser discutida em termos de uma possível associação com uma função mais expressiva da entoação, ao serem observados os distintos resultados perceptivos na identificação dos valores de contraste veiculados, quando observada a produção dos gestos na expressão do foco. Para o Foco Contrastivo (FC), que apresenta um valor de contraste explícito em relação a uma informação anterior, observou-se que a ocorrência dos movimentos é bastante pontual, lançando luz sobre o termo focalizado. Já para o Foco Atenuado (FAT) e o Foco com Estranheza (FE), o estabelecimento do contraste não é tão explícito, tendo em vista que ambos os focos parecem pertencer a uma categoria semântica mais geral de “incerteza”, não sendo possível negar cabalmente a informação fornecida previamente. Assim, ambos os tipos apresentam a produção dos gestos durante toda a emissão do enunciado, não recaindo sobre uma parte específica. Poderíamos aventar, aqui, uma certa aproximação com uma função mais expressiva, denotando ora uma atitude conciliadora, que trata as duas informações em contraste como potenciais verdades simultâneas, no caso de FAT, ora uma atitude mais explícita de dúvida, que coloca em xeque a informação anterior, buscando confirmar sua veracidade, ao imprimir a nuance de estranheza à produção do foco, no caso de FE. Portanto,

os gestos permitem que a focalização seja analisada também sob um prisma expressivo, e não somente linguístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, apresentamos uma análise experimental que trata da relação entre a fala e os gestos na percepção de duas funções pragmáticas da prosódia: a distinção de tipos de enunciados e a focalização. Na seção 2, os resultados do experimento perceptivo de identificação da entoação modal mostraram que o índice de reconhecimento dos quatro atos de fala aumentou quando o canal visual foi adicionado, o que nos permite concluir que os gestos faciais estão a serviço de funções pragmáticas fundamentais, como fazer uma pergunta, respondê-la ou emitir uma exclamação. Na seção 3, a relação entre a percepção dos gestos e a identificação das diferentes nuances de contraste em cada tipo de foco aqui analisado se expressou em duas vertentes: no modo assertivo, o canal visual atua de forma colaborativa, a depender da localização do constituinte focalizado, enquanto, no modo interrogativo, a expressão do contraste é otimizada a partir da integração com o canal visual sem restrições em relação a outros fatores.

Ambos os resultados dos experimentos perceptivos relatados corroboram o pressuposto de que os falantes utilizam gestos como uma parte integral do ato de produzir um enunciado (KENDON, 2004, p. 5). Por isso, além da expressão verbal, as informações que o falante almeja comunicar e que estão ligadas, portanto, a seus propósitos comunicativos também são transmitidas através de gestos faciais. A integração de pistas acústicas e visuais na identificação dos atos de fala e do foco verificada nas seções 2 e 3 deste capítulo corrobora estudos multimodais anteriores que trataram de fenômenos prosódicos em outras/diversas línguas.

REFERÊNCIAS

- ALIBALI, M.; SPENCER, R. C.; KNOX, L.; KITA, S. Spontaneous Gestures Influence Strategy Choices in Problem Solving. **Psychological Science**, v. 22, n. 9, p. 1138-44, 2011. DOI: 10.1177/0956797611417722
- BARKHUYSEN, P.; KRAHMER, E.; SWERTS, M. Problem detection in human-machine interactions based on facial expressions of users. **Speech Communication**, n. 45, p. 343–359, 2005.
- BARKHUYSEN, P.; KRAHMER, E.; SWERTS, M. The interplay between the auditory and visual modality for end-of-utterance detection. **Journal of the Acoustical Society of America**, 123, p. 354–365, 2008.
- BORRÁS-COMES, J.; PRIETO, P. ‘Seeing tunes.’ The role of visual gestures in tune interpretation. **Laboratory Phonology**, v. 2, n. 2, p. 355–380, 2011. Disponível em: <<https://www.degruyter.com/view/j/lp.2011.2.issue2/labphon.2011.013/labphon.2011.013.xml>>. Acesso em: 18 abr. 2017.
- CARNAVAL, M. **Focalização no português do Brasil: um estudo multimodal**. Rio de Janeiro, 2021. 303 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa) –Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.
- CAVÉ, C.; GUAÏTELLA, I.; BERTRAND, R.; SANTI, S.; HARLAY, F.; ESPESSER, R. About the relationship between eyebrow movements and F0 variations. **Proceedings of the ICSLP**, Philadelphia, p. 2175–2179, 1996.
- CECCHETTO, C. Sentence types. In: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie. (eds.). **Sign Language — An International Handbook**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2012. p. 292-315.
- CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics, and point of view. In: LI, Charles N. (ed.). **Subject and topic**. Nova York: Academic Press, 1976.
- CRESPO-SENDRA, V. C., KALAND, C., SWERTS, M. PRIETO, P. Perceiving incredulity: The role of intonation and facial gestures. **Journal of Pragmatics**, v. 47, n. 1, 2013.
- CRUZ, M.; SWERTS, M.; FROTA, S. The role of intonation and visual cues in the perception of sentence types: Evidence from European Portuguese varieties. **Laboratory Phonology**, v. 8, n. 1, p. 23, 2017. Disponível em: <<https://www>.

journal-labphon.org/articles/10.5334/labphon.110/>. Acesso em: 13 jan. 2018.

CUNHA, K. Z. **Sentenças exclamativas em português brasileiro: um estudo experimental de interface**. 2016. 450 f. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: http://fonapli.paginas.ufsc.br/files/2017/06/Tese_KarinaZendrondaCunha1.pdf. Acesso em: 26 jan. 2018.

DANEŠ, F. Some Thoughts on the Semantic Structure of the Sentence. **Lingua** 21, p. 55-69, 1968.

DE LA CRUZ-PAVÍA, I.; WERKER, J. F.; VATIKIOTIS-BATESON, E.; GERVAIN, J. Finding phrases: The interplay of word frequency, phrasal prosody and co-speech visual information in chunking speech by monolingual and bilingual adults. **Language and Speech**, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1177/0023830919842353>

DIK, S. C. **The Theory of Functional Grammar. Part 1: The Structure of the Clause**. Berlin, Nova York: Mouton de Gruyter. Edited by Kees Hengeveld. 1977.

DIK, S. C. On the typology of focus phenomena. **GLOT, Leids taalkundig bulletin**, v. 3, p. 41-74, 1980.

DOHEN, M.; LOEVENBRUCK, H. Interaction of audition and vision for the perception of prosodic contrastive focus. **Language and Speech**, v. 52, n. 2/3, p. 177-206, 2009.

EKMAN, P. About brows: Emotional and conversational signals. In: VON CRANACH, M.; FOPPA, K.; LEPENIES, W.; PLOOG, D. (eds.). **Human ethology: Claims and limits of a new discipline**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 169-202.

EKMAN, P.; FRIESEN, W.; HAGER, J. **The facial action coding system**. Salt Lake City: Research Nexus, 2002.

ELORDIETA, G.; IRURTZUN, A. The prosody and interpretation of non-exhaustive narrow focus in Basque. **Anuario del Seminario de Filología Vasca Julio de Urquijo**, n. 43, p.205-230, 2009.

FIRBAS, Jan. On defining the theme in functional sentence analysis. **Linguistics de Prague**, n. 1, p. 267-280, 1964.

FÓNAGY, I. As funções modais da entoação. (Tradução de João Antônio de Moraes). **Cadernos de estudos linguísticos**, v. 25, jul/dez, p. 25-65, 1993.

FROTA, S.; CRUZ, M.; SVARTMAN, F. R. F.; COLLISCHONN, G.; FONSECA, A.; SERRA, C. R. ; OLIVEIRA, P.; VIGARIO, M. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. *In*: FROTA, S.; PRIETO, P. (Org.). **Intonation in Romance**. 1ed. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 235-283.

GRAF, H. P; COSATTO, E.; STROM, V.; HUANG, F. J. Visual prosody: facial movements accompanying speech. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON AUTOMATIC FACE AND GESTURE RECOGNITION, 5., 2002. **Proceedings...** Washington, USA, FGR: 2002.

GILI FIVELA, B. L'integrazione di informazioni multimodali: prosodia ed espressioni del volto nella percezione del parlato. *In*: PISTOLESI, E.; PUGLIESE, R.; GILI FIVELA, B. (eds.). **Parole, gesti, interpretazioni: Studi linguistici per Carla Bazzanella**, p. 107-127. Roma: Aracne, 2015.

GUSSENHOVEN, C. Types of focus in English. *In*: LEE, C.; GORDON, M.; BURING, D. (eds.) **Topic and Focus**. Cross-linguistic Perspectives on Meaning and Intonation. Dordrecht: Springer, 2006.

HALLIDAY, M.A.K. Notes on transitivity and Theme in English Part 2. **Journal of Linguistics**, n. 3, p. 199-244, 1967.

HINNEL, J.; PARRILL, F. Gesture influences resolution of ambiguous statements of neutral and moral preferences. **Frontiers of Psychology**, n. 11, p. 587129, 2020. DOI: 10.3389/fpsyg.2020.587129.

HOUSE, D. Intonational and visual cues in the perception of interrogative mode in Swedish. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON SPOKEN LANGUAGE PROCESSING, 2002. **Proceedings....** Denver, Colorado, ICSLP: 2002. p. 1957-1960.

KRAHMER, E.; SWERTS, M. G. J. More about brows: a cross-linguistic analysis-by-synthesis study. *In*: RUTTKAY, Z.; PELACHAUD, C. (eds.). **From brows to trust: Evaluating Embodied Conversational Agents**. Alphen aan den Rijn: Kluwer Academic Publishers, 2004. p.191-216.

KRAHMER, E.; SWERTS, M. G. J. How children and adults produce and perceive uncertainty in audiovisual speech, **Language and Speech**, v. 48, n. 1, pp. 29-54, 2005.

KRAHMER, E.; SWERTS, M. G. J. Perceiving focus. *In*: LEE, C.; GORDON, M.; BÜRING, D. (eds.). *Topic and focus: Cross-linguistic perspectives on meaning and intonation. Studies in linguistics and philosophy*, n. 82, Springer, p. 121-137, 2006.

KRAHMER, E.; SWERTS, M. G. J. Audiovisual prosody: Introduction to the special issue. *Language and speech*, v. 52, n. 2-3, p. 129-133, 2009.

KELLY, S., BYRNE, K.; HOLLER, J. Raising the stakes of communication: Evidence for increased gesture production as predicted by the GSA framework. *Information*, v. 2, n. 4, p. 579-593, 2011. doi:10.3390/info2040579.

KENDON, A. Gesture and speech: two aspects of the process of utterance. *In*: KEY, M. R. (Ed.). *Nonverbal Communication and Language*. The Hague: Mouton, 1980. p. 207-227.

KENDON, A. *Gesture – Visible Action as Utterance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KRAHMER, E.; SWERTS, M. Audiovisual prosody: Introduction to the special issue. *Language and speech*, v. 52, p. 2-3, p. 129-133, 2009.

LAMBRECHT, K., *Information structure and sentence form*, Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LEVINSON, S. C.; Holler, J. The origin of human multi-modal communication. *Philosophical Transactions of The Royal Society B Biological Sciences*, B 369: 20130302.

MCNEILL, D. Growth points cross-linguistically. *In*: NUYTS, J.; PEDERSON, E. (Eds.) *Language and conceptualization*. Language, Culture, and Cognition. Nova York: Cambridge University Press, 1997. p. 190-212.

MCNEILL, D. *Hand and mind: what gestures reveal about thought*. Chicago: University of Chicago Press, 1992. p. 75-104.

MIRANDA, L. **Estudo fonético-perceptivo da entoação de enunciados assertivos, interrogativos e exclamativos no português do Brasil: uma análise multimodal**. Tese de doutoramento. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019. URL: <http://www.posvernaculas.letras.ufrj.br/pt/doutorado/teses/teses-2019/763-luma-da-silva-miranda.html>

MIRANDA, L.; SWERTS, M.; MORAES, J.; RILLIARD, A. The role of the auditory and visual modalities in the perceptual identification of Brazilian Portuguese

statements and echo questions. **Language and Speech**, v. 64, n. 1, p. 3-23, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/0023830919898886>

MIRANDA, L.; MORAES, J.; RILLIARD, A. Percepção audiovisual da entoação modal do português do Brasil. **Gradus–Revista Brasileira de Fonologia de Laboratório**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 47-70, 2020. DOI: 10.47627/gradus.v5i1.148. Disponível em: <https://gradusjournal.com/index.php/gradus/article/view/148>. Acesso em: 15 mar. 2022.

MIRANDA, L.; MORAES, J.; RILLIARD, A. Audiovisual perception of wh-questions and wh-exclamations in Brazilian Portuguese. **Proceedings of Nineteenth International Congress of Phonetic Sciences**, Melbourne, Australia, p. 2941–2945, 2019.

MIRANDA, L. **Análise da entoação do português do Brasil segundo o modelo IPO**. 2015. 160f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2015. Disponível em: <http://www.posvernaculas.letas.ufrj.br/images/Posvernaculas/3-mestrado/dissertacoes/2015/16-MirandaLS.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2015.

MOL, L.; KRAHMER, E.; SWERTS, M. Alignment in iconic gestures: does it make sense? **AVSP-2009**, p. 3-8, 2009.

MORAES, J. A. de. Variações em torno de tema e rema. **Cadernos do CNLF [Cadernos do IX Congresso Nacional de Lingüística e Filologia]** v. IX, n. 17, p. 279-289, 2006.

MORAES, J. A. The pitch accents in Brazilian Portuguese: analysis by synthesis. In: CONFERENCE ON SPEECH PROSODY, 4, 2008. **Proceedings...** Campinas, Brazil, p. 389-397, 2008.

OLIVEIRA, J.; PACHECO, V.; OLIVEIRA, M. Análise perceptual das frases exclamativas e interrogativas realizadas por falantes de Vitória da Conquista/BA. **Signum: Estudos da Linguagem**, n. 17.2, p. 354–388, 2014 DOI: 10.5433/2237-4876.2014v17n2p354.

PAIVA, F. A. S.; DE MARTINO, J. M.; BARBOSA, P. A.; BENETTI, A. B.; SILVA, I. R. Um sistema de transcrição para Língua de Sinais Brasileira: o caso de um avatar. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 12-48, 2016.

PERES, D. O.; FERREIRA NETTO, W.; MEDEIROS, B. R. O papel do estímulo visual na percepção da prosódia: um estudo experimental. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 8, p. 256-269, 2010. Disponível em: <http://www.>

revel.inf.br/files/artigos/revel_15_o_papel_do_estimulo_visual_na_percepcao_da_prosodia.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2017.

PRIETO, P.; PUGLIESI, C.; BORRÀS-COMES, J.; ARROYO, E.; BLAT, J. Crossmodal prosodic and gestural contribution to the perception of contrastive focus. **12th Annual Conference of the International Speech Communication Association Florence**, p. 28–31, ago. 2011.

PRIETO, P. Exploring the contribution of prosody and gesture to the perception of focus using an animated agent. **Journal of Phonetics**, n. 49, p. 41–54, 2015. DOI: 10.1016/j.wocn.2014.10.005

PRIETO, P.; BORRÀS-COMES, J.; CABRÉ, T.; CRESPO-SENDRA, V.; MASCARÓ, I.; ROSEANO, P.; SICHEL-BAZIN, R.; VANRELL, M. M. Intonational phonology of Catalan and its dialectal varieties. *In*: FROTA, S.; PRIETO, P. (Eds.). **Intonation in Romance**. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 9-62.

PRINCE, E. F. Toward a taxonomy of given-new information. *In*: COLE, P. (ed.) **Radical Pragmatics**. Nova York: Academic Press, 1981.

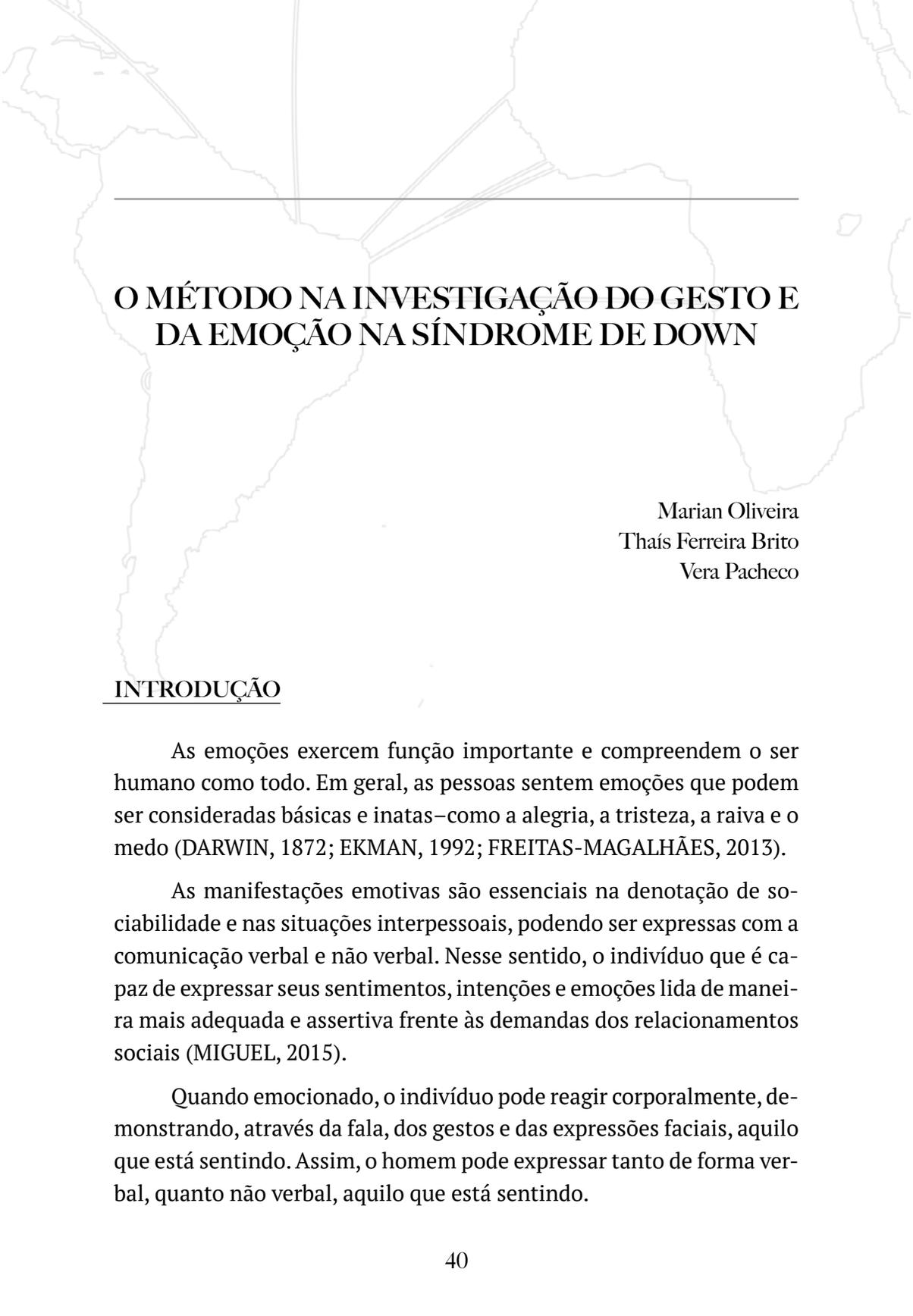
SEARLE, J. R. **Speech Acts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SRINIVASAN, R. J.; MASSARO, D. W. Perceiving prosody from the face and voice: Distinguishing statements from echoic questions in English. **Language and Speech**, v. 46, n. 1, p. 1–22, 2003.

SWERTS, M. G. J.; KRAHMER, E. J. Facial expressions and prosodic prominence: Effects of modality and facial area. **Journal of Phonetics**, v. 36, n. 2, p. 219–238, 2008.

TORREIRA, F.; VALTERSSON, E. Phonetic and visual cues to questionhood in French. **Phonetica**, n. 72, p. 20–42, 2015.

TRUCKENBRODT, H.; SANDALO, M. F. S.; ABAURRE M. B. M. Elements of Brazilian Portuguese intonation. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 8, p. 75–114, 2008.



O MÉTODO NA INVESTIGAÇÃO DO GESTO E DA EMOÇÃO NA SÍNDROME DE DOWN

Marian Oliveira
Thaís Ferreira Brito
Vera Pacheco

INTRODUÇÃO

As emoções exercem função importante e compreendem o ser humano como todo. Em geral, as pessoas sentem emoções que podem ser consideradas básicas e inatas—como a alegria, a tristeza, a raiva e o medo (DARWIN, 1872; EKMAN, 1992; FREITAS-MAGALHÃES, 2013).

As manifestações emotivas são essenciais na denotação de sociabilidade e nas situações interpessoais, podendo ser expressas com a comunicação verbal e não verbal. Nesse sentido, o indivíduo que é capaz de expressar seus sentimentos, intenções e emoções lida de maneira mais adequada e assertiva frente às demandas dos relacionamentos sociais (MIGUEL, 2015).

Quando emocionado, o indivíduo pode reagir corporalmente, demonstrando, através da fala, dos gestos e das expressões faciais, aquilo que está sentindo. Assim, o homem pode expressar tanto de forma verbal, quanto não verbal, aquilo que está sentindo.

A expressão verbal, da fala, é elemento fundamental nas manifestações emocionais e pode transmitir informações essenciais para a compreensão de uma mensagem. Dentro da modalidade não verbal, as expressões faciais e os movimentos corporais podem fornecer diversas informações sobre o falante e sua mensagem, como por exemplo, características individuais, atitudes, sentimentos, emoções entre outros (OLIVEIRA; PACHECO; BRITO, 2019).

A pessoa com Síndrome de Down (SD) apresenta condição geneticamente determinada pela presença de um cromossomo extra (21) e em decorrência dessa condição, apresenta atraso no seu desenvolvimento global (OLIVEIRA, 2011; OLIVEIRA, 2010; READ; DONNAI, 2008). O indivíduo com Down mostra particularidades linguísticas e de fala que podem influir na sua forma de comunicação: a condição genética e o atraso na linguagem comprometem a fala e as habilidades comunicativas dessa pessoa (RANGEL; RIBAS, 2011). Esse atraso engloba, também, déficits nos domínios cognitivos e motores do indivíduo.

Atrasos observados na articulação da fala, na fluência, as dificuldades motoras e o comprometimento intelectual possivelmente também prejudicam o desenvolvimento e aprendizado dessas pessoas, incluindo o progresso de habilidades sociais e afetivas (LOPES; LIMA, 2014). As emoções da pessoa com deficiência intelectual, comumente, são pouco consideradas como é também comum que as suas manifestações comportamentais, sociais e emocionais inadequadas sejam associadas como inerentes à sua condição. Frequentemente os aspectos afetivos e emocionais desses indivíduos são vistos de forma secundária: no geral, os estímulos ao desenvolvimento comunicacional não são priorizados como os estímulos aos aspectos físicos e intelectuais (OLIVEIRA; PACHECO; BRITO, 2019). Considerando as especificidades dessa síndrome, o objetivo deste estudo é analisar a expressão emocional, através da análise da expressão facial, gesto e da fala, de dois adolescentes com SD, integrantes do Núcleo Saber Down

(UESB-CNPq). Além disso, será apresentada e descrita a metodologia desenvolvida para possibilitar tal análise.

Este trabalho está organizado em 9 seções: além desta introdução, a segunda seção discute a emoção humana, suas definições e características. A terceira apresenta as características da alegria, tristeza e raiva; na quarta, são discutidos os gestos, fala e expressões faciais humanas.

Os métodos utilizados são apresentados na seção cinco; os resultados e as discussões das análises, na seção seis. Na seção sete são discutidos os desdobramentos dos métodos e do trabalho de intervenção desenvolvido no Núcleo Saber Down. Na seção oito são dadas as considerações finais deste estudo e na seção 9, estão as referências bibliográficas que guiaram essa pesquisa.

1 EMOÇÕES HUMANAS

As reações emocionais são essenciais para a vivência humana: manifestam-se em todos os indivíduos e exercem funções importantes no corpo. O conceito de emoção parece não ser tão simples de definir, considerando que esta é uma reação que relaciona diversas variáveis. De acordo com Damásio (2000), a reação emocional refere-se às alterações físicas e psicológicas suscitadas por um estímulo ao qual o indivíduo responde adaptativamente.

Damásio (2000) referiu-se às emoções como tendências para ações, as quais produzem uma cascata de mudanças fisiológicas (sincronizadas) em resposta a algum “gatilho” – seja uma pessoa, um objeto ou um evento. Miguel (2015) descreveu-a como uma condição momentânea e complexa, que causa alterações fisiológicas e psicológicas no organismo durante experiências que exigem ação e reação do indivíduo.

As emoções e seus estados são concebidos como resultado da história evolutiva e particular de um indivíduo, sendo manifestos em diferentes reações corporais e dentro de determinadas situações contextuais. A reação corporal desse fenômeno pode variar em termos de intensidade e duração, fatores que diferenciam os estados emocionais patológicos dos normais.

Ekman (2011) relata que as emoções humanas ocorrem nos ambientes nos quais uma pessoa está inserida: nos relacionamentos sociais e afetivos–familiares, profissionais–ocorrendo, geralmente, na sua relação com outros seres. A maneira como as emoções são vivenciadas pode impactar e influenciar a sua saúde física e mental, assim como em sua qualidade de vida: a intensidade, duração, persistência, controle emocionais podem distinguir as manifestações saudáveis das patológicas.

De acordo com Freitas-Magalhães (2013), as emoções funcionam como experiência de construção psicológica na qual interagem os constituintes cognitivos, subjetivos e fisiológicos. Freitas-Magalhães (2013, p. 05) descreve a emoção como uma “reação neuropsicofisiológica pulsional, espontânea e intensa que leva o organismo a produzir uma ação”.

Um dos primeiros estudos sobre as emoções foi o trabalho de Charles Darwin, na obra “A expressão das emoções no homem e no animal”, em 1872. Seu trabalho levou em conta a função biológica e a gênese evolutiva das emoções na descrição de estados de alegria, medo, dor, raiva, luta-fuga, entre outros. Para Darwin, as emoções devem ser compreendidas como ferramenta de adaptação e sobrevivência de alguns animais, inclusive, do homem.

As teorias psicoevolucionistas também entendem que algumas manifestações emotivas podem ser aprendidas e que outras são consideradas inatas e universais (BRITTO; ELIAS, 2009). Ou seja, são consi-

deradas inatas e universais as emoções que, em diferentes contextos, cultura e língua, são, geralmente, reconhecidas pelo outro.

Assim, essas emoções são descritas como universais ou básicas – pois, os seres humanos, de forma geral, têm capacidade de expressá-las e reconhecê-las desde muito jovens. Ekman e Friesen (1978) postularam em seus estudos, sete emoções consideradas básicas, verificando serem inatas e transversais em diferentes culturas e localidades, sendo elas: tristeza, raiva, surpresa, medo, nojo, desprezo e alegria e também outras emoções consideradas sociais – culpa, orgulho, inveja, embaraço, empatia, ciúme e vergonha.

Contudo, mesmo que as pessoas pareçam ter a capacidade de reconhecer e expressar determinadas emoções de forma parecida – como no caso das emoções básicas – deve-se levada em conta a influência da cultura e do histórico de vida na seleção de contexto, estímulos e momentos que determinam a expressão das emoções. Cada emoção promove reações próprias no corpo que as caracterizam e as distingue uma da outra. Para compreendermos essa distinção, veremos, a seguir, os atributos e particularidades da alegria, tristeza e raiva.

2 ALEGRIA, TRISTEZA E RAIVA

A emoção envolve, antes de tudo, uma superposição dos sistemas cognitivos e comportamentais. As características dos diferentes estados emocionais tornaram-se interesse de estudos biológicos, fisiológicos, comportamentais e sociais. A alegria, a tristeza e o medo apresentam especificidades que fazem cada estado emocional ser uma experiência distinta para o ser humano.

A alegria é a reação que está relacionada com a ativação dos neurônios dopaminérgicos do sistema meso límbico – formado pelo hipotálamo, núcleo acumbens, córtex cingulado anterior e córtex pré-frontal (ESPERIDIÃO-ANTÔNIO *et al.*, 2008). Endorfina, serotonina, oxitocina e dopamina são neurotransmissores conhecidos por atu-

arem na felicidade, sendo a dopamina, responsável pelos estímulos de prazer e recompensa.

A alegria é definida por Freitas-Magalhães (2013, p. 9) como “... uma resposta emocional perante uma determinada satisfação interna ou externa. A alegria indica a vivência de satisfação por parte do indivíduo”. O autor também descreve tal emoção como uma reação primária e básica que envolve uma forte resposta – cognitiva e física – confortável.

A alegria ou felicidade pode ser e experimentada em decorrência de um acontecimento positivo ou uma situação prazerosa e satisfatória, fazendo parte do escopo das emoções positivas vivenciadas pelos humanos. Esta emoção está, geralmente, relacionada com o bem-estar físico e psicológico e provém, muitas vezes, do êxito na assistência às próprias necessidades ou no sucesso em seus desejos e objetivos.

A tristeza, assim como a alegria, é considerada uma das emoções universais e típicas dos seres humanos. São apontadas como sinônimos da tristeza as palavras; “desalento”, “desânimo”, “angústia” e “insatisfação”. Ekman e Friesen (1978) discutiram que muitos tipos de perda podem gerar tristeza; um objetivo fracassado, perda de um ente querido, da autoestima, da saúde e de objetos, entre outras perdas humanas. Assim, a tristeza está diretamente associada ao sentimento de perda, física ou emocional, nas relações pessoais, profissionais ou sociais.

Na tristeza, de acordo com Freitas-Magalhães (2013), as expressões genuínas trazem alterações fisiológicas: o nível das aminas – noradrenalina, dopamina e serotonina – baixo, provocando transtornos do sono, perda da apetite, esgotamento, indiferença e retraimento frente às pessoas e às atividades. Do ponto de vista fisiológico, esse estado é marcado por alterações no sistema límbico, incluindo o córtex pré-frontal e pelo abaixamento do nível de serotonina (ESPERIDIÃO-ANTÔNIO *et al.*, 2008).

A raiva pode ser reconhecida como um comportamento repleto de fúria e agressividade, mas também pode variar de ligeiramente irritante até a completa ira; a raiva ou cólera é, raramente, sentida isoladamente por um longo período de tempo (FREITAS-MAGALHÃES, 2013). Essa emoção básica pode ser experimentada por qualquer ser humano e pode ter causas internas e externas. Assim, a raiva, que pode ser perigosa pelo seu potencial violento, se configura como uma reação adaptativa à alguma ameaça ou um sentimento de frustração, ira ou rancor que se exterioriza nos indivíduos (EKMAN, 2011).

A expressão da raiva é caracterizada pela elevação do volume da voz, aumento do ritmo cardíaco e da pressão sanguínea, hostilidade nas palavras e ações, podendo ser acompanhada até de reações chorosas. As estruturas orgânicas envolvidas nesse estado são as amígdalas, hipotálamo e córtex órbito-frontal, além disso, a adrenalina e nora-drenalina são hormônios liberados durante esse processo, colocando o corpo em estado de alerta e atenção (ESPERIDIÃO-ANTÔNIO *et al.*, 2008).

Em uma situação de raiva, assim como em outras situações comunicativas, é comum o uso de gestos para ênfase e expressão dos sentimentos. Na manifestação da raiva e das outras emoções, as pessoas utilizam gestos faciais e corporais para expressar melhor o que está sentindo, como o descrito na seção a seguir.

3 GESTOS, EXPRESSÕES FACIAIS E FALA HUMANA

A linguagem corporal, associada à fala, acrescenta e completa a interlocução e a interação entre as pessoas. A comunicação não verbal, conjugada com a verbal, possibilita o entendimento mais completo entre as pessoas, preenchendo as lacunas que podem ser deixadas apenas pelo verbal, através dos gestos, da posição corporal e das expressões faciais. Os gestos também exercem papel nessas manifesta-

ções, principalmente pelo seu significado e função social, dando pistas e ênfase sobre as emoções.

Na comunicação, os gestos podem representar atitudes, sentimentos, emoções, vontades e propósitos do falante, simbolizando essas ações. Os gestos, a face e a postura física também oferecem recursos para a expressão das emoções, muitas vezes de forma inconsciente, com o objetivo de passar a mensagem de forma mais persuasiva ou mais clara (BIRCK; KESKE, 2008).

Além disso, a comunicação não verbal não aparece somente na interação frente ao outro, mas também nos momentos em que estamos sozinhos, pensando ou construindo referências sobre o mundo (VEZALI, 2012). Apesar de muitos gestos já terem significados conhecidos e representarem objetos, sentimentos e ideais comuns ao conhecimento do homem, a interpretação do não verbal não deve ser estática, mas deve sempre considerar o contexto no qual foi inserido

Rector e Trinta (1999) estudaram o corpo na comunicação e definiram o gesto como uma forma de manifestação direcionada a alguém ou algo que resulta em uma ação. Ou seja, os gestos são estímulos para reações das pessoas nas interações – uma ação corporal que revela um significado expressivo de ordem inconsciente ou consciente.

Adam Kendon (1982) e David McNeill (1992; 2000) são contemporâneos e tem concepções parecidas sobre gestos. Ambos concordam que o gesto pode ser instrumento de elucidação do conteúdo mental de um falante. Assim, a realização de um gesto passa pelo aspecto simbólico, não se tratando apenas de uma simples ação motora. McNeill (1992) afirma que gestos e fala fazem parte de uma mesma matriz de significação, tornando-se sistemas únicos elaborados nesta referida matriz.

Na execução dos gestos, incluindo os manuais, as áreas e vias cerebrais responsáveis pelo controle, refinamento e precisão nas movimentações das mãos podem auxiliar na melhor execução das partes

do corpo que realizam a fala, exercendo papel importante no desenvolvimento verbal da criança. Indivíduos com dificuldades motoras, como no caso da síndrome de Down, podem demorar mais, na infância, para refinar e organizar as movimentações do corpo, e, conseqüentemente, a fala em relação às crianças típicas (LEGAL, 1997).

Diferentes tipos de gestos podem ser observados na expressão emocional. Na manifestação da alegria, por exemplo, pode ser observado o uso de gestos manuais como: mãos abertas com as palmas viradas para cima, mão colheita com o polegar para cima, erguer os braços com as mãos fechadas em sinal de comemoração são exemplos da gesticulação em situações alegres (FAST, 1999). Na expressão da tristeza, não há uma gesticulação padrão para este tipo de emoção, mas existem movimentos que são popularmente interpretados nessas situações: coçar a cabeça ou orelha, descansar ou apoiar o queixo ou cabeça em uma das mãos, passar uma das mãos na testa e manter os braços cruzados na altura do peito, são alguns exemplos (FAST, 1999).

Na raiva, a gesticulação pode variar em cada indivíduo, mas os gestos mais comuns são os atos de cerrar os punhos, cruzar os braços, bater em superfícies ou objetos com as mãos abertas e fechadas e movimentar as duas mãos, acompanhando o ritmo da fala (FAST, 1999).

Paul Ekman e Friesen (1978) estudaram o comportamento não-verbal a partir das expressões faciais e corporais para avaliar emoções e atitudes. As expressões faciais são importantes na comunicação humana desde os primeiros anos de vida e o contexto social pode servir de moduladores dessas expressões faciais. A expressão facial é definida por Freitas-Magalhães (2013, p. 05) como “atividade neuromuscular que permite exprimir mensagens e sinais”. Assim, uma expressão é consequência da experiência do estado psicológico e emocional da pessoa – que pode emitir uma expressão autêntica ou dissimulada. Para se expressar, o rosto humano precisa estar apto e pronto para

executar os comandos emitidos pelo cérebro na reação emocional (FREITAS-MAGALHÃES, 2013).

Além de ter a capacidade de se expressar, o ser humano tem desenvolvida a habilidade de perceber visualmente as emoções no outro. Essa habilidade cumpre um papel essencial e adaptativo em termos ambientais e sociais, pois interferem no comportamento, interação humana e convívio social (DAMASIO, 2000). Tal habilidade pode ser observada nos humanos de forma precoce. A capacidade dos bebês de produzirem e reconhecerem expressões faciais de emoção tem sido reconhecida e tem crescido o interesse nos estudos que abordam esses comportamentos desde os primeiros anos de vida (MENDES; SEIDL DE MOURA, 2009).

Darwin (1872) mapeou expressões que poderiam ser reconhecidas, identificadas e interpretadas de maneira simples pelos seres humanos – desgosto, alegria, tristeza, surpresa, raiva e medo – por seus sinais estarem visivelmente expressos na face. Essa facilidade de reconhecimento seria atribuída à capacidade adquirida através da herança genética e evolução. Como pontuado na seção anterior, Ekman e Friesen (1978) corroboraram com o postulado por Darwin, indicando também a existência das emoções básicas e universais, facilmente reconhecidas e interpretadas em outras partes do planeta – tristeza, raiva, surpresa e medo, nojo, desprezo e alegria.

Ekman e Friesen estudaram as microexpressões faciais e propuseram, em 1978, a primeira codificação da ação facial chamada FACS – Facial Action Coding System, em tradução, sistema de codificação da ação facial. Este sistema considera as unidades de ação muscular (Action Unit – AU) para descrever as diferentes expressões da face e cabeça. Com essa codificação, os autores descobriram que a face é capaz de gerar mais de 10 mil expressões. Assim, cada sentimento humano pode apresentar um conjunto de ações faciais específicas em sua ex-

pressão. Com as emoções não é diferente: a alegria, tristeza e raiva podem apresentar determinados movimentos faciais que os caracterizam.

No que se refere às características faciais da alegria, na face, pode ocorrer o sorriso ou cantos da boca direcionados para cima. As sobrancelhas podem estar relaxadas, ou a elevação dos músculos das bochechas, as pálpebras que se fecham e os músculos próximos aos olhos que se contraem e formam “pés de galinha” (EKMAN, 2011).

Segundo Ekman e Friesen (1978), três regiões do rosto são ativadas na reação de tristeza – a boca, os olhos e as sobrancelhas. A boca ficar relaxada ou tremer – em caso de choro, mas os cantos dos lábios estarão voltados para baixo. Os cantos internos das sobrancelhas ficam elevados e aproximados, as pálpebras superiores caem, narinas contraem-se e o queixo fica tenso (EKMAN, 2011; FREITAS-MAGALHÃES, 2013). Além disso, a expressão da tristeza pode vir acompanhada de lágrimas e choro.

Existem algumas particularidades nas expressões faciais de uma pessoa com raiva: as sobrancelhas tendem a se baixar e se aproximar, as pálpebras abrir, cria-se uma pequena ruga entre os olhos e os lábios se estreitam, sendo pressionados para dentro (FREITAS-MAGALHÃES, 2013). Após apresentarmos as noções das expressões faciais, discutiremos sobre a fala, que é importante nas manifestações emocionais.

A fala é importante instrumento na comunicação e expressão humana. A prosódia da fala se constituiu como uma parte da linguística que estuda as propriedades gerais da fala que contribuem para a interpretação do significado e determinam o ritmo da frase, como, o tom, o acento e a duração. Nesse sentido, a prosódia teria papel de fornecer pistas importantes na comunicação verbal entre as pessoas – pistas que auxiliariam na compreensão da informação compartilhada (BARBOSA, 2012).

Antunes e Aubergé (2015) mostram que a diferença entre a fala emotiva e a atitudinal reside no fato de a primeira ocorrer de forma

involuntária e com difícil controle, enquanto a segunda pode ser mais facilmente controlada e até mesmo motivada.

Scherer (1986) considera que o estado emocional influencia no sinal acústico da fala; o indivíduo emocionado, ao mudar a respiração a fonação e a articulação, altera também o padrão do sinal acústico da sua fala. Assim, características específicas de fala podem estar relacionadas a determinados estados emocionais.

Em relação às características da fala emotiva, na alegria, as vocalizações podem ser suaves, breves e com frequência baixa. Contudo, esses parâmetros podem variar de acordo com a intensidade da reação. Scherer (1986) afirma que em situações de euforia, devido à ativação do sistema nervoso simpático que estimula o aumento do ritmo cardíaco e da pressão sanguínea, a fala pode ser mais rápida, mais enunciada e com valores de frequência mais altos.

Devem ser considerados nessas variações da fala alegre, o contexto e os diferentes padrões culturais de expressão de tal emoção. O autor também pontua que manifestações emocionais opostas, como a alegria e a raiva, apresentam atributos acústicos parecidos em relação à frequência fundamental (F0) alta e intensidade elevada.

Em relação à tristeza, discute-se a possibilidade de dois tipos de fala triste – uma fala ativa e outra passiva. Para Scherer (1986), esses dois tipos possuem características diferentes, enquanto a ativa ocorreria em situações mais intensas, que podem alterar a respiração e o controle vocal, a passiva estaria relacionada a momentos de calma, nos quais os músculos estariam mais relaxados e a respiração regular. Sobre os parâmetros acústicos, em 1986, Scherer relata que a F0 apresenta média baixa, contorno decrescente e intensidade fraca.

Na expressão da raiva, no que se refere aos aspectos vocais e acústicos, a intensidade pode ser forte, a média de F0 geralmente é alta e a velocidade da fala é rápida em comparação a fala neutra (SCHERER, 1986; VASSOLER; MARTINS, 2013). Apresentadas algumas

das características da fala emotiva, na próxima seção, serão mostrados os métodos utilizados na análise deste estudo.

4 MÉTODOS

Para a presente investigação, foi preciso construir caminhos e elaborar estratégias metodológicas para alcançar aos objetivos. Dessa forma, para avaliar a expressão das emoções nos sujeitos pretendidos, foi necessária a aplicação de testes-piloto para testagem de tarefas e procedimentos capazes de eliciar emoções e observar a compreensão dos sujeitos sobre as expressões emocionais.

Participaram desta pesquisa dois adolescentes, um menino e uma menina, com síndrome de Down. Esses sujeitos, de acordo com sua faixa etária, estão na mesma fase do desenvolvimento que, segundo a teoria psicogenética de Piaget (1967), é o estágio operatório formal, iniciado aos 11 ou 12 anos. Nesta fase, desenvolve-se o pensamento hipotético-dedutivo, lógico-matemático e abstrato. Ao final desta fase o indivíduo será capaz de pensar e sistematizar regras e condutas sociais e morais e sobre sua própria identidade.

Todavia, as características descritas pelo autor consideraram sujeitos com desenvolvimento típico – as competências adquiridas comumente podem variar em sujeitos com algum tipo de comprometimento. Assim, apesar de esses sujeitos estarem em idade muito próxima, o nível de desenvolvimento dos adolescentes é provavelmente diferente.

Os dois sujeitos com síndrome de Down são atendidos para estimulação no Núcleo Saber Down (UESB/CNPq). SEG, adolescente do sexo feminino, tinha 16 anos na época da pesquisa. Natural de Vitória da Conquista – BA, frequenta o Núcleo Saber Down desde a infância. Na época, cursava o 6º ano do ensino fundamental em uma escola da rede pública – porém, ainda não dominava as competências habituais do estudante desta série escolar e não apresentava boas no-

tas escolares. Estava em processo de aquisição da leitura e escrita—decodificando com dificuldades, lendo sem fluência e mostrando dúvidas e trocas na escrita de muitas palavras. Possuía conhecimentos matemáticos de adição e subtração, muito pautados nas ações concretas de contar nos dedos, contar os objetos e fazer as operações escritas no papel. Foi observada, tanto durante os experimentos desta pesquisa, quanto em outras atividades aplicadas, a dificuldade em relação ao uso da memória e isso, possivelmente, interfere no seu desempenho em atividades diárias e escolares.

A jovem possui um problema na coluna e, por este motivo, passou a utilizar um colete de correção postural. Notadamente, esse colete limitou a sua movimentação, causando-lhe grande desconforto que tem afetado a vida de SEG, inclusive em suas interações sociais. É muito falante, porém, possui dificuldades na fala – existem alterações na produção articulatória—a língua profusa e a hipotonia prejudicam a sua fala e muitas vezes o ouvinte não consegue entender o que foi dito pelo sujeito. Durante as atividades, foram notadas dificuldades na compreensão e explicação de conceitos e ideias abstratas, como a emoção, por exemplo.

O adolescente do sexo masculino, SKG, tinha 15 anos e também frequenta o Saber Down desde criança. É natural de São Paulo-SP, mas reside em uma cidade vizinha, Planalto BA. Na época, cursava o 6º ano do ensino fundamental em escola da rede pública, mas também não dominava todas as competências que se espera de um aluno desta série escolar. Possuía dificuldades na decodificação, leitura e escrita, pois ainda está em processo de aprendizagem dessas habilidades. Em decorrência disso, também apresenta problemas na compreensão e interpretação do que é lido. Utiliza óculos de grau e apresenta gagueira, o que prejudica a fluência da sua fala e sua expressão verbal. Assim, possui comprometimento linguístico nas ações de escrever, ler e falar.

A compreensão de noções abstratas, de pensar sobre coisas que não conhece ou que não são concretas, ainda não faziam parte do repertório do sujeito; assim, conforme observado durante a coleta de dados, o pensamento deste sujeito era mais concreto e se baseava no conhecimento de mundo das suas vivências individuais. A mãe do adolescente relata que o mesmo mantém ritualizações em relação aos horários das suas atividades cotidianas e o próprio relata ter uma relação positiva com a escola. Com relação ao aspecto comportamental, mostra-se expressivo, amistoso, sociável e bastante solícito nas atividades.

Com o objetivo de compreender o que eliciaria emoções em pessoas com Down e de encontrar uma metodologia que pudesse fornecer dados de fala e de expressões gestuais e faciais, foram aplicadas uma série de atividades, gravadas em vídeo, sobre manifestações emocionais no espaço de Pesquisa Núcleo Saber Down – (CNPq/UESB), ambiente de Pesquisa e de estimulação voltada a pessoas com síndrome de Down. A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CAAE 04853012.6.0000.0055) e os responsáveis pelos sujeitos autorizaram o uso dos dados e das imagens coletadas. A metodologia aplicada foi desenvolvida de forma integrada ao trabalho de estimulação do Núcleo, utilizando atividades que permitissem a observação das expressões dos sujeitos e o do desenvolvimento de suas habilidades.

Além de permitir analisar a capacidade expressiva dos sujeitos, as atividades foram pensadas para observar outros aspectos importantes: avaliar o conhecimento prévio dos sujeitos sobre as emoções e capacidade de reconhecer e diferenciá-las, e verificar os recursos utilizados por eles para expressá-las. Assim, foram utilizadas imagens, fotos e mídias digitais, bem como vídeos do site Youtube adaptados para compor cada atividade.

Para o planejamento das sessões, foram levadas em conta todas as informações levantadas sobre os sujeitos SEG e SKG: gostos musicais, lazer, relacionamentos escolares e familiares, possíveis situações que causariam reações emocionais, entre outros, além das atividades que suscitassem a discussão, reconhecimento e manifestação emocional. As atividades foram aplicadas aos sujeitos individualmente, em sete sessões de coleta de dados, em intervalos que variavam entre sete e quinze dias, conforme a descrição a seguir.

O teste piloto foi feito com o objetivo de observar o conhecimento prévio dos sujeitos acerca das emoções básicas – para conhecê-los e especular a relação com o conteúdo apresentado. A atividade, bastante simples, consistia em uma imagem com desenho de quatro rostos: cada rosto representa uma reação humana – alegria, medo, raiva e neutralidade. A primeira sessão teve o objetivo de verificar uma possível reação de tristeza frente a uma notícia jornalística sobre um assunto popularmente considerado triste, a morte trágica de uma criança.

Na sessão 2, considerando a informação de que ambos os sujeitos gostavam e acompanhavam as telenovelas “Carinha de Anjo” e “Chiquititas”, elaboramos atividades sobre as mesmas, com objetivo de observar as reações frente aquelas atividades inesperadas. Também foi aplicada a atividade aqui chamada de “Colagem das emoções” que consistia na montagem de partes do rosto (boca e olhos) em um rosto vazio, de acordo com a emoção solicitada.

A atividade da sessão 3 foi chamada de “Fórmula para compartilhar os sentimentos”. Essa atividade, que consistia na apresentação de situações fictícias, foi planejada como uma estratégia para estimular a fala dos sujeitos sobre si próprios, sobre sentimentos, emoções e outros assuntos que emergissem desta conversa. Na quarta sessão foi trabalhada a história da “Branca de Neve e os sete anões”: os su-

jeitos deveriam compreender o enredo e representar alguns dos seus personagens.

Após um período de recesso das atividades do Núcleo Saber Down, retornamos com a pesquisa. Na sessão cinco, para observar a apreensão dos adolescentes sobre emoções e resgatar o trabalho feito anteriormente, foi aplicada a atividade “Correspondência das expressões faciais e sentimentos”. Na sessão seis foi feita a atividade “Desenho das expressões faciais”. Além de motivar o diálogo sobre as emoções da alegria, tristeza e medo, a atividade de desenho serviria como um pretexto para discutirmos outras expressões: surpresa, choro e seriedade.

Durante as sessões anteriores foi identificada a dificuldade em suscitar expressões emocionais, como raiva e medo. Assim, com objetivo de observar tais reações emocionais, aplicamos, na sessão sete, a atividade “O poder das emoções”. Na sessão 8, para observar possíveis reações de tristeza ou raiva dos sujeitos com alguma espontaneidade, foi proposta a seguinte atividade: foram mostradas duas cenas tristes das novelas “Carinha de Anjo” e “Chiquititas”. Essas cenas envolviam os personagens principais e situações que lhes causaram grande tristeza. O objetivo principal dessa última sessão foi o de observar as reações espontâneas dos sujeitos frente à tristeza dos seus personagens favoritos.

Para descrever e analisar as atividades e práticas sobre emoções, o teste-piloto e as sessões foram gravadas em vídeo. Para descrever os dados e identificar as situações emocionais dos sujeitos foi necessário realizar a transcrição dos vídeos. Essas transcrições foram feitas no programa ELAN (HELLWIG; GEERTS, 2013) que é um programa para anotação de arquivos de áudio e vídeo. Esse programa foi escolhido por possibilitar a transcrição simultânea dos dados de fala, gestos e expressões faciais. Com as anotações no ELAN, foi feita observação

e descrição dos recursos faciais, gestuais e verbais utilizados simultaneamente pelos sujeitos nas manifestações emocionais eliciadas no contexto das atividades.

Salientamos a relevância dessas atividades não apenas como instrumento para coleta de dados desta pesquisa, mas, sobretudo, como forma de estimulação e consequente desenvolvimento cognitivo, corporal e afetivo dos próprios sujeitos pesquisados. Notamos, inclusive, um significativo avanço, no que tange a esses aspectos, por parte dos sujeitos com Down que foram submetidos a este trabalho de estimulação. Na próxima seção, resultados e discussões, serão descritas, identificadas e discutidas as manifestações emocionais que ocorreram durante as sessões de atendimento no Núcleo Saber Down.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, serão apresentadas e quantificadas as situações e manifestações emocionais de cada sujeito realizadas durante as atividades experimentais, ocorridas nos atendimentos de estimulação do Núcleo. A análise feita a partir das transcrições no ELAN permitiu a quantificação das manifestações, levando em conta o aspecto contextual da sessão e a observação dos aspectos de fala e gestos faciais e corporais característicos de cada emoção. Por sujeito, apresentaremos a quantificação das ações–fala e gestos – e mostraremos exemplos das expressões emocionais ocorridas.

Na tabela 1, abaixo, estão dos dados de duração de cada sessão e a quantificação das manifestações identificadas como alegres, tristes, raivosas, medrosas e neutras, da menina com Down, SEG.

Tabela 1 – Manifestações emocionais identificadas durante as sessões de SEG

Sessão	Duração da sessão	Manifestações emocionais identificadas	Alegria	Tristeza	Raiva	Medo	Neutro
1	13min24seg	8	4	3	1	0	6
2	09min20seg	9	3	6	0	0	9
3	14min17seg	9	4	1	1	1	8
4	18min45seg	14	5	8	1	0	11
5	26min11seg	22	11	4	6	1	26
6	15min03seg	18	3	3	5	7	14
7	17min:16seg	10	8	2	0	0	18
8	18min:04seg	13	3	10	0	0	22

Fonte: Elaboração própria.

Considerando as manifestações da tabela 1, mostraremos algumas manifestações de SEG. Na maior parte da sessão 1, a adolescente mostrou características neutras, mas em outros momentos, apresentou, também, alguns sorrisos e gestos manuais. Na primeira imagem da Figura 1, aponta para si ao pensar sobre o nome das emoções mostradas; na segunda, os músculos da face estão relaxados e o olhar concentra-se na atividade. A língua impelida para frente faz parte da forma neutra de expressão deste sujeito, que ocorre, possivelmente, em decorrência de implicações da síndrome. Na terceira imagem, o sorriso e as sobrancelhas elevadas relacionam-se à alegria; na quarta imagem da Figura 1, SEG mostra um gesto ritmado, no qual balança a mão enquanto fala.

Figura 1-Expressões e gestos de SEG na sessão 1



Fonte: Banco de dados do Núcleo saber Down.

No geral, SEG conseguiu reconhecer as diferentes emoções, mas teve dificuldades no momento de explicá-las, descrevendo-as nas situações pessoais que conhece, nos sentimentos, de sentir-se sozinha e nas ações de querer beber suco e de brincar. Em outro momento, na sessão 3, na atividade “colagem das emoções”, foram trabalhadas características faciais relacionadas a alegria, tristeza e raiva.

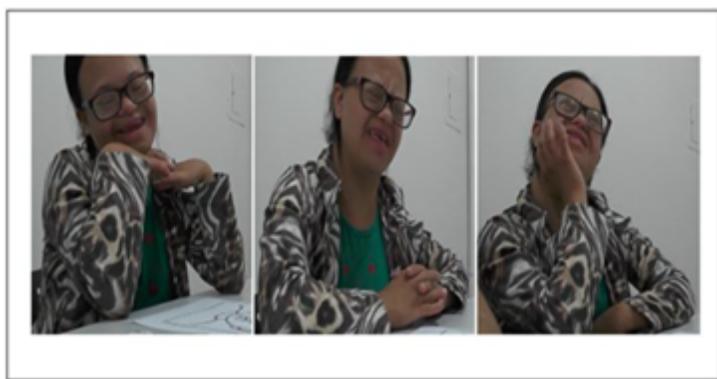
A adolescente, além de tentar representar fisionomicamente as emoções, enfatizou suas expressões emocionais com o uso de palavras e sentenças: mesmo quando não tinha certeza sobre como expressaria determinada emoção, utilizou palavras para contextualizá-las. Na representação da alegria, por exemplo, utilizou a sentença “Mamãe, olha aquele sapato, eu quero!”, mostrando os músculos da bochecha elevados, sorrindo, olhando para baixo e contraindo sutilmente as pálpebras, pousou as duas mãos sob o queixo, conforme a Figura 2.

Para expressar tristeza disse: “Mamãe, eu não quero mais isso, tô triste”, mantendo os braços apoiados sobre a mesa, dedos das mãos entrelaçados. Em seu rosto a boca estava aberta, com cantos direcio-

nados para baixo, olhos fechados e músculos entre as sobrancelhas franzidos (Figura 2).

Na expressão da raiva, demonstrou incerteza, relatando não saber expressar. Em sua tentativa, falou, “Eu fico assim, sem graça”, utilizando a mão esquerda sob o queixo. Sua expressão foi muito próxima de sua reação de tristeza: músculos entre as sobrancelhas franzidos, olhos para baixo, conforme mostra a Figura 2.

Figura 2 - Expressões de alegria, tristeza e raiva de SEG na sessão 3



Fonte: Banco de dados do Núcleo saber Down

Na expressão de tristeza conforme figura 2, verificam-se movimentos faciais mais intensos e, possivelmente, mais caricatos do que em uma manifestação espontânea. Na sessão 4, foi aplicada a atividade “Fórmula para compartilhar sentimentos” a partir da qual foram identificadas características faciais e gestuais próximas da tristeza: rosto relaxado, pálpebras caídas, além de utilizar uma fala mais baixa, conforme a figura 3. Na terceira imagem da Figura 3, identificam-se lábios afunilados, uma característica encontrada na expressão da raiva: possivelmente, os assuntos abordados poderia trazer sentimentos de tristeza, mas também de aborrecimento.

Figura 3 – Expressões durante o relato de SEG na sessão 4



Fonte: Banco de dados do Núcleo saber Down

No geral, SEG foi muito econômica nas palavras em todas as reações. As suas reações, no início da sessão, foram predominantemente neutras. Antes da aplicação da atividade foram feitas perguntas para verificação do estado do sujeito, que acabou relatando o mau desempenho em uma prova escolar. Durante o relato, usou as mãos para escorar a cabeça e sua expressão mostrava tristeza e chateação durante os relatos, de forma espontânea, conforme mostra a figura 03.

Essa postura foi recorrente em boa parte da sessão, ficando evidenciada na observação de um detalhe da sua expressão facial: sua boca, em 12 momentos, estava com os cantos voltados para baixo. Esse número mostra que parte das atitudes identificadas como neutras poderiam estar mais próximas da tristeza do que de outra emoção.

Sobre os gestos e postura corporal, em 13 situações, sua mão direita esteve pousada sob a bochecha direita, como se o braço e a mão estivessem sustentando a cabeça, que estava um pouco inclinada para direita. Também foi econômica com as palavras: em 9 situações, respondeu apenas acenando com a cabeça, em perguntas que podiam ser respondidas com sim ou não. Durante o atendimento, SEG mudou seu semblante e as expressões de alegria apareceram do meio para o fim da sessão. Essas expressões, aparentemente espontâneas, foram expressas com sorrisos, mas com pouca fala.

Por 4 vezes mostrou uma reação de riso a alguma fala do pesquisador. Nesta sessão, ocorreu 1 expressão de raiva, relacionada ao relato de SEG sobre o fato de a mãe não a permitir ver os programas prediletos de TV. A imitação da raiva que sentia nessas ocasiões foi seguida de uma gargalhada, conforme a figura 04.

Figura 4 - Expressão representada com raiva e espontânea de alegria na sessão 4



Fonte: Banco de dados do Núcleo saber Down

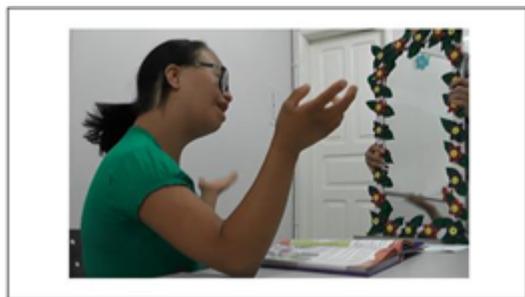
Na sessão 5, foi feita a leitura da história da “Branca de Neve e os sete anões”, que era conhecida por SEG devido a outros trabalhos realizados no Núcleo. Com o objetivo de estimular a expressão dos sujeitos, a história foi trabalhada, para que conseguisse assimilar o enredo, os atos mais importantes, as emoções e as principais características dos personagens. SEG, inicialmente, apresentava dificuldades na memorização dos personagens e da história. Assim, foi necessária a constante estimulação com conto e reconto da história e a utilização de imagens e gravuras para facilitar a retenção de informações.

Os indivíduos com Down apresentam algumas dificuldades na memória que dificultam a concentração nas tarefas (SCHAWARTZMAN, 2003). Assim, a utilização de artifícios mais visuais do que auditivos foi essencial na metodologia de coleta de dados nesta pesquisa e, sem sombra de dúvida, para o desenvolvimento cognitivo (percepção,

memória, abstração) das informações tratadas ao longo do desenvolvimento das sessões.

Nos trabalhos com a história, estimulamos a interpretação e representação dos personagens. SEG começou a aprender os principais gestos e falas dos personagens. Inicialmente, confundia as falas e características dos personagens e embora não pudesse contar a narrativa inteira, conseguia contar partes principais do enredo. Como recurso para envolver o sujeito no contexto, foi utilizado o espelho, a descrição do cenário e as imagens do livro. A figura 5, abaixo, ilustra um dos momentos de contação e interpretação dos personagens do conto.

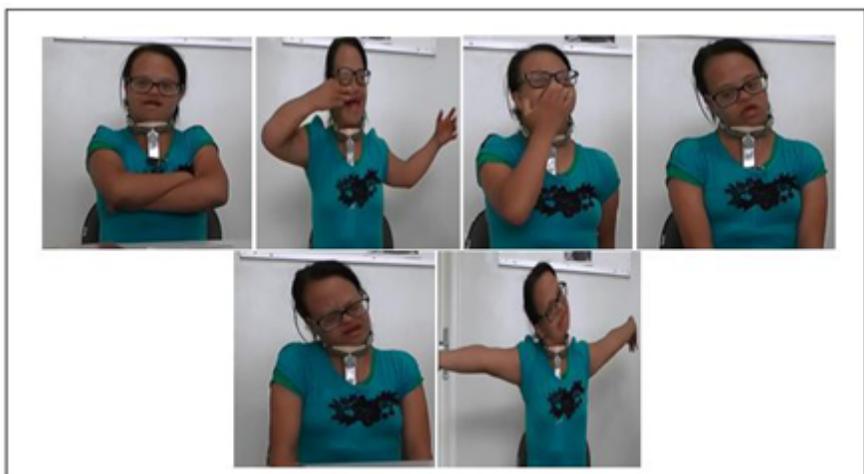
Figura 5 - Expressão de SEG durante as atividades da sessão 5



Fonte: Banco de dados do Núcleo saber Down

Ainda trabalhando com a história da Branca de Neve e os sete anões, com o objetivo de apresentar os personagens, foi feito um trabalho de encenação sobre os sete anões. Nesse momento, a adolescente foi estimulada a imitar as características e sentimentos de cada um dos anões: Zangado (bravo), Soneca (sonolento), Atchim (sempre espirrando), Mestre (atitude neutra), Dunga (triste) e Feliz (alegre e rissonho). A figura 6 mostra SEG representando os anões, considerando suas características específicas.

Figura 6 – Representação de SEG dos anões da Branca de Neve

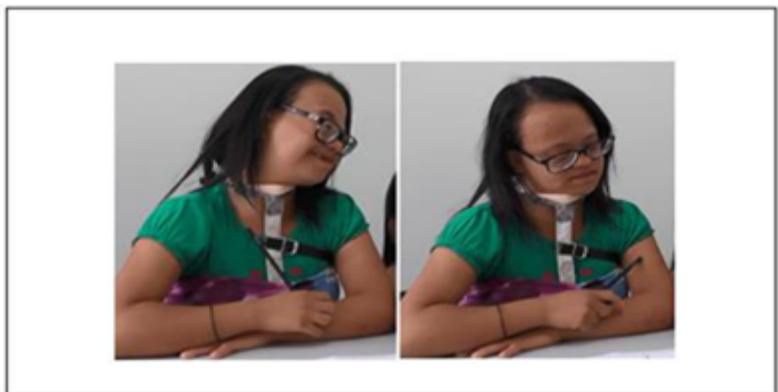


Fonte: Banco de dados do Núcleo saber Down.

Na sessão 6, foi feita a atividade “Correspondência das expressões faciais e sentimentos”. Essa sessão foi feita depois de uma pausa de mais de dois meses nos atendimentos e teve o objetivo de recuperar o que foi abordado sobre os estados emocionais. A tarefa solicitava que as emoções que fossem nomeadas e os rostos ilustrados, na primeira coluna, fossem ligados a expressões semelhantes na segunda coluna.

SEG acertou o nome das emoções quando lhe foi perguntado, ou seja, soube reconhecer nos rostos da atividade a reação correta. O desempenho nesta atividade é diferente das atividades piloto e iniciais, nas quais o sujeito apresentava mais dificuldades para definir e identificar as emoções. Após a nomeação e correspondência dessas emoções, solicitamos que a adolescente as representasse. A representação da alegria e tristeza está retratada na figura 7.

Figura 7 – Expressões de alegria e tristeza de SEG na sessão 6



Fonte: Banco de dados do Núcleo Saber Down.

Na reprodução da alegria suas mãos permaneceram pousadas sobre a mesa, mas suas sobrancelhas e bochechas estavam elevadas, pálpebras abertas, lábios esticados com os cantos (Figura 7). Na tristeza, murmurou um “hum”, inclinou a cabeça para esquerda, olhou para baixo e sua boca estava entreaberta, mas com os cantos voltados para baixo. Pousou a mão direita na mesa e a mão esquerda sobre a direita.

Quando lhe foi solicitada a reprodução de raiva, foram feitas contextualizações sobre o sentimento de raiva, situações hipotéticas. SEG relatou que expressaria a raiva dizendo “me deixa”, mas sua expressão foi neutra. Em mais uma tentativa, relembramos as expressões de raiva da atividade, simulando postura, gestos e expressões desta emoção. Em seguida, SEG fez sua própria reprodução: cruzou os braços na altura do peito, inclinou a cabeça para direita, com as pálpebras abertas, olhou para frente, fechou a boca, pressionando os lábios (Figura 8).

SEG reproduziu o medo dizendo “Que susto!”. Os seus olhos estavam abertos, sobrancelhas elevadas e boca aberta, com lábio inferior esticado na direção das orelhas. Uma das mãos estava aberta e foi levada até o rosto, na altura da boca, cobrindo parcialmente a boca aberta. As reproduções de raiva e susto de SEG estão na figura 8.

Figura 8 – Expressões de raiva e susto de SEG na sessão 6



Fonte: Banco de dados do Núcleo Saber Down.

Na sessão 7, na atividade “O poder das emoções”, foram apresentadas quatro situações hipotéticas com o objetivo de observar diferentes reações dos sujeitos. Primeiro, foi solicitado que SEG reconhecesse a emoção de 5 rostos: alegria, tristeza, medo, raiva e apaixonado. Acertou as 4 das 5 feições, não sabendo responder a última. Descreveu o rosto alegre como “cara de feliz”, o da tristeza como “triste”, o da raiva como “está bravo”, o rosto do medo como “susto” e o rosto apaixonado como “felicidade”. Depois dessa nomeação com base nas expressões faciais, foi feita a leitura da primeira situação. A primeira situação mostrava uma menina com uma expressão de medo gritando “Aaarg! Um rato!”. Na mesma cena havia um rato de brinquedo no chão

A segunda situação da atividade pedia para desenhar o que o SEG sentia antes de dormir. Afirmou ser muito fácil de responder e completou “Ah, eu sou o Soneca”, disse inspirando e soltando o ar. Neste momento, SEG fez uma associação entre o sono e o personagem da história da branca de neve, o anão, Soneca. A figura 9 mostra, na primeira imagem, SEG reproduzindo uma situação de sono e, na segunda imagem, indagando os pesquisadores e apontando para frente.

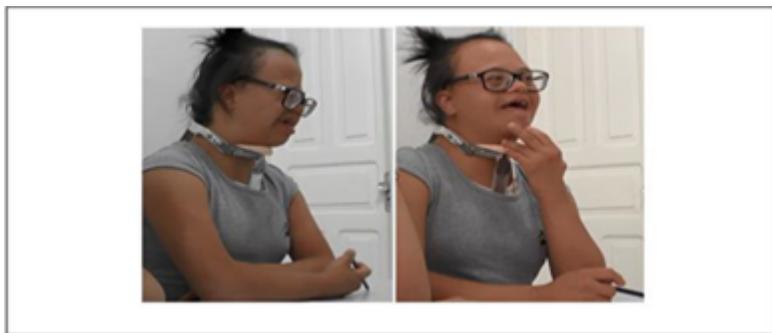
Figura 9 – Expressões de SEG na sessão 7



Fonte: Banco de dados do Núcleo Saber Down.

A situação seguinte solicitava “Desenhe como você se sente quando a professora está pedindo sua atenção em sala de aula”. A situação foi exemplificada e lhe foi perguntado como ela se sentiria; SEG respondeu: “xiiiiii”, fazendo uma expressão em que abria a boca, apertava os olhos, elevava as bochechas e franzia a testa (figura 10). A última parte da atividade perguntava “Qual a sua matéria preferida?”. SEG disse que era “fácil”, mas que não poderia contar. Depois escreveu na atividade “geografia” e disse ficar “alegre” nas aulas (figura 10).

Figura 10 – Reações de SEG na sessão 7



Fonte: Banco de dados do Núcleo Saber Down.

Na sessão 8, foram mostradas cenas das novelas “Carinha de Anjo” e “Chiquititas” em momentos tristes das tramas. A expressão facial de SEG assistindo a cena foi de tristeza: na maior parte do tempo, permaneceu atenta: sua boca se manteve fechada, com os cantos para baixo; músculos relaxados; suas pálpebras estavam abertas, atentas ao vídeo, e os músculos entre as sobrancelhas se contraíram, mas depois ficaram relaxados novamente.

Durante a observação dessa cena, sua mão direita ficou disposta sobre a mesa, com a palma virada para baixo, e a mão esquerda pousada por cima da direita e em seguida, cruzou os braços, em postura mais introspectiva. No final da cena, SEG perguntou se referindo a cena “Que pena... né?”. Quando lhe foi perguntado o que achou da cena, ela respondeu: “muito triste”. Suas palavras, expressões e posição gestual foram mais próximas da tristeza do que de outra emoção.

No geral, reconheceu os personagens de todas as cenas. Suas expressões foram predominantemente tristes ou neutras; houve também um semblante de seriedade e preocupação enquanto assistia aos vídeos, conforme a figura 11.

Figura 11 – Reações de SEG aos vídeos da sessão 8



Fonte: Banco de dados do Núcleo Saber Down.

Apesar de comentar fatos das duas novelas, seu relato foi pontual, com frases curtas e superficiais. A seguir, mostraremos a descrição e análise do sujeito SKG.

O Sujeito SKG também vivenciou atividades e práticas sobre os estados emocionais. A tabela 2, a seguir, mostra informações relativas às sessões de atividades sobre emoções realizadas pelo sujeito.

Tabela 2 – Manifestações emocionais identificadas durante as sessões de SKG

Sessão	Duração da sessão	Manifestações emocionais identificadas	Alegria	Tristeza	Raiva	Medo	Neutra
1	17min24seg	24	13	8	3	0	12
2	06min48seg	3	2	1	0	0	5
3	13min02seg	8	5	1	1	1	7
4	18 min07seg	5	4	1	0	0	10
5	22min35seg	18	12	1	5	0	22
6	14min11seg	10	3	3	2	2	9
7	15min12seg	8	5	1	0	2	6
8	16min67seg	6	6	0	0	0	11

Fonte: Elaboração própria.

Na sessão 1, foi aplicada a atividade do teste piloto, na qual era solicitada identificação e representação da alegria, tristeza e raiva. Também foram feitas perguntas sobre a vida do sujeito, sobre os gostos e sobre as situações que despertassem sentimentos de alegria, tristeza e raiva.

Nesta sessão o sujeito SKG apresentou 24 situações em que foram identificadas manifestações emocionais. Foram identificadas 13 reações de alegria; 8 reações de tristeza em representação exigida na atividade e em situação espontânea; e a manifestação de raiva foi identificada 3 vezes na primeira sessão, mas apenas uma delas ocorreu em situação espontânea.

Nesta sessão ocorreram outras situações interativas em que não foram identificadas reações emocionais—pela atitude mais próxima do natural do sujeito ou pela sutileza das expressões, gestos e fala, que não se relacionavam com as reações aqui descritas. Essas situações ocorreram 12 vezes e foram chamadas aqui de neutras. Na figura 12, estão dispostas algumas expressões identificadas nessa sessão.

Figura 16 – Imagens das expressões identificadas como alegre, neutra e triste de SKG



Fonte: Banco de dados do Núcleo Saber Down

O objetivo da atividade dessa sessão foi observar as reações do sujeito frente à notícia verídica da morte de uma criança. Durante a leitura da notícia pelo pesquisador, SKG permaneceu calado e com expressão neutra: olhos abertos em direção ao computador, músculos relaxados. Ao fim da leitura, foi questionado sobre o que ele sentia frente ao ocorrido e respondeu: “Normal”. Em nova tentativa, perguntei se a notícia era triste e disse com voz baixa: “Sim, é triste” – neste momento, sua boca estava fechada, mas com os cantos voltados para baixo e suas pálpebras estavam caídas.

Nessa atividade, SKG estava mais sério e econômico nas palavras. A notícia não prendeu suficientemente a sua atenção e logo mudou de assunto, perguntando: “Hoje vamos ler o pequeno príncipe?”

e depois completou “Eu assisti um vídeo dele no YouTube”. Apesar de reconhecer, posteriormente, a notícia como triste, o conteúdo não o incentivou a falar sobre acontecimentos parecidos. Algumas das expressões de SKG nesta sessão estão na figura 13.

Figura 13 – Expressões de SKG durante a sessão 2



Fonte: Banco de dados do Núcleo Saber Down.

Na sessão 3, na atividade sobre “Carinha de Anjo” e Chiquititas”, o sujeito expressou alegria duas vezes ao ver as imagens dos personagens e a abertura das novelas. Sua reação foi espontânea: pálpebras se fechando, “pés de galinha” se formando próximo aos olhos, bochechas para cima e sorriso. Repetia as frases “Ai, meu pai!” e “Ai, Jesus!”.

Na segunda atividade, “Colagem das emoções”, o sujeito utilizou predominantemente expressões faciais em detrimento da fala e dos gestos manuais. Na reação da alegria, utilizou a palavra “Feliz” e manteve os braços em repouso. Seu rosto teve uma expressão intensa: olhos quase fechados, sorriso aberto, cantos da boca e músculos da bochecha elevados, sobrancelhas elevadas, criando linhas na testa. Na representação da tristeza, a boca ficou fechada, contraída, olhos com as pálpebras mais fechadas, sobrancelhas um pouco elevadas, com os músculos entre elas franzidos. O semblante era muito intenso e se assemelhou com uma expressão de raiva – com olhos, boca e nariz contraídos.

Para representar o medo, o sujeito prendeu a respiração, manteve a posição estática dos braços e mãos e não falou durante a ação. Seus olhos se arregalaram e suas sobrancelhas acompanharam este movimento, elevando-se e criando linhas na testa.

No geral, SKG apresentou fala econômica com repetição de palavras ditas pelo pesquisador ou pontuais sobre as emoções. Os movimentos faciais foram os mais utilizados para dar ênfase às suas expressões. Usou poucos gestos manuais em suas expressões, mesmo nas manifestações espontâneas. Nas reproduções da atividade “Colagem das emoções”, seu rosto estava bem intenso, tornando as expressões caricatas, conforme a figura 14.

Figura 14 - Expressões faciais de alegria, tristeza e raiva de SKG na sessão 3



Fonte: Banco de dados do Núcleo Saber Down.

Na sessão 4 foi aplicada a atividade “Fórmula para compartilhar sentimentos”. SKG apresentou manifestações emocionais de alegria e de tristeza. Durante essa atividade, SKG apresentou um comportamento mais disperso, observando as ilustrações sobre a história do pequeno príncipe nas paredes da sala. Sempre sorrindo, disse querer ler o livro que havia trazido.

Avançando na atividade, perguntei, em seguida, sobre os sentimentos negativos. Pedi que falasse se algo o tinha deixado triste ou zan-

gado. SKG respondeu que sentia saudades de uma prima que morava em outro estado e isso o deixava triste. Seu rosto, seu semblante e sua entonação se alteraram sutilmente nesse relato; o sujeito falou mais baixo, olhando para a mesa.

Durante a sessão, sua expressão fora predominantemente neutra, mostrando alegria (sorrisos e empolgação) em quatro situações e tristeza em apenas uma. Não foram observadas outras emoções básicas, mas apenas o comportamento disperso e impaciente do sujeito em relação à leitura do livro do pequeno príncipe.

Na sessão 5, foi feito o trabalho com SKG em relação a história da “Branca de Neve e os sete anões”. O objetivo do trabalho foi o de familiarizar o sujeito em torno do conto, dos seus personagens, do contexto e do seu enredo. Durante o trabalho de contação, SKG apresentou vários momentos de alegria; sorria, levantava intensamente as sobrancelhas e falava alguns bordões: “- Ai, meu Deus!”, “-Ai, meu Pai!”, que enfatizavam a empolgação com a história e os personagens. Em alguns momentos de fala, foram identificados gestos ascendentes, com os dois braços abertos e elevados, conforme a figura 15, a seguir.

Figura 15 – Expressão e gestos ascendentes de SKG durante a sessão 5



Fonte: Banco de dados do Núcleo Saber Down.

SKG foi estimulado a representar um dos personagens da história, o personagem do caçador. SKG representava sua primeira fala em tom raivoso, com uma expressão de ira. Contudo, com o desenrolar

do processo de apreensão do enredo, explicamos que o personagem não mostrava tamanha raiva nas imagens do livro. As expressões realizadas pelo sujeito na sessão estão na figura 16.

Figura 16 – Manifestações de SKG durante a sessão 5



Fonte: Banco de dados do Núcleo Saber Down.

Na sessão 6, foi trabalhada a atividade “Correspondência das emoções”. SKG estava mais quieto do que o habitual, menos falante. O sujeito soube reconhecer e nomear, com mais facilidade, as expressões de alegria e tristeza. A expressão de raiva não foi identificada pelo sujeito na primeira tentativa e, na última emoção a ser reconhecida, SKG não soube nomeá-la e logo disse uma frase constantemente repetida por ele: “Ai, meu pai!”. A partir de dicas e descrições feitas pela pesquisadora, o jovem conseguiu fazer correspondência com a manifestação do medo.

Além de identificar e nomear as emoções, estimulamos também que o sujeito representasse cada uma delas. Pedimos para que fizesse a expressão de felicidade e ele o fez utilizando o rosto de forma intensa e caricata, diferente da reação espontânea que costuma expressar. Na expressão de tristeza apresentou diferenças da descrição de Freitas-Magalhães (2013)—as pálpebras superiores caem, as sobrancelhas acompanham os olhos, as narinas contraem-se e os cantos dos lábios se voltam para baixo. Para representar a raiva, afunilou e contraiu os lábios, fechou os olhos e colocou a mão fechada sob o queixo. SKG expressou o medo esticando o corpo para trás, arregalan-

do os olhos, elevando as sobrancelhas, abrindo bastante a boca e esticando os músculos das bochechas – vocalizou, sem força, um “Ahhh”. As expressões descritas estão na figura 17.

Figura 17 – Expressões de alegria, tristeza, raiva e medo durante a sessão 6 de SKG



Fonte: Banco de dados do Núcleo Saber Down.

Na sessão 7, foi aplicada a atividade “O Poder das emoções” que mostrava situações hipotéticas sobre emoções e sentimentos. Para auxiliar na descrição dos sentimentos atribuídos às situações, foram mostrados rostos com expressões de alegria, tristeza e medo. No início da sessão, SKG apresentava rosto e atitude neutros, mas ao decorrer da sessão, apresentou sorrisos e esteve mais falante. Em alguns momentos da atividade, o adolescente parecia distraído e desatento, sendo necessária a repetição das situações da atividade. As reações de SKG durante a sessão estão na figura 18.

Figura 18 – Reações de SKG durante a sessão 7



Fonte: Banco de dados do Núcleo Saber Down.

Considerando as manifestações durante a atividade da sessão 7 e o que mostra a figura 18, temos a hipótese de que falar sobre algo que gosta pode ter influenciado sua alteração de humor, da neutralidade para a alegria.

A sessão 8 teve a intenção de verificar reações emocionais espontâneas de SKG frente à apresentação de cenas tristes das novelas “Carinha de Anjo” e “Chiquititas”. Ao assistir aos dois primeiros vídeos, SKG permaneceu atento e com uma expressão neutra – cruzou os braços sobre a mesa, encostando o rosto sobre a mão esquerda, pousada no queixo; os músculos do rosto estavam relaxados e olhos focados e atentos. As expressões capturadas enquanto o sujeito assistia aos vídeos, estão na figura 19.

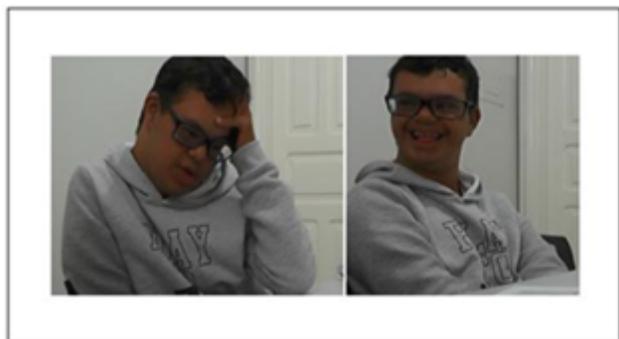
Figura 19 – Reações de SKG ao assistir aos vídeos da sessão 8



Fonte: Banco de dados do Núcleo Saber Down.

Ao questioná-lo sobre o que havia sentido assistindo às cenas, respondeu: “Foi bem”. Ao prosseguir com a pergunta sobre a cena, respondeu: “Tristeza”; também perguntamos se ele se lembrava da cena ou se tinha visto antes e, neste momento, colocou as duas mãos na cabeça e disse: “Eu já sei o que é... tristeza” e riu. Perguntei se ele se sentia triste vendo a cena e respondeu com um largo sorriso: “Eu fico... alegria”. As expressões descritas estão na figura 20.

Figura 20 - Expressões de SKG na sessão 8



Fonte: Banco de dados do Núcleo Saber Down.

Ao final da discussão sobre as cenas, relatou que estava feliz por ter assistido todas as cenas mostradas, mostrando um resultado interessante frente ao objetivo da atividade.

Conforme observado nas descrições apresentadas, SEG e SKG não apresentaram maiores dificuldades em reconhecer as emoções de alegria e tristeza. A raiva também foi reconhecida pelos sujeitos: SKG a representava de forma mais intensa e caricata, enquanto SEG apresentava inicialmente dificuldades para representá-la, mostrando, em algumas ocasiões, o rosto relaxado, mais próximo a neutralidade. Ambos sujeitos parecem ter, inicialmente, dificuldades em nomear, identificar e representar emoções de medo e nojo, por exemplo.

Dessa forma, emoções de alegria e tristeza parecem ter sido mais compreendidas e expressas por eles. Principalmente para os sujeitos com Down, a raiva parece ter sido uma emoção representada com menos naturalidade em comparação com a alegria e tristeza. Para seguir com a discussão deste trabalho, antes de explanadas as considerações finais, abordaremos a trajetória desta pesquisa e o papel da estimulação ofertada no Núcleo saber Down neste processo.

6 DESDOBRAMENTOS DOS MÉTODOS NO NÚCLEO SABER DOWN

O Núcleo Saber Down (UESB/CNPq) desde 2012 propõe ações que buscam promover o desenvolvimento global da pessoa com síndrome de Down, através da estimulação linguística, motora e cognitiva. Além dessas ações, as crianças, adolescentes e familiares atendidos neste espaço contam com orientações e informações sobre a síndrome e sobre os cuidados necessários para uma vida física, social e afetiva saudáveis.

A estimulação ofertada pelo Núcleo em questões de aprendizagem é fundamental: as intervenções em leitura, escrita, matemática e outras disciplinas têm auxiliado esses sujeitos na aquisição de competências escolares ou não. O aluno com a síndrome possui déficits e limitações e a escola, na maioria das vezes, não consegue atender às necessidades reais desses alunos, que precisam de mais tempo, persistência e recapitulação constante em seu processo de aprendizagem.

O Núcleo é um espaço de pesquisa e extensão, onde acontecem pesquisas voltadas para a estimulação e desenvolvimento global das pessoas com Down. Neste espaço já foram realizadas pesquisas sobre investigação e descrição da fala, conforme o trabalho de Grubba, Oliveira e Pacheco (2017), para aquisição da leitura e escrita nos trabalhos de Souza (2017), para estudos da linguagem nos trabalhos de Moreira, Baia e Oliveira (2018) e na pesquisa de Oliveira, Pacheco e Brito (2019), para análise da expressão emocional dos sujeitos com Down.

Acreditamos que este trabalho, além dos resultados inéditos quanto à demarcação gesto/expressão emocional e prosódica em pessoas com síndrome de Down, traz uma contribuição metodológica (também inédita) para futuras pesquisas sobre o tema. Igualmente, esse fazer metodológico, buscando a estimulação e desenvolvimento dos participantes, traz uma contribuição relevante para os sujeitos

da pesquisa. Assim, por conta deste método, durante o planejamento e aplicação das atividades foi possível observar que os sujeitos eram afetados pelo processo: os adolescentes com SD mostravam a cada sessão uma evolução, mesmo que pequena, no conhecimento sobre o assunto tratado na pesquisa, a emoção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As manifestações emocionais englobam o ser humano como todo; envolve seu corpo e sua cognição. A pessoa com SD apresenta especificidades no seu desenvolvimento devido à alteração cromossômica que determina sua condição genética. Segundo Schawartzman (2003), o fenótipo neuropsicomotor do sujeito com Down é caracterizado pelo comprometimento no desenvolvimento neurológico e neuropsicomotor, bem como dificuldades nas funções cognitivas.

Essas pessoas apresentam alterações no campo da linguagem que afetam sua expressão e trazem consequências no estabelecimento de relacionamentos sociais. Além disso, Schawartzman (2003) descreve que as dificuldades em sustentar a atenção nas tarefas e os déficits nas memórias verbal e explícita prejudicam as questões de aprendizagem. Mesmo que cada indivíduo trilhe seu caminho de desenvolvimento, existe uma determinação genética que o acompanhará, que são as limitações, acima citadas, decorrentes dessa condição.

Os resultados discutidos mostram indícios de que a hipótese inicial é pertinente: os sujeitos com Down parecem ter alguma dificuldade na demarcação das diferentes emoções, devido ao seu atraso global, contudo, esses fatores não impediram que tais sujeitos se expressassem e utilizassem diferentes recursos – fala, gestos e movimentos faciais – para isso.

No início da coleta de dados, foram identificadas dificuldades por parte dos dois sujeitos com Down em compreenderem algo tão abstrato quanto o conceito de emoção; eram capazes de nomear

emoções mais básicas, mas a explicação de tais conceitos abstratos foi mais difícil. Ainda assim, os sujeitos relataram sentir alegria, tristeza, raiva em situações cotidianas e pessoais descritas pelos próprios. Saber nomear e identificar suas próprias emoções pode ter sido o primeiro passo para o desenvolvimento de diferentes habilidades comunicativas e sociais.

Os estímulos dados durante as sessões de trabalho sobre emoções acabaram sendo inevitáveis, considerando o espaço do Núcleo Saber Down no qual estavam inseridos. Os estímulos no aspecto expressivo, através das discussões, interpretações e simulações emocionais possivelmente podem ter ampliado o repertório desses sujeitos. Essa ampliação da capacidade expressiva mostra que o sujeito com Down possui fraquezas, considerando seus comprometimentos, mas também forças: são capazes de melhorar sua linguagem expressiva, apesar das limitações.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, L. B.; AUBERGÉ, V. Análise Prosódica da certeza e da incerteza em fala espontânea e atuada. **Diadorim**, Rio de Janeiro, Revista 17, v. 2, p. 212-237, 2015.
- BARBOSA, A. P. Conhecendo melhor a prosódia: aspectos teóricos e metodológicos daquilo que molda nossa enunciação. **Revista de Estudos Linguísticos**, v. 20, n.1, p. 11-27, 2012.
- BIRCK, V. R.; KESKE, H. I. A Voz do Corpo: A Comunicação Não-Verbal e as Relações Interpessoais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31. **Anais...** Agosto, 2008.
- BRITTO, I. A. G. S.; ELIAS, P. V. O. Análise comportamental das emoções. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 16, jun. 2009.
- DAMÁSIO, A. **O Mistério da Consciência: do corpo e das emoções do conhecimento de si.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DARWIN, C. **The expression of the emotions in man and animals**. Londres: John Murray. 1872. Disponível em: <http://darwin-online.org.uk/>. Acesso em: abr de 2018.

EKMAN, P.; FRIESEN, W. **Facial Action Coding System: A Technique for the Measurement of Facial Movement**. Palo Alto: Consulting Psychologists Press, 1978.

EKMAN, P. A linguagem das emoções. Tradução Carlos Szlak. São Paulo: Lua de Papel, 2011.

ESPERIDIÃO-ANTÔNIO, V. *et al.* Neurobiologia das emoções. **Rev. Psiq. Clín.**, v. 35, p. 2; p. 55-65, 2008.

FAST, J. **A linguagem do corpo**. Tradução de Cristina Rocha. São Paulo: Nobel, 1999.

FREITAS-MAGALHÃES, A. **A psicologia das emoções: o fascínio do rosto humano**. Porto: FEELab Science books, 2013.

GRUBBA, C. L.; OLIVEIRA, M.; PACHECO, V. Estudo piloto da duração relativa de fricativas de um sujeito com síndrome de Down. **Anais do XII Colóquio nacional e V Colóquio internacional do Museu Pedagógico**. ISSN: 2175-5493, UESB, Vitória da Conquista, 2017.

HELLWIG, B.; GEERTS, J. **ELAN – Linguistic Annotator**. Versão 4.4.0, 2013.

KENDON, A. The study of Gesture: someremarks on its history. **Recherches sémiotiques/semiotic inquiry**, n. 2, p. 45-62, 1982.

LEGAL, E.J. O gesto de apontar na comunicação humana: Algumas considerações onto e filogenéticas. **Biotemas**, v. 10, p. 2, p. 47-59, 1997.

LOPES, L.W; LIMA, I. L. B. Prosódia e transtornos da linguagem: levantamento das publicações em periódicos indexados entre 1979 e 2009. **Rev. CEFAC**, v. 16, n. 2, p. 651-659, mar-abr, 2014

MCNEILL, D. Introduction. *In*: MCNEILL, D. (ed.) **Language and Gesture**. Cambridge University Press, Cambridge, UK, 2000.

MCNEILL, D. **Hand and Mind**. What Gestures Reveal about Thought. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

MENDES, D. M. L. F.; SEIDL DE MOURA, M. L. Expressões faciais de emoção em bebês: importância e evidências. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, n. 9 (maio-agosto), 2009.

MIGUEL, F.K. Psicologia da expressão emocional. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 20, n. 1, p. 153-162, jan./abr. 2015.

MOREIRA, G.R; BAIA, M. F.A; OLIVEIRA, M. A manifestação de templates da atipicidade de linguagem: um estudo de caso. *In*: ATAÍDE, C. A.; SOUSA, V. V. **Língua, texto e ensino: descrições e aplicações**. Recife: Pipa Comunicação, 2018.

OLIVEIRA, M. Questões de linguagem em sujeitos com síndrome de Down. **Revista Pró língua**, v. 5, n. 1, jan./jul. 2010.

OLIVEIRA, M. **Sobre a produção vocálica na síndrome de Down**: descrição acústica e inferências articulatórias. 2011. 309f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011.

OLIVEIRA, M; PACHECO, V; BRITO, T. F. Expressão emocional em pessoas com síndrome de Down: análise acústica da alegria e da tristeza. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 2, p. 87-102, abr-jun, 2019.

PIAGET, J. **O Raciocínio da Criança**. Rio de Janeiro: Record, 1967.

RANGEL, D. I.; RIBAS, L. P. Características da linguagem na síndrome de Down: Implicações para a comunicação. **Revista Conhecimento Online**, Novo Hamburgo, v. 2, p. 18-29, set. 2011.

READ, A.; DONNAI, D. **Genética clínica**: uma nova abordagem. Porto Alegre: Artmed, 2008.

RECTOR, M.; TRINTA, A. R. **Comunicação corporal**. São Paulo: Ática, 1999.

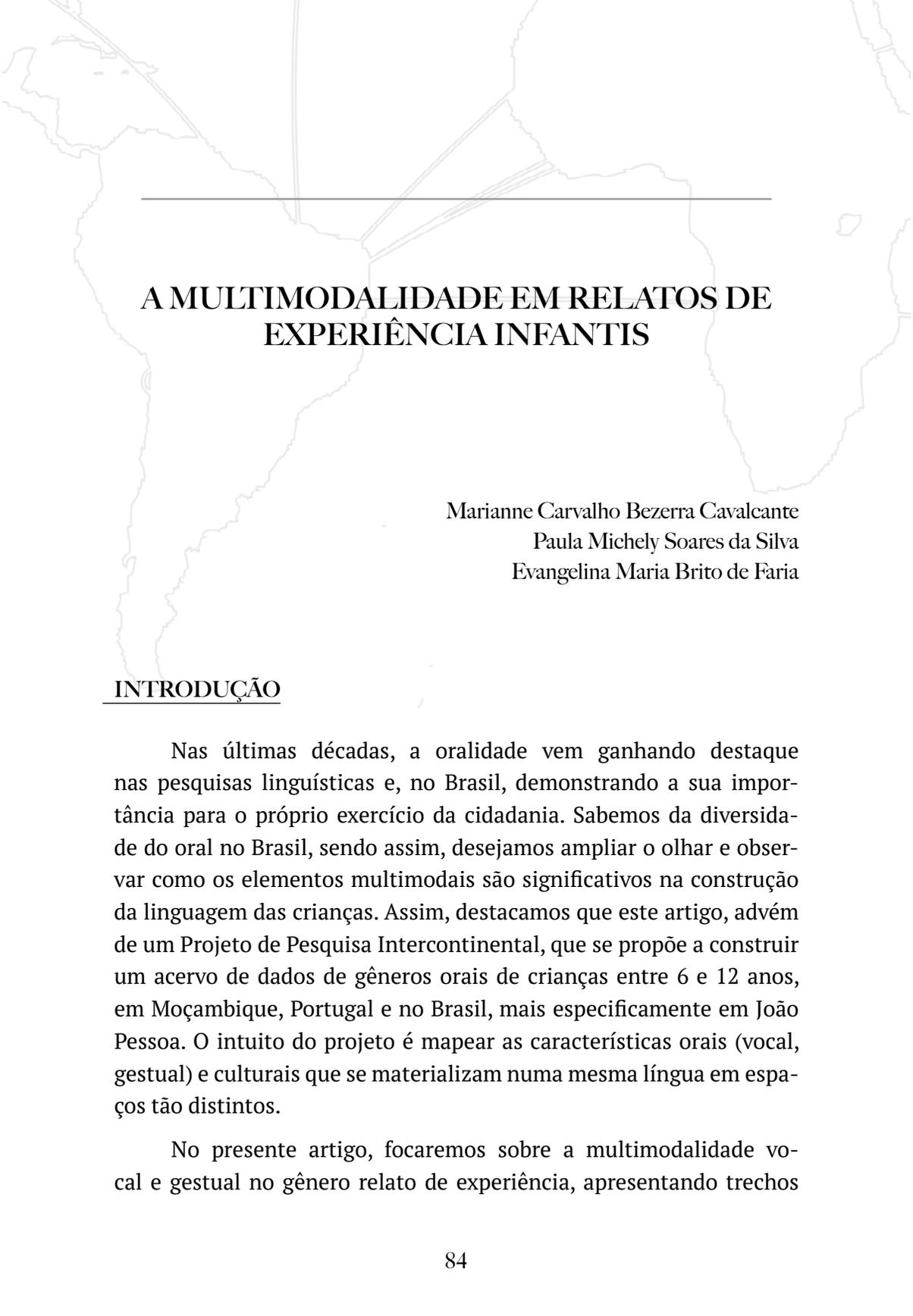
SCHERER, K.R. **Vocal Affect signalling**. Advances in the study of behavior. Nova York: Academy Press, 1986.

SCHAWARTZMAN, J. S. **Síndrome de Down**. São Paulo: Memnon, 2013.

SOUZA, L. P. P. **Processos fonológicos na fala e na escrita de sujeitos com síndrome de Down**: uma interpretação via Geometria de Traços e Teoria Métrica da Sílabas. 173f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UESB, Vitória da Conquista, 2017.

VASSOLER, A. M. O.; MARTINS, M. V. M. A entoação em falas teatrais: uma análise da raiva e da fala neutra. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 1, p. 9-18, 2013.

VEZALI, P. O corpo: considerações acerca da relação entre fala e gesto. In: **ILINX-Revista do LUME**, v. 2, n. 1, 2012.



A MULTIMODALIDADE EM RELATOS DE EXPERIÊNCIA INFANTIS

Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante
Paula Michely Soares da Silva
Evangalina Maria Brito de Faria

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a oralidade vem ganhando destaque nas pesquisas linguísticas e, no Brasil, demonstrando a sua importância para o próprio exercício da cidadania. Sabemos da diversidade do oral no Brasil, sendo assim, desejamos ampliar o olhar e observar como os elementos multimodais são significativos na construção da linguagem das crianças. Assim, destacamos que este artigo, advém de um Projeto de Pesquisa Intercontinental, que se propõe a construir um acervo de dados de gêneros orais de crianças entre 6 e 12 anos, em Moçambique, Portugal e no Brasil, mais especificamente em João Pessoa. O intuito do projeto é mapear as características orais (vocal, gestual) e culturais que se materializam numa mesma língua em espaços tão distintos.

No presente artigo, focaremos sobre a multimodalidade vocal e gestual no gênero relato de experiência, apresentando trechos

dos vídeos, que fazem parte do acervo intercontinental que já se encontra em construção nos três continentes.

É importante destacar ainda, a relevância deste artigo. Primeiro, pela pouca incidência de pesquisas que investiguem a oralidade (fala e gesto) numa perspectiva de uma única matriz de significação. Segundo, pela proposição do projeto, do qual este artigo encontra-se vinculado, em observar a linguagem em seu funcionamento natural, nos gêneros textuais orais. Terceiro, pela parceria realizada entre instituições de países distintos, que tem permitido a observação da relação fala e gesto em culturas diversas, possibilitando a construção de um acervo de dados em língua portuguesa e suas variedades para inúmeras pesquisas posteriores.

1 ASPECTOS DA ORALIDADE

A oralidade se constitui por meio de fenômenos como a prosódia, a produção vocal, a produção gestual, a movimentação corporal, as expressões faciais. Para auxiliar na compreensão desse termo, Marcuschi (2010) apresenta uma distinção relevante entre fala e oralidade. Assim, “[...] a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso” (p. 25). Já a fala apresenta-se “[...] como uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano” (p. 25).

Nessa perspectiva, a oralidade é definida como prática social interativa, possuindo um status discursivo-interativo mais claro, enquanto a fala é considerada a materialização do oral. No caso, a oralidade possui maior abrangência e estaria relacionada às práticas sociais desenvolvidas e organizadas enquanto gêneros textuais orais.

Diante disso, é perceptível a importância do desenvolvimento da oralidade em contextos que ao menos reflitam situações reais do cotidiano, pois, como apontado por Marcuschi (2010), a oralidade lida com todos os contextos de interação, sendo este formal e/ou informal; logo, lidar com essa realidade auxilia a formação linguística do falante.

2 CLASSIFICAÇÕES GESTUAIS DE MCNEILL E KENDON

Em relação ao caráter multimodal da fala, McNeill (2005) apresenta gesto e fala como parte de um mesmo sistema linguístico, que se organiza num todo harmonioso. Soares (2018) enfatiza que o termo multimodalidade é relativamente novo e, a partir dos seus estudos com base em McNeill (2000), o define como “a relação entre os aspectos integrados e inseparáveis de vários elementos, como: gestos, produções vocais, movimentos corporais, expressão facial, olhar, entre outros” (p. 48).

Kendon (1992) elaborou um *continuum* com a finalidade de mostrar como funciona a relação entre gestos e fala, caracterizando os gestos como gesticulação, preenchedores, emblemas, pantomimas e sinais, como podemos ver no quadro a seguir:

Quadro 1 - Adaptação do continuum de Kendon (1988)

	Definição	Características
GESTICULAÇÃO	é usada no fluxo de fala sem previsibilidade, ou seja, é um ato individual das mãos.	Presença obrigatória de fala; Ausência de propriedades linguísticas; Não convencional; Global e sintética.
GESTOS PREENCHEDORES	é um gesto que ocupa um lugar na sentença, preenchendo um espaço gramatical.	Ausência obrigatória de fala; Presença de propriedades linguísticas; Não convencional, Global e analítico.
EMBLEMAS	são usados culturalmente, como, por exemplo, o gesto de “ok”	Presença opcional de fala; Presença de algumas propriedades linguísticas; Parcialmente convencional; Segmentado e sintético.
PANTOMIMAS	é usada sem o fluxo de fala, são representações de ações cotidianas.	Ausência obrigatória de fala; Ausência de propriedades linguísticas; Não convencional; Global e analítico
SINAIS	são os sinais de uma língua de sinalizada.	Ausência obrigatória de fala, Presença de propriedades linguísticas; totalmente convencional; Segmentado e analítico

Adaptado por Fonte; Silva; Cavalcante; Ávila-Nóbrega (2022).

Já McNeill (1992) explorou as dimensões gestuais da gesticulação com a descrição dos gestos: icônicos, dêiticos, metafóricos e ritmados.

Quadro 2 - Dimensões da gesticulação

	Definição
Gestos Icônicos	estão estreitamente ligados ao discurso, servindo para ilustrar o que está sendo dito, delineiam formas de objetos ou ações, estabelecendo com o referente uma relação de metonímia, por exemplo, quando uma pessoa demonstra um objeto físico usando as mãos para mostrar seu tamanho.
Gestos Dêiticos	são os demonstrativos ou direcionais, geralmente acompanham as palavras como “aqui”, “lá”, “isto”, “eu” e “você”, pode ser representado pelos movimentos de apontar.
Gestos Metafóricos	são parecidos em sua superfície com os gestos icônicos, contudo, possuem a particularidade de referirem expressões abstratas, por exemplo, configuração da mão em cacho, fechado, aberto ou semi aberto, ao produzir expressões no discurso em que se quer dar ênfase, por exemplo quando o falante faz referência à “aquisição da linguagem” e apresenta a mão nessa configuração, como se quisesse demonstrar com o gesto a noção de aquisição da linguagem.
Gestos Ritmados	são nomeados assim porque aparecem como o tempo da batida musical; as mãos se movem no mesmo ritmo da pulsação da fala, marcando, por exemplo, mudanças no discurso, ou realçando um determinado momento do discurso.

Adaptado por Fonte; Silva; Cavalcante; Ávila-Nóbrega (2022).

Com base nos quadros anteriores (1 e 2), é possível verificar que a oralidade agrega elementos multissistêmicos, que envolvem fala, gestos, movimentos corporais, olhar, dentre outros. Essa percepção nos leva a ver que a oralidade, mesmo que baseada na realidade sonora, acrescenta outros elementos multimodais. Sabemos que o olhar, a postura corporal, as expressões faciais, acrescentam sentidos ao dito ou mesmo negam o que foi pronunciado. Além disso, é facilmente verificável que, em todas as línguas, há um funcionamento integrado com os gestos.

Para Kendon e McNeill, gestos e fala constituem-se como um único sistema. Segundo McNeill (1992), os gestos compartilham com a fala um estágio computacional; eles são, portanto, parte de uma mesma estrutura cognitiva. Para Brandão (2015, p. 74), McNeill posiciona-se contrário às perspectivas linguísticas que consideram as estruturas da linguagem apenas em relação aos sons da fala, já que os gestos aparecem como uma parte integrante da ação comunicativa do indivíduo: gesto e fala cooperam para apresentar uma única representação cognitiva. Em sua pesquisa, Brandão (2015) observou a aquisição do oral em seus multissistemas no gênero histórias infantis, com crianças de 2 a 6 anos. Seus resultados apontam:

nas narrativas aqui analisadas, uma diversidade de gestos acompanhando ou não o fluxo da fala, o que atesta que o verbal e o não verbal atuam paralelamente na interação narrativa. Alguns destes gestos, como verificamos, assumiram o lugar da fala apresentando uma sentença completa, outros compuseram, juntamente com a fala, uma versão mais complexa da narrativa. Nesse sentido, concebemos o gesto como elemento linguístico que possibilita diversas significações. [...] O que podemos estabelecer aqui é que à medida que a criança vai crescendo, mais elaborados são seus gestos. (BRANDÃO, 2015, p. 198).

Como podemos ver com a pesquisa de Brandão, a criança se utiliza dos gestos na produção de fala para constituir o discurso e, à medida que cresce, aperfeiçoa-se nessa utilização complexa.

3 AS NARRATIVAS INFANTIS E O GÊNERO RELATO DE EXPERIÊNCIA

Segundo Bruner (1991), há duas formas de pensamento: o narrativo e paradigmático. Esses “modos pensamentos” são construídos pelo ser humano, a partir das diferentes formas de discurso, sobretudo, da narração e da argumentação. Assim, as nossas experiências e as nossas memórias são organizadas a partir de narrativas. A narrativa compõe um “conjunto de ferramentas culturais”, no sentido de que não são os aspectos biológicos, mas a cultura que “molda a vida e a mente humanas, que dá significado à ação, situando seus estados intencionais subjacentes em um sistema interpretativo” (BRUNER, 1991 p. 11).

A criança ao narrar traz marcas discursivas de diferentes tipos de narrativas): estórias, casos e relatos (PERRONI, 1983). As estórias, também denominadas de ficções, são narrativas típicas da nossa cultura, as quais apresentam invariabilidade de conteúdo na relação temporal/casual, como os contos da Chapeuzinho vermelho, Branca de neve, Bela e a Fera, entre outros. Já o relato, ou relato de experiência, é uma narrativa construída para recuperar linguisticamente uma sequência de experiências vividas pela criança. O caso é uma atividade de criação de uma realidade fictícia e apresenta-se como combinações livres, diferentemente das estórias que possuem um enredo fixo e dos relatos, narrativas sobre fatos verídicos (MELO, 2022, p 45).

Aqui trabalhamos com a perspectiva de que as narrativas são multimodais, tal como destaca De Almeida:

A narrativa infantil é multimodal e as crianças usam os gestos tanto para complementar quanto para suplementar ou substituir o que é dito vocalmente(...) [ela] tem uma estrutura mais assemelhada a uma conversa, em que o narrador-criança “conta” e o interlocutor-adulto pergunta e sustenta a narrativa por meio de expressões preenchedoras (é:, hm, sei, dentre outros), pausas, hesitações e tomadas de turno, acompanhadas de expressões faciais e gestos predominantemente ritmados.” (DE ALMEIDA, 2018, p. 76).

4 METODOLOGIA

Os dados apresentados neste artigo fazem parte dos *corpora*, em andamento¹, do acervo de dados intercontinental, desenvolvido a partir de um projeto da Universidade Federal da Paraíba (Brasil), em parceria com a Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique) e com a Universidade Autônoma da Madeira (Ilha da Madeira-Portugal), tendo como proposta de discussão o caráter qualitativo interpretativista.

Apresentaremos dados de uma criança brasileira, sexo feminino e de uma criança portuguesa, sexo feminino, respectivamente com 9 e 10 anos de idade, em contexto de uso do gênero textual oral relato de experiência. A inserção dos gêneros na produção dos dados é realizada por compreendermos que, na faixa etária selecionada, os gêneros orais fazem parte do cotidiano e de vivências das crianças.

1 A coleta está em andamento nos três países: Brasil, Portugal e Moçambique. Aprovado pelo CEP CCS UFPB - CAAE: 42841521.0.0000.5188 para uso de imagens em produção acadêmica.

Quadro 3 – Detalhamento dos dados

Dados de Portugal: Criança A	Dados do Brasil: Criança B
Dados coletados em 2020 Idade: 10 anos Língua materna: Português Europeu Gêneros orais: receita e relato de experiência Aspectos observados: a multimodalidade gestual e vocal no gênero relato de experiência	Dados coletados 2020 Idade: 9 anos Língua materna: Português Brasileiro, variedade de João Pessoa Gêneros orais: receita e relato de experiência Aspectos observados: a multimodalidade gestual e vocal no gênero relato de experiência

Fonte: Elaboração própria.

Os dados foram coletados por meio do Google *meet*. Uma sala foi aberta para o encontro virtual, na qual fizeram parte duas pesquisadoras da UFPB em interlocução com a criança. As gravações foram feitas na casa da criança com o auxílio de um notebook e com a presença dos pais, tendo uma duração média de 20 minutos.

A transcrição foi feita no *software* ELAN, que viabiliza uma melhor constatação da evidência dos aspectos indissociáveis dos gestos e das produções vocais. Assim, apresentaremos um quadro inicial do ELAN, em que será possível verificar, parcialmente, as análises desenvolvidas e, em seguida, um quadro com a captura das imagens, para uma melhor visualização dos aspectos que se sobressaltam naquele determinado gênero oral.

5 ANÁLISE E CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS DADOS

Vamos apresentar os resultados envolvendo o gênero relato de experiência produzidos pelas crianças **A** e **B**.

Relato de experiência Criança A:

Criança A: “Eu estava a chegar da escola, já cansada. Já eram dezessete e quinze, dezessete e meia, dezessete e quarenta e cinco. E cheguei a casa e vi o gato, nos pés da minha irmã, nos pés da cama da minha irmã, a cheirar o chulé dela. Depois, eu lembro-me que tinha muito medo dele, nem chegava perto, só ficava a olhar pra ele. Depois quando eu saía do quarto... Hã...ele estava escondido atrás do pé da meia; ele era assim, mesmo muito pequenino. Depois quando eu saía do quarto, ele levantava a cabeça atrás do pé, e quando eu voltava ele baixava a cabeça. Depois fomos pra sala e depois eu subi em cima do sofá, porque eu estava cheia de medo dele. A Maria já estava toda arranhada. Depois fomos brincando com ele, fomos brincando e depois ele foi se tornando meu melhor amigo, meu gatinho. Até que hoje ele é um gato gigante, e dorme comigo”.

Pesquisadora: “Legal, Clara. Como é o nome do seu gato?”

Criança A: “Tem vários... Ele atende todos os nomes que lhe derem comida. Mais normalmente nós lhe chamamos Totorô, Tôto, Tô... hã...hã...gato”.

Pesquisadora: “E ele atende por todos?”–(risos)

Criança A: “Se lhe derem comida atende (risos).”

Criança A: “E quando estamos a comer no almoço ele vem. Eu tenho uma cadeira e depois tem aqui uma cadeira, e depois a cadeira do meu pai. A cadeira aqui é a cadeira do meu gato. E quando estamos a comer ele fica lá a olhar pra comida. Às vezes meu pai da-lhe um petisco, e depois também vem quando meu pai tá com chocolate, e tem aquele papel prata, e meu pai faz uma bola e ele fica a brincar na cadeira”.

Detalhamento gestuo-vocal em ocorrência concomitante:

Quadro 4 – Captura da tela principal do ELAN-Criança A

The screenshot displays the ELAN software interface. On the left, a video window shows a young girl with long dark hair, wearing a light-colored shirt, sitting and speaking. On the right, a transcript table is visible with columns for 'N.', 'Texto', 'Legenda', 'Lexicon', 'Comments', 'Reconhecedores', 'Metadados', and 'Controles'. The transcript lists 21 entries, each with a time range and a description of the utterance. Below the transcript, a timeline shows the video's progress with various markers and controls.

N.	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles
1	"Depois"						
2	"Coloca-se"						
3	"Os pimentões no..."						
4	"Pimentões vermelhos e verdes"						
5	"Coloca-se os pimentões na tampa"						
6	"Hã"						
7	"Temperia-se com..."						
8	"Tá e pimenta"						
9	"Mas a sardinha eu também sei como é que se faz"						
10	"Toma cuidado de açúcar e mel"						
11	"Depois..."						
12	"Hã Mas eu também gosto de colocar corantes"						
13	"e depois vai ao forno"						
14	"Pimenta..."						
15	"O gato..."						
16	"Tira pé da minha mão"						
17	"Depois..."						
18	"eu lembro que eu tinha muito medo dele"						
19	"nem chegava perto só ficava a olhar pra ele"						
20	"Depois quando eu subi do quarto"						
21	"ele ficava escondido por trás do pé da mesa. Ele era m..."						

Quadro 5 – Produções gestuais da criança A

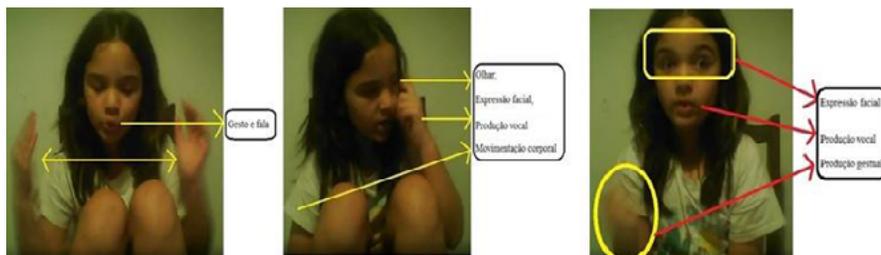


Imagem 1: “ele era assim, mesmo muito pequenino” – (Gesto pantomímico e emblemático) – dimensão do gato.

Imagem 2: “Hã...ele tava escondido atrás do pé da meia” – (Expressão facial e gesticulação: movimentação do corpo).

Imagem 3: “depois eu subi em cima do sofá, porque eu estava cheia de medo dele” (Expressão facial e gesticulação: movimentação dos braços e mãos desordenadamente).

Relato de experiência Criança B:

Criança B: “A gente tava lá em Lucena, na casa do meu avô, com meus pais e meu irmão. Aí eu deitada lá na rede, comendo bolo, meu pai tava jantando, minha mãe tava lá dormindo, né? Tava colocando meu irmão para dormir. E...aí...meu pai chegou lá na porta, porque a gente tava lá na casa do meu avô, no condomínio dele lá em Lucena. Aí quando meu pai olhou, tinha como se fosse uma cerquinhas lá, de...de... de plantinhas, cheias de floreszinhas. Aí quando meu pai olhou tinha a cabeça da cobra assim, desse jeito. Aí ela foi e se escondeu. Aí meu pai foi e disse: uma cobra! Bem alto, aí eu... eu meio... fiquei muito assutada. E aí eu fui, dei um pulo da rede, subi em cima do braço do sofá do meu avô e fique lá, só assistindo a cena. Aí meu pai foi, ligou pra o meu avô, o meu avô ligou lá pra o porteiro do condomínio, o porteiro do condomínio veio lá, ficou lá.... olhando a cobra... Aí ele mexeu na grama e aí ela pá, caiu. Aí ele pá, bateu na cabeça dela e ela morreu. Pronto.”

Detalhamento gestuo-vocal em ocorrência concomitante:

Quadro 6 - Captura da tela principal do ELAN-Criança B

The screenshot displays the ELAN software interface. On the left, a video window shows a young girl with her hands clasped in front of her. On the right, a table lists gestures with their temporal coordinates and descriptions. Below the video, a timeline shows the alignment of gestures and speech segments.

N.	Anotação	Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
1	GESTICULAÇÃO E PANTOMIMA: movimento dos braços	00:00:44.716	00:00:56.817	00:00:12.102
2	GESTO PANTOMIMICO: emula uma cobra.	00:00:56.818	00:00:59.289	00:00:02.471
3	GESTO: cede indicador para cima	00:00:03.450	00:00:03.844	00:00:00.394

The timeline at the bottom shows the following segments:

- Gesto_C**: GESTICULAÇÃO E PANTOMIMA: movi
- Fala_C**: "uma cerquinhas lá de de."
- Exp_gestivo-pt**: (Ela era os braços e as mãos se brigar de 90 graus e movimento simulando/representando uma cobra)
- Exp_Facial_C**: "noiva para o lado"

Quadro 7 – Produções gestuais da criança B

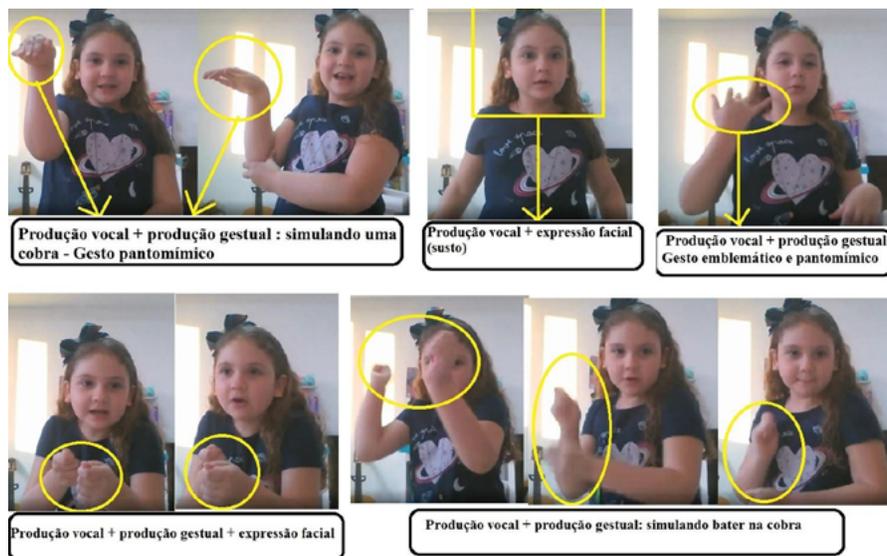


Imagem 1: “aí quando meu pai olhou tinha a cabeça da cobra assim, desse jeito.” – (Gesto pantomímico).

Imagem 2: “Aí meu pai foi e disse: uma cobra! Bem alto, aí eu...” – (Expressão facial: olhos bem abertos, demonstrando espanto, susto). Continua: “aí meu pai foi, ligou pra o meu avô” – (Gesto emblemático e pantomímico).

Imagem 3: “o porteiro do condomínio veio lá, ficou lá... olhando a cobra” – (Gesto pantomímico: imitando a ação do porteiro).

Imagem 4: “Aí ele mexeu na grama e aí ela pá, caiu. Aí ele pá pá pá, bateu na cabeça dela e ela morreu. Pronto.” – (Gesto pantomímico: simulando a ação de bater na cobra com o cabo de vassoura).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo teve como objetivo socializar discussões e resultados centrados nos aspectos da multimodalidade gestuo-vocal, em dois

vídeos do gênero relato de experiência, de uma criança brasileira e de uma portuguesa, buscando identificar os gestos, produções vocais e expressões corporais, que se sobressaem no processo de produção do relato.

A primeira consideração é voltada para às regularidades quanto ao uso dos gestos, em que foi observado gestos pantomímicos se sobressaem no gênero oral relato de experiência, como pode ser previsto e justificado, pelo fato de que ao contarmos uma história e/ou experiência, buscamos demonstrar, mesmo que simbolicamente, o que fazemos, como fazemos, como aconteceu, entre outros.

Por fim, e ainda em relação aos gestos, é possível ver a profusão de gestos desde o início da fala até o final, além da naturalidade da movimentação do corpo, da cabeça, do olhar, das mãos na vocalização ou na ausência de fala é notória, o que nos encaminha para um fortalecimento da tese de que fala e gesto compõem uma só matriz de significação.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, S. **Gestos e fala nas narrativas infantis**. João Pessoa, 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

BRUNER, J. The narrative construction of reality. **Critic Inquiry**, v. 17, 1991.

DE ALMEIDA, A. T. M. C. B. **A matriz gesto-fala em narrativas multimodais infantis**. 2018. 230f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2018.

FONTE, R. F. L. da; SOARES, P. M. da S.; CAVALCANTE, M. C. B.; ÁVILA-NÓBREGA, P. V. **Estudos em Aquisição da Linguagem e Multimodalidade no Nordeste Brasileiro**. Revista Estudos da Linguagem, no. Especial, Vitória da Conquista, 2022.

KENDON, A. **Gesture: Visible action as utterance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KENDON, A. Some recent work from Italy on Quotable Gestures (Emblems). **Journal of Linguistic Anthropology**, v. 2, p. 92-108, 1992.

MCNEILL, D. Introduction. In: MCNEILL, D. (ed.) **Language and gesture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MCNEILL, D. Gesture. In: HOGAN, P. C. (Ed.). **Cambridge encyclopedia of the language sciences**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 344-346.

MCNEILL, D. **Hand and mind: what gestures reveal about thought**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1992. p. 75-104.

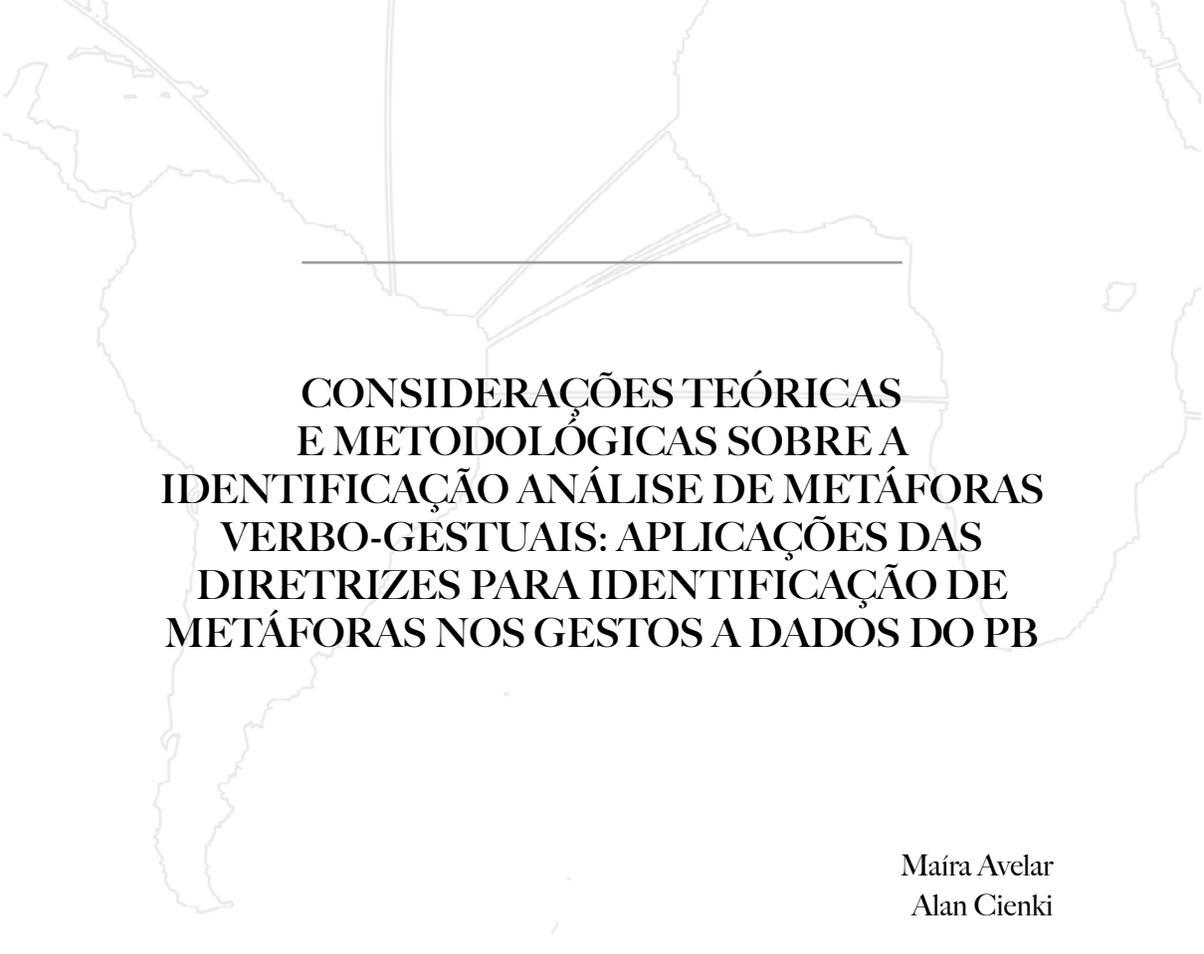
MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MELO, E. S. de **Narrativas infantis de herança quilombola: aspectos culturais na multimodalidade**. 2022. 223f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

PERRONI, M. **Desenvolvimento do Discurso Narrativo**. Campinas:, 1983. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1983.

SOARES da S, P. M. **Multimodalidade em cenas de atenção conjunta: contribuições para o processo de aquisição da linguagem de uma criança surda**. 2018. 188f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

SOARES da S, P. M. **Gestos e produções vocais: a fluência multimodal em aquisição da linguagem**. 2014. 88f. Dissertação (Mestrado em Linguística)– Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.



**CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS
E METODOLÓGICAS SOBRE A
IDENTIFICAÇÃO ANÁLISE DE METÁFORAS
VERBO-GESTUAIS: APLICAÇÕES DAS
DIRETRIZES PARA IDENTIFICAÇÃO DE
METÁFORAS NOS GESTOS A DADOS DO PB**

Maíra Avelar
Alan Cienki

INTRODUÇÃO

Os campos da Linguística Cognitiva (LC) e dos Estudos de Gesto (EG) têm se inter-relacionado de maneira profícua, especialmente nos últimos 20 anos. Dada a inter-relação estabelecida entre esses dois campos, abrangendo, especialmente, pesquisas no âmbito da interação multimodal, essa conexão tende a se manter como uma linha de investigação acadêmico-científica sólida (CIENKI, 2016). A análise de dados videogravados fomentada pelos EG fornece sustentação empírica às pesquisas recentes em LC, reforçando o compromisso de consolidação da LC como uma teoria baseada no uso (LANGACKER, 1987; CIENKI, 2016).

Neste trabalho, pretendemos demonstrar como essa articulação entre os dois campos supracitados vem ocorrendo. Na primeira seção do artigo, abordamos percursos teóricos e metodológicos propostos, especificamente, por pesquisadores de metáforas multimodais. Posteriormente, na segunda e terceira seções, enfocamos as Diretrizes Identificação de Metáforas nos Gestos – DIM-G (CIENKI, 2017), a fim de não apenas apresentar e de demonstrar o funcionamento dessas diretrizes a leitores de Língua Portuguesa, mas também de estabelecer ajustes e atualizações nos parâmetros metodológicos, com base em aplicações das DIM-G a dados de pesquisas que vêm sendo desenvolvidas no Brasil, sobretudo no Laboratório de Linguística Cognitiva e Estudos de Gesto (LabGest/PPGLin/UESB).

2 METÁFORA E GESTOS: BREVE PERCURSO TEÓRICO SOBRE A DISCUSSÃO DE METÁFORAS MULTIMODAIS

Os estudos que correlacionam a emergência de metáforas verbo-gestuais surgem a partir de inquietações e questionamentos relativos à circularidade da Teoria da Metáfora Conceptual – TMC (LAKOFF; JOHNSON, 1980), em que se afirma tautologicamente que “expressões metafóricas verbais são uma evidência de metáforas conceptuais (...). Sabemos disso porque vemos metáforas conceptuais expressas na linguagem verbal” (CIENKI *apud* CIENKI, 2008, p. 16). É questionada, mais especificamente, a estaticidade dos mapeamentos realizados – do domínio-fonte concreto ao domínio-alvo abstrato. Em seu trabalho pioneiro, McNeill (1992) argumenta que, se a metáfora tem suas bases em padrões relativos a se pensar um domínio em termos de outro, deveríamos ver evidências disso nos gestos realizados pelos falantes. Em outras palavras, segundo o autor (2005[1992]), se os falantes estão pensando, em termos imagéticos, a partir do domínio-fonte metafórico, é possível prever que haja alguma representação dessa imagem nos gestos deles. Sendo assim, McNeill (1992, 2005) explora exemplos de metáforas verbo-gestuais ontológicas (“IDEIAS SÃO OBJETOS”) – como

ilustrado, por exemplo, na Figura 2 a seguir – para argumentar em favor de sua hipótese.

Segundo Cienki (2016), de fato, pesquisas sobre metáforas multimodais têm acompanhado essa ideia desde então, confirmando essa hipótese de os gestos representarem o domínio-fonte das metáforas. Dessa maneira, conforme aponta o autor, na obra *Metaphor and Gesture* (CIENKI; MÜLLER, 2008), o gesto é um dos domínios do comportamento não-verbal que fornece evidências para a afirmação de que as metáforas são parte do pensamento, e não apenas da linguagem verbal e que a cognição tem uma base corporificada.

Além disso, essas pesquisas também levantam questões sobre as metáforas em usos interacionais. Os pesquisadores propõem, então, o conceito de metaforicidade (MÜLLER, 2008, MÜLLER; CIENKI, 2009) como um princípio cognitivo geral, em que os mapeamentos metafóricos são processados *online* e as metáforas são simultaneamente produzidas em modalidades independentes – como, por exemplo, nas modalidades verbal e gestual ou por meio da integração dessas duas modalidades – e de maneira sucessiva no tempo – ou seja: a mesma metáfora conceptual manifesta-se em momentos diferentes da interação.

Cienki (2008) propõe, então, dois parâmetros para identificação e análise de metáforas conceptuais e de expressões metafóricas derivadas: i) o grau de convencionalidade uma metáfora conceptual em uma determinada cultura (do convencional ao novo); (ii) o grau em que uma expressão metafórica é destacada – ou, em outras palavras, colocada no primeiro plano atencional dos interactantes – num contexto de uso específico, tornando-a cognitivamente mais saliente.

Considerando que os parâmetros de identificação e análise de metáforas conceptuais e expressões metafóricas possuem uma gradualidade, o potencial de ativação da metafórica é escalar. Sendo assim, “the underlying conceptual metaphors can be more or less frozen

or defrosted, or more or less asleep or awake (depending on the metaphor one wants to use for metaphoricality itself)". (CIENKI, 2008, p. 10) No âmbito das metáforas multimodais, é possível descrever três ocorrências-padrão (MÜLLER; CIENKI 2009):

1. É possível encontrar os mesmos domínios, fonte e alvo, em modalidades diferentes, tal como no exemplo a seguir, em que a Metáfora “MENTIR É TER DUAS CARAS”:

Figura 1 – Metáfora espacial verbo-gestual “Mentir é ter duas caras”



Aí se trata de ser coerente, de num ter duas caras,
Uma hora uma [cara],
Tronco inclinado para a esquerda, com o rosto inclinado para o mesmo lado.



Outra hora, outra [cara].
Tronco inclinado para a direita, com o rosto inclinado para o mesmo lado.

Fonte: Debate presidencial de 2010 da Band, adaptada de Miranda e Mendes (2016).

2. A princípio, seria possível, também, encontrar domínios-fonte diferentes e o mesmo domínio-alvo, em modalidades diferentes. Entretanto, essa possibilidade foi apenas hipotetizada, mas não foi atestada em dados, o que demonstra que, empiricamente, parece haver um limiar cognitivo para se encontrar esse tipo de ocorrência;

3. Por fim, é possível encontrar o domínio-fonte encenado nos gestos e o domínio-alvo expresso na fala, tal como no exemplo a seguir, em que a metáfora conceptual “Verdade é Reta” é veiculada. O domínio-alvo é expresso na fala (“Honesto”) o Domínio-fonte é expresso nos gestos (movimento descendente em linha reta):

Figura 2 – Metáfora ontológica verbo-gestual “Verdade é Reta”



Então, eu acredito que a gente num pode ter duas caras. A gente tem de agir de maneira honesta.

Straight downward movement, with the left forearm, closed punch hand.

Fonte: Debate presidencial de 2010 da Band, adaptada de Miranda e Mendes (2016).

Esta última possibilidade interessa-nos mais de perto, pois, como veremos na próxima seção, ela nos permite estabelecer parâmetros metodológicos para a identificação de metáforas verbo-gestuais.

3 AS DIRETRIZES PARA IDENTIFICAÇÃO DE METÁFORAS NOS GESTOS: METODOLOGIA PARA IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE DE METÁFORAS VERBO-GESTUAIS

Segundo Cienki (2016) uma vez que consideramos dados videogravados, sobretudo de fala em contextos interacionais, é possível constatar que exemplos criados a partir da intuição sobre o uso da língua, tal como aqueles utilizados nas primeiras formulações da TMC (LAKOFF; JOHNSON, 1980), refletem com mais frequência o uso da língua escrita do que o uso real da língua falada. Sendo assim, do ponto de vista metodológico, utilizar dados de uso real da língua revelam resultados que podem ser diferentes daqueles previstos

pela intuição do pesquisador. Além disso, o grau de replicabilidade e mesmo de confiabilidade das análises pode ser alcançado de maneira mais satisfatória quando se opta pela utilização de dados reais de uso. No caso específico da análise de metáforas verbo-gestuais, foram criadas as “Diretrizes para Identificação de Metáforas nos Gestos” – DIM-G¹ (CIENKI, 2017), que prevê o cumprimento de sete etapas, conforme explicamos a seguir. As duas primeiras etapas são realizadas com o som do vídeo a ser analisado desligado, de modo que o conteúdo semântico da fala não enviesasse as identificações e descrições a serem realizadas.

A primeira etapa das DIM-G consiste na identificação dos núcleos gestuais. Para tanto, é necessário abordar os conceitos de gesto e de excursão gestual propostos por Kendon (2004). O autor (2004, p. 1-2) defende o conceito de “gesto” como “enunciados de ações visíveis” e “movimentos de expressividade deliberada”. Nesse sentido, o autor afirma que enunciados gestuais e verbais constituem “duas formas integradas de expressão, produzidos conjuntamente a partir de uma orientação a um único objetivo²”. Sendo assim, o ato e produzir um gesto é parte integrante de produzir um enunciado. Dessa forma, um enunciado é constituído tanto pela língua falada, quanto pelos gestos, sendo que estes atuam em conjunto com aquela.

Além disso, segundo Müller (2018), o conceito de “expressividade deliberada” é o que diferencia gesto de movimentos corporais sintomáticos, ou seja, movimentos que não fazem parte de um esforço comunicativo. Nesse sentido, Kendon (2004) caracteriza que uma unidade gestual consiste em uma excursão completa, composta por três fases: (i) a preparação, que corresponde à saída dos membros da posição de repouso; o núcleo, que corresponde à “fase da excursão na qual a dinâmica do movimento de ‘esforço’ e ‘formato’ é manifestada

1 Tradução livre de “Metaphor Identification Guidelines for Gestures” (MIG-G)

2 These two forms of expression [verbal and gestural] are integrated, produced together under the guidance of a single aim.

com maior clareza”³ (KENDON, 2004, p. 102); e a retração, que corresponde ao retorno dos membros à posição de repouso.

A segunda etapa das DIM-G (CIENKI, 2017) consiste na identificação da forma gestual. Segundo Cienki (2016), os gestos possuem a especificidade modal de apresentarem iconicamente entidades no espaço. Além disso, os gestos possuem propriedades semelhantes à modalidade da fala: podem ser segmentados, hierarquizados, combinados e regularizados a partir de sua forma no nível sintagmático (BRESSEM; LADEWIG; MÜLLER, 2013). São definidos, então, quatro parâmetros de forma gestual (BRESSEM; LADEWIG; MÜLLER, 2013; CIENKI, 2017): (i) formato das mãos: aberta, fechada, dedo estendido, combinação de dedos ; (ii) orientação das palmas: para cima, para baixo, horizontal, vertical, diagonal; (iii) direção do movimento: ascendente, descendente, para a direita, para a esquerda, para fora do corpo, em direção ao corpo; (iv) posição espacial: 0–no corpo do falante, 1–distância próxima ao corpo, 2–distância média do corpo, 3–distância longa em relação ao corpo.

A partir da terceira etapa, o som do vídeo selecionado para análise é ligado, de modo que é possível estabelecer uma inter-relação entre as formas gestuais descritas e a fala associada a essas formas, que permite o estabelecimento da função gestual. Como é possível notar, o pareamento forma-função, proposto pelo paradigma da Gramática de Construções (CROFT; CRUSE, 2004), também seve de parâmetro de identificação dos compósitos verbo-gestuais. As funções gestuais podem ser categorizadas como: (i) referencial, em que os gestos representam ideias ou entidades concretas ou abstratas; (ii) pragmática ou performativa, em que o gesto encena um ato de fala ou a força ilocucional do enunciado verbo-gestual; e (iii) discursiva, em que o gesto acompanha a estruturação rítmica ou prosódica da fala, marcando, por exemplo, ênfase.

3 [...] the phase of the excursion in which the movement dynamics of ‘effort’ and ‘shape’ are manifested with greatest clarity.

Sendo assim, na terceira etapa, é necessário identificar, segundo as DIM-G (CIENKI, 2017), se o gesto possui função referencial. Em caso afirmativo, passa-se, então à etapa seguinte das Diretrizes. Entretanto, a partir de aplicações das DIM-G a dados videogravados do Português Brasileiro (PB), foi possível constatar que gestos que desempenham outras funções também podem ser considerados como exemplos menos prototípicos de compósitos verbo-gestuais metafóricos (PINHEIRO; AVELAR, 2017; AVELAR; FERRARI, 2017; AVELAR; FERRARI; PACHECO, 2022). Portanto, o que propomos neste artigo é que a função gestual seja categorizada e a próxima etapa das Diretrizes seja realizada.

A quarta etapa das DIM-G (CIENKI, 2017) consiste na identificação dos modos icônicos de representação gestual, ou seja, naquilo que o falante faz com as mãos quando gesticula: (i) encenar, em que as mãos se movem de modo a representar uma ação ou processo. É possível afirmar que, neste caso, o gesto é realizado do ponto de vista do personagem (MCNEILL; CASSELL; LEVY, 1993); (ii) corporificar, em que as mãos representam a entidade ou objeto, substituindo-o. É possível, então, caracterizar o gesto como sendo realizado do ponto de vista do objeto (MCNEILL; CASSELL; LEVY, 1993); (iii) desenhar (2D), em que as pontas dos dedos indicadores se movem, de modo a desenharem, por exemplo, uma trajetória ou a forma de um objeto, por meio de traços imaginários; (iv) segurar/moldar (3D), em que as mãos se posicionam de modo a que se possa inferir o formato 3D de um objeto. A partir da aplicação das Diretrizes aos dados do PB, conforme pesquisas citadas anteriormente, também acrescentamos a categoria “Apontar” que, muito embora não se configure, especificamente como representacional, é utilizado para indicar referentes, tanto presentes na cena imediata, quanto imaginados em contextos narrativos.

A quinta etapa das DIM-G (CIENKI, 2017) consiste em identificar o referente físico retratado nos gestos, ou seja, o potencial Domínio-fonte da metáfora multimodal. Nesta etapa, também a partir de aplica-

ções das Diretrizes a dados do PB (PINHEIRO; AVELAR, 2017; LISBOA *et al*, 2018; LISBOA; GRAÇA; AVELAR, 2019), foi possível constatar que, nos casos em que os gestos desempenham função referencial, a categorização dos Esquemas Imagéticos (EI) representados pelos gestos mostrou-se útil para uma melhor padronização das descrições dos referentes físicos, assim como uma correlação mais explícita com o campo da LC.

Neste caso, os EI gestuais foram categorizados da seguinte maneira (CIENKI, 2005; AVELAR, 2018): (i) Container/Recipiente: o gesto demarca um recipiente, por meio, de fronteiras moldadas pelas mãos ou da encenação da ação de “colocar/ tirar” algo referenciado na fala; (ii) Objeto: o gesto corporifica ou desenha um referente explicitado na fala; (iii) Ciclo: o movimento de rotação dos pulsos realiza a ação de retornar ao estado original e recomeçar, podendo também exercer a função discursiva de marcador de iteração (LADEWIG, 2013; PINHEIRO; AVELAR, 2021); (iv) Trajetória: o gesto desenha um percurso que vai de um ponto A, demarcado no espaço, a um ponto B, também demarcado no espaço; (v) Superfície: as mãos se movem de modo a demarcar uma superfície referenciada na fala.

A sexta etapa das DIM-G (CIENKI, 2017) consiste em explicitar o referente ou o tópico referenciado na fala – em outras palavras, o potencial Domínio-fonte da metáfora. Caso o referente seja abstrato, é possível afirmar, na etapa seguinte, que há uma metáfora multimodal. Caso seja concreto, não há uma metáfora, uma vez que o mapeamento ABSTRATO PARA CONCRETO (CIENKI, 2008) não se efetiva. Em suma, se há um referente concreto referenciado por meio dos gestos, inter-relacionado a um referente abstrato referenciado na fala, na sétima e última etapa das Diretrizes, é selecionada a opção “há metáfora”. Caso ambos os referentes sejam concretos, é selecionada a opção “não há metáfora”.

Uma questão a ser problematizada nesta última etapa é a ausência de gradualidade na categorização, conforme preconizado pelo princípio da metaforicidade. Sendo assim, ao aplicarmos as DIM-G aos dados do PB, propusemos a modificação das categorias de análise da última etapa para: “Grau de metaforicidade: alto, intermediário ou baixo”, de modo a evitar a estaticidade dos mapeamentos metafóricos. Além disso, convém ressaltar que, nos casos em que o gesto não desempenha função referencial, ou mesmo em que o compósito verbo-gestual apresenta aparentes contradições referenciais, metáforas multimodais menos prototípicas podem ser encontradas, tal como será demonstrado na seção a seguir.

4 AMOSTRAS ILUSTRATIVAS DE ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

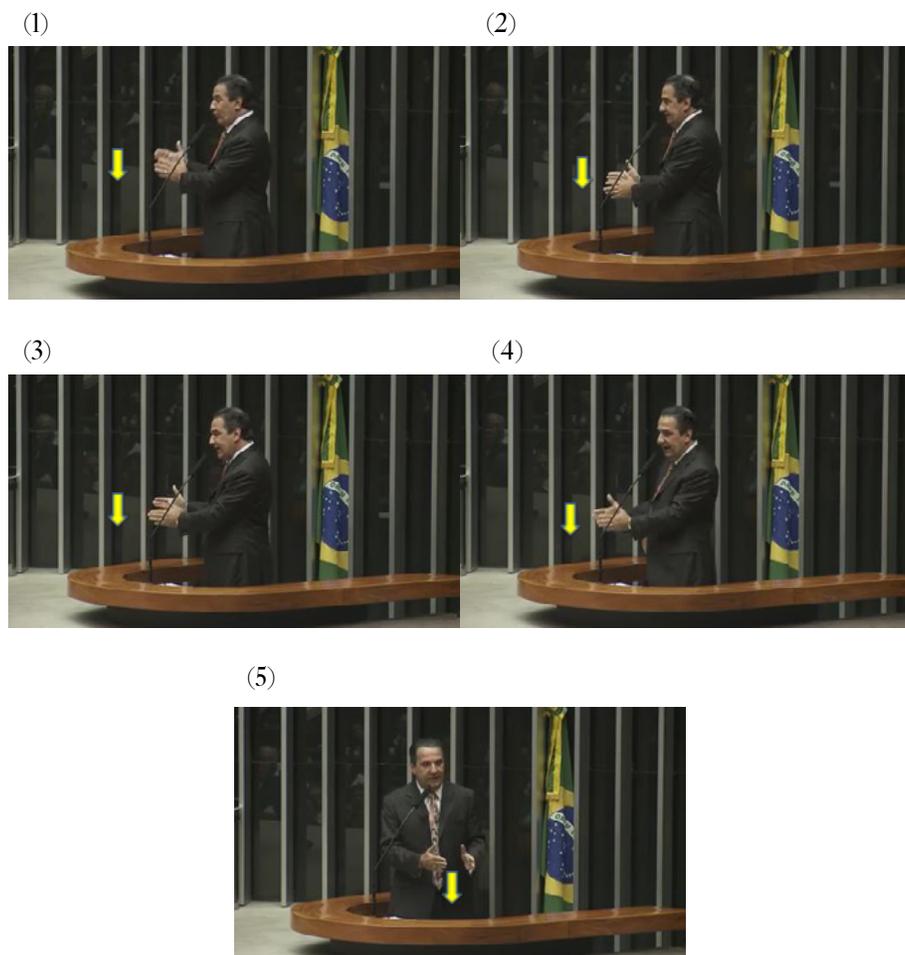
A fim de aplicarmos os parâmetros das DIM-G descritos anteriormente, assim como demonstrarmos o funcionamento do princípio da metaforicidade, em que uma metáfora aparece sistematicamente num determinado discurso, de maneira *online* e sucessiva no tempo, utilizaremos exemplos retirados de uma Sessão Legislativa, compilando e, sobretudo, sistematizando e ampliando análises realizadas a respeito de amostras da Sessão em questão – c. f. referências citadas a seguir, ao longo desta seção. A Sessão selecionada corresponde à Sessão Solene em Honra ao Dia da Família, com duração de 11 minutos e 42 segundos e encontra-se armazenada no canal da TV Câmara no YouTube, de livre acesso.

Conforme descrito por Avelar e Mendes (2016, 2020), na Sessão em questão, o Pastor Silas Malafaia, convidado pelo Partido Social-Cristão (PSC) para discursar na tribuna da Câmara dos Deputados, utiliza, ao longo de seu discurso, as metáforas ontológicas “ENTIDADES SÃO CONTAINERS” e “ENTIDADES SÃO OBJETOS”, que se desdobra linguisticamente em metáforas como: “FAMÍLIA É CÉLULA”. Este último desdobra-

mento pode ser ilustrado com um excerto da primeira parte do discurso de Malafaia, proferido aos 3 minutos e 7 segundos:

Figura 3 - Ativação da metafóricidade na primeira parte do discurso de Silas Malafaia

“O que nós chamamos de **família nuclear** (1, 2) é **um homem** (3), **a mulher** (4) e **sua prole** (5)



Fonte: Sessão Solene em Honra ao Dia da Família, adaptada de Avelar e Mendes (2020).

Aplicando-se os critérios das DIM-G, obtemos os seguintes resultados:

Etapa 1 – Isolamento dos núcleos gestuais: com o som do vídeo desligado, identificamos cinco núcleos gestuais, numa única excursão gestual: as mãos moveram-se da posição de repouso, realizando cinco sequências de preparação e núcleo iguais, até retornarem à posição de repouso, conforme sinalizado pelos números de 1 a 5 da Figura 3.

Etapa 2 – Descrição dos quatro parâmetros de forma gestual: ainda com o som do vídeo desligado, assistimos ao vídeo novamente, identificando: i) formato das mãos: mãos abertas e ii) orientação das palmas: palmas verticais, voltadas paralelamente uma para a outra; iii) movimento: descendente; iv) posição espacial: distância média das mãos em direção ao corpo e tronco posicionado à direita (1, 2, 3), no centro (4) e à esquerda (5) da tribuna onde se encontra o falante. Como houve mudança em apenas um dos quatro parâmetros de forma, foi possível considerar que se trata da repetição do mesmo gesto (BRESSEM; LADEWIG; MÜLLER, 2013) em posições diferentes do espaço onde se encontra o falante.

Etapa 3 – Identificação da função gestual: no excerto em questão, os gestos desempenham função referencial, uma vez que demarcam espacialmente as entidades que compõem a família nuclear.

Etapa 4 – Identificação dos Modos de Representação Gestual: o falante molda, em 3D, um container com as mãos, repetidas vezes, em posições diferentes do espaço, à medida em que repete o gesto rotacionando o troco.

Etapa 5: Identificação do referente físico retratado no gesto: conforme descrito na etapa anterior, o referente físico retratado no gesto, ou potencial Domínio-fonte da metáfora, corresponde ao Esquema Imagético CONTAINER.

Etapa 6 – Tópico referencial identificado na fala: o tópico referencial mais geral identificado na fala que coocorre com o primeiro núcleo gestual, é “Família nuclear”. Em seguida, são listadas as suas respectivas entidades, acompanhadas, respectivamente, dos demais núcleos gestuais: “homem”, “mulher” e “prole”.

Etapa 7 – Identificação do grau de metaforicidade: foi possível constatar que o excerto apresenta um grau altamente convencionalizado – em outras palavras, um baixo grau de metaforicidade –, uma vez que houve uma utilização prototípica – fala referindo-se a membros da família (tópico abstrato) e gestos demarcando (concretamente) espacialmente esses referentes

Na primeira sequência de seu discurso, conforme observado por Avelar e Mendes (2016; 2020), Malafaia apresenta uma definição tipicamente tradicional e conservadora de família, baseada no que ele chama de “relações heteronormativas”. Para tanto, ele aborda o conceito de “família nuclear” teoricamente formulado no século XX pela Psicologia Social, ao serem discutidos diferentes possibilidades de arranjo familiar. Considerando a sequência de gestos que coocorre com a fala do pastor, eles delimitam espacialmente, por meio da moldagem de um “CONTAINER” (Domínio-fonte), da direita do orador à esquerda, o lugar ocupado por cada um das “ENTIDADES” (Domínio-alvo) constitutivas da família tradicional e veiculadas na fala: “um homem”, “a mulher” e “sua prole”. Sendo assim, a família é descrita, pelo narrador, de um ponto de vista externo, de quem observa a cena -ou seja, do ponto de vista do objeto, PVT-O (MCNEILL; CASSELL; LEVY, 1993). Do ponto de vista da formulação original das DIM-G, foi possível aplicar os critérios previstos sem maiores modificações, uma vez que a sequência de gestos repetidos desempenha função referencial. Ajustamos, apenas, o último parâmetro, de acordo com a justificativa apresentada na seção anterior.

Na sequência seguinte, correspondente à porção média do discurso de Malafaia, proferida aos 7 minutos e 13 segundos, Silas Malafaia aumenta o volume e aumenta a curva de F0 – de 92.3 para 97.5 semitons –, a fim formular uma analogia retórica sobre os seres humanos. Conforme apontado por Avelar e Mendes (2016), a sequência cotextual da qual o enunciado a ser analisado faz parte é importante para a compreensão da ativação da projeção metafórica: “Queridos, [há] três coisas que os pais deixam para seus filhos, tomem nota: exemplo, exemplo e exemplo” corresponde ao enunciado precedente, e “A criança reconhece a autoridade e clama por autoridade” é o enunciado subsequente ao enunciado a seguir:

Figura 4 – Ativação da metaforicidade na segunda parte do discurso de Silas Malafaia

“O ser humano é como **uma esponja** (1a, 1b)”.

(1a)

(1b)



Fonte: Sessão Solene em Honra ao Dia da Família, adaptada de Avelar e Mendes (2016).

Aplicando-se os critérios das DIM-G, obtemos os seguintes resultados:

Etapa 1 – Isolamento dos núcleos gestuais: com o som do vídeo desligado, identificamos um núcleo gestual, realizado repetidas vezes: as mãos moveram-se da posição de repouso, realizando repetidas sequências de preparação (1a) e núcleo (1b) iguais, até retornarem à posição de repouso.

Etapa 2 – Descrição dos quatro parâmetros de forma gestual: ainda com o som do vídeo desligado, assistimos ao vídeo novamente, identificando: i) formato das mãos: mão direita semiaberta (1a) e fechada (1b) ; ii) orientação das palmas: palma oblíqua (1a), e mão fechada (1b); iii) movimento: trajetória em direção ao corpo; iv) posição espacial: distância longa (1) e distância média (2) da mão em relação ao corpo.

Etapa 3 – Identificação da função gestual: no excerto em questão, os gestos desempenham função referencial, uma vez que se referem ao processo de “absorver”.

Etapa 4 – Identificação dos Modos de Representação Gestual: por meio do movimento de abrir e fechar a mão direita, o falante encena, o processo dinâmico de absorção de uma esponja

Etapa 5: Identificação do referente físico retratado no gesto: conforme descrito na etapa anterior, o referente físico retratado no gesto, ou potencial Domínio-fonte da metáfora, corresponde ao PROCESSO de absorver.

Etapa 6 – Tópico referencial identificado na fala: o tópico referencial, ou potencial Domínio-alvo, corresponde ao item lexical “ESPONJA”.

Etapa 7 – Identificação do grau de metaforicidade: se comparado ao excerto anterior, o enunciado em questão apresenta um grau maior de ativação da metaforicidade, uma vez que o processo de absorver – e não apenas o objeto “esponja” –, retratado apenas nos gestos, é colocado no primeiro plano de atenção dos interlocutores.

Nesta segunda amostra de análise, quando Malafaia ativa a metáfora conceptual “ENTIDADES SÃO OBJETOS”, por meio do desdobramento linguístico “SER HUMANO É ESPONJA”, o item lexical “esponja” ativa um domínio conceptual específico, que precisa ser processado a partir de projeções que podem ser relevantes para o domínio conceptual

do “ser humano” (AVELAR; MENDES, 2020). Nesse caso, o que orienta a construção de sentido do item lexical é o gesto de encenação, do ponto de vista do personagem – ou melhor, do objeto visto de dentro da narrativa – PVT-P (MCNEILL; CASSELL; LEVY, 1993) do processo de “absorver”, por meio do movimento repetitivo de abrir e fechar a mão em direção ao corpo.

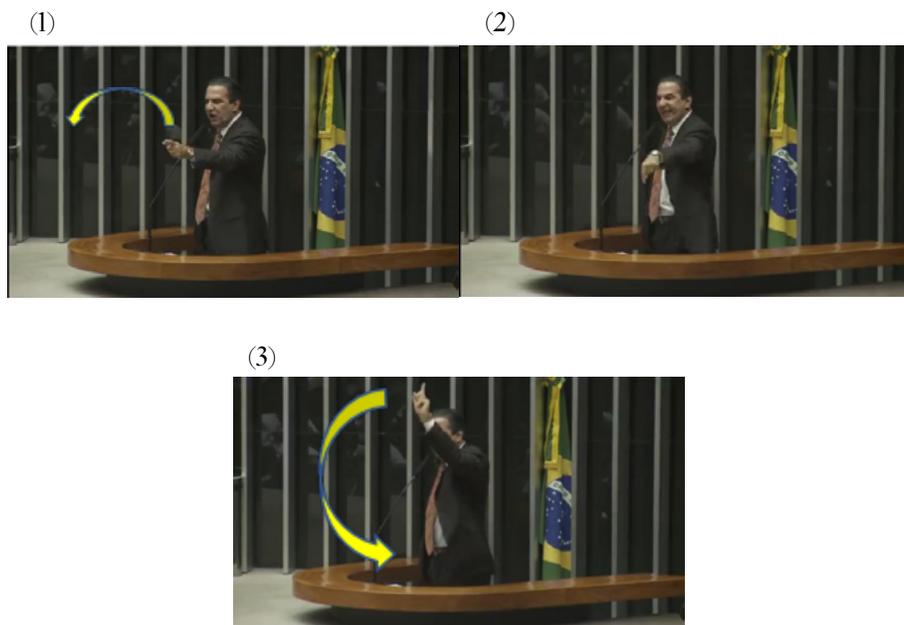
Assim, ao exercer uma relação semântica de complementariedade (BRESSEM; LADEWIG; MÜLLER, 2013), encenando uma propriedade dinâmica da “esponja” veiculado na fala, o gesto realizado direciona a atenção do interlocutor a uma propriedade específica desse objeto. Sendo assim, são fornecidas informações adicionais, não presentes na fala, sobre elementos específicos do Domínio-fonte (“CAPACIDADE DE ABSORÇÃO”), que são mapeadas para o Domínio-alvo (“SER HUMANO”).

Nesse caso, o ser humano seria capaz de absorver exemplos e autoridade da família. Sendo assim, ao mesmo tempo em que a metáfora “ENTIDADES SÃO OBJETOS” é ativada na fala, a metáfora multimodal “ENTIDADES SÃO PROCESSOS” é ativada na relação entre o objeto “Esponja” (Domínio-alvo), veiculado na fala, e o processo de “absorver”, veiculado nos gestos. Portanto, a ativação simultânea de dois mapeamentos metafóricos, verbal e multimodal, sistematicamente inter-relacionados, resulta num alto grau de ativação da metaforicidade no enunciado.

Na porção final de seu discurso, aos 11 minutos e 20 segundos, Malafaia lança mão de um discurso proselitista religioso (AVELAR; MENDES, 2020), a fim de “deixar uma declaração profética”, segundo ele mesmo afirma, ao iniciar a sequência de fala final de seu discurso, representada a seguir:

Figura 5 – Ativação da metaforicidade na segunda parte do discurso de Silas Malafaia

“Todo (1) tipo (1) de lei (1) que venha (1) a destruir a família (1), aqui nesta casa (2), caia por terra (3)”



Fonte: Sessão Solene em Honra ao Dia da Família, adaptada de Avelar e Ferrari (2017).

Aplicando-se as descrições das DIM-G às sequências gestuais representadas na Figura 5, temos os seguintes resultados:

Etapa 1 – Isolamento dos núcleos gestuais: com o som do vídeo desligado, identificamos três núcleos gestuais, numa única excursão gestual: a mão direita moveu-se da posição de repouso, realizando três sequências de preparação e núcleo: duas delas – (1) e (2) –, correspondem a sequências iterativas (BRESSEM, 2014), em que os respectivos gestos são repetidos; e a terceira sequência corresponde a uma sequência única de preparação e núcleo; em seguida, a mão retornou à posição de repouso.

Etapa 2 – Descrição dos quatro parâmetros de forma gestual: ainda com o som do vídeo desligado, assistimos ao vídeo novamente, identificando: sequência (1): formato das mãos e orientação das palmas: dedo indicador esticado, palma horizontal; movimento: trajetória do alto ao centro, para fora do corpo; posição espacial: distância longa da mão em direção ao corpo, braço totalmente esticado. Sequência (2): formato das mãos e orientação das palmas: dedo indicador esticado, pulso dobrado, palma horizontal; movimento: pulso movimentada-se repetidamente para cima e para baixo; posição espacial: distância longa da mão em direção ao corpo, braço totalmente esticado. Sequência (3): formato das mãos e orientação das palmas: dedo indicador esticado, pulso esticado, palma para baixo; movimento: trajetória descendente; posição espacial: distância longa da mão em direção ao corpo, braço totalmente esticado.

Etapa 3 – Identificação das funções gestuais: a primeira sequência (1) desempenha função pragmática, correspondente à força ilocucionária do enunciado (AUSTIN, 1960); a segunda (2), função discursiva de marcador de ênfase; e a terceira (3), a função referencial relativa ao verbo “cair”, veiculado na fala.

Etapa 4 – Identificação dos Modos de Representação Gestual: nas sequências (1) e (2), temos o modo “apontar” e, na sequência (3), o falante desenha (2D) uma trajetória descendente com o dedo indicador.

Etapa 5: Identificação do referente físico retratado no gesto: em (1) e (2), não há referente físico retratado, mas o uso não-dêitico dos gestos de apontar (AVELAR; FERRARI; PACHECO, 2022); em (3), o referente físico retratado no gesto, ou potencial Domínio-fonte da metáfora, corresponde ao Esquema Imagético TRAJETÓRIA. Neste caso, trata-se de uma trajetória descendente, que corresponde ao processo de “cair”.

Etapa 6 – Tópico referencial identificado na fala: o tópico referencial mais geral identificado na fala que coocorre com a primeira sequência iterativa gestual (1), corresponde à “declaração profética”, referen-

ciada na sequência anterior de fala e descrita na fala, à medida que a sequência iterativa é realizada. Na sequência iterativa (2), o tópico referencial corresponde a “aqui nesta casa”. Já na sequência única (3), o tópico referencial corresponde a “caia por terra”.

Etapa 7 – Identificação do grau de metaforicidade: nas sequências (1) e (2), há um uso metaforizado dos gestos de apontar. Nesse sentido, é possível considerar o grau de metaforicidade como sendo intermediário (PINHEIRO; AVELAR, 2017). Já na sequência (3), há um grau de metaforicidade muito baixo, uma vez que há uma coincidência entre a expressão idiomática – “cair por terra” – e o gesto que representa a trajetória de “cair”.

Nesta última amostra de análise, correspondente ao fechamento do discurso de Malafaia na Câmara dos Deputados, corresponsavelmente, o enunciado verbo-gestual da primeira sequência desempenha uma força ilocucionária declarativa-assertiva (SEARLE, 1969), em que o falante exerce sua autoridade como “profeta de Deus” e declara que o Legislativo não conseguirá “destruir a família”. Assim, o conteúdo veiculado na fala desempenha a força ilocucionária de declaração, que envolve a autoridade do interlocutor em desempenhar uma ação por meio da fala, enquanto a repetição do gesto de apontar desempenha a força ilocucionária de asserção.

Na segunda sequência, haveria uma redundância referencial entre a porção de fala “aqui nesta casa” e o gesto de “apontar para baixo”, representativo do dêitico “aqui”. Entretanto, conforme discutido por Avelar e Ferrari (2017), o gesto iterativo, neste caso, a principal função do gesto não seria referencial, mas sim, a de marcador discursivo de ênfase prosódica, tal como é característico dos gestos rítmicos (MCNEILL, 2005), caracterizando um uso metaforizado – de grau de ativação de metaforicidade intermediário (PINHEIRO; AVELAR, 2017) do gesto. Já na terceira sequência de gestos (3), o grau de ativação da metaforicidade é baixo, pois a expressão idiomática convencio-

nalizada “cair por terra” está relacionada, no nível verbal, a “todo tipo de lei que venha a destruir a família”. Neste caso, por um lado, o gesto que acompanha o sintagma verbal (SV) “caia por terra” funciona apenas como um ilustrador da fala. Por outro lado, o próprio fato de haver um gesto ostensivo realizado juntamente com a fala, faz com que a ação descrita pelo SV seja colocada no foco de atenção dos interlocutores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos dados do PB, ilustrados na seção anterior, é possível demonstrar a pertinência das mudanças realizadas nas Diretrizes originais propostas por Cienki (2017), quais sejam: na segunda etapa, a inclusão das funções gestuais pragmática e discursiva, previstas originalmente no LASG, além da função referencial; na terceira etapa, a inclusão das descrições de ponto de vista de dentro e de fora da cena (PVT-P e PVT-O, respectivamente, a fim de diferenciar, com maior clareza para o analista, a diferença entre os Modos de Representação “encenar” e “corporificar”, bem como o acréscimo do “Apontar” como Modo de Representação Gestual; na quinta etapa, a utilização sistemática de Esquemas Imagéticos para descrever os referentes físicos e processos retratados nos gestos; e, na última etapa, a análise da ativação da metaforicidade em graus.

Tais acréscimos permitiram, sobretudo, que ocorrências menos prototípicas, em que os enunciados verbo-gestuais não giram em torno da questão referencial, apenas, pudessem também ser analisadas como metafóricas ou metaforizadas, considerando-se graus de ativação de metaforicidade distintos. Além disso, também permitiram um aprimoramento no nível de replicabilidade das DIM-G, uma vez que critérios mais padronizados e mais precisos foram incluídos, a fim de melhorar a padronização e o grau de concordância entre analistas – este último medido por meio de testes-Kappa.

No âmbito geral dos Estudos de Gesto, ainda há muito a ser explorado no campo, tanto em termos de descrição e análise de dados multimodais em diferentes línguas e culturas, quanto em relação à identificação e anotação de gestos em larga escala. Conforme aponta Cienki (2016), até o momento, a maior parte das pesquisas mais sistemáticas limita-se a um número reduzido de línguas europeias – como o Alemão, o Italiano e o Francês – e ao Inglês Americano. Entretanto, na última década, com o surgimento da Associação Internacional de Estudos de Gesto (ISGS), tem sido possível ampliar o diálogo científico e, conseqüentemente, a discussão teórico-metodológica a dados videogravados de línguas como o Russo, o Português Brasileiro, o Chinês, o Inglês Sul-africano, dentre outras.

Especificamente no caso do Português Brasileiro (PB), em relação à coleta e análise de dados em larga escala – que corresponde a uma meta do campo –, desde 2017, foi implementada uma estação de captura de dados do Distributed *Little Red Hen Lab* no Brasil, uma biblioteca de telejornais, que reúne milhões de horas de vídeos já transcritos. Outra ferramenta utilizada tem sido a coleta de vídeos de acesso público no YouTube, por meio da triagem de palavras-chave por ferramentas de acesso livre, como o Youglish – desenvolvida, a princípio, para buscar dados do Inglês, mas que, na prática, pode ser utilizada para buscar por palavras-chave no PB e mesmo em outras línguas.

Em termos de pesquisas desenvolvidas até o momento, há muito ainda o que ser expandido, mas é possível mapear, sobretudo nos últimos anos, diversas pesquisas em Universidades públicas brasileiras (AVELAR; BARBOSA; LIMA, no prelo), no âmbito de projetos que envolvem a Linguística Cognitiva e também as áreas de Fonética, de Aquisição da Linguagem e de Educação. Especialmente nos últimos cinco anos, a produção acadêmico-científica mostra-se crescente e, nesse sentido, o cenário é animador para a solidificação dos Estudos de Gesto no Brasil.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J. **How to do things with words**. Oxford: Clarendon Press, 1962.
- AVELAR, M.; FERRARI, L. Integração experiencial e dêixis: O papel discursivo dos gestos. **Cadernos de Estudos Linguísticos** v.59, n.1, Campinas, p. 73-89. 2017.
- AVELAR, M.; MENDES, P.H.A. A emergência de metáforas multimodais: análise da metaforização e da compressão no debate político-eleitoral. **Scripta**, v. 18, n. 34, p. 237-256, 2014.
- _____. Multimodal analysis of metaphors in political-religious discourse: a cognitive-semiotic approach. **Scripta**, v. 20, n. 40, p. 2016.
- _____. Contribuições dos Estudos de Gesto para discussões teóricas e metodológicas sobre metáforas multimodais. In: CAVALCANTE, S. MILITÃO, J. **Linguagem e Cognição: desafios e perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 2020, p. 309-331.
- _____. Protopicality and metaphoricity in locative deixis uses in Brazilian Portuguese and American English: a verbo-gestural data analysis. In: SCHRÖDER, U.; MENDES DE OLIVEIRA, M. TENUTA, A. (orgs.) **Metaphorical conceptualizations: intercultural perspectives**. Berlin: De Gruyter, 2022, p. 223-249.
- AVELAR, M.; BARBOSA, A.F.; LIMA, V. no prelo
- BRESSEM, J. Repetitions in gesture. In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; BRESSEM, J. (Eds.), **Body–Language – Communication**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2014. p. 1641-1649.
- BRESSEM, J.; LADEWIG, S.; MÜLLER, C. Linguistic Annotation System for Gestures. In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S. H.; MCNEILL, D.; TEßENDORF, S. (Orgs.). **Body – Language – Communication**. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton 2013. p. 1098–1124.
- CIENKI, A. Image Schemas and Gestures. In: HAMPE, B. (Ed.). **From Perception to Meaning: Image Schemas in Cognitive Linguistics**. Berlin, Nova York: De Gruyter Mouton, 2005. p. 421-442.

_____. Why study metaphor and gesture? In: CIENKI, Alan; MÜLLER, Cornelia (eds.), **Metaphor and Gesture**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 2008, p. 5- 25.

_____. Cognitive Linguistics, gesture studies, and multimodal communication. **Cognitive Linguistics**, 2016. p. 603-618

_____. Analysing metaphor in gesture: A set of metaphor identification guidelines for gesture (MIG-G). In: E. Semino, & Z. Demjén (Eds.), **The Routledge handbook of metaphor and language**. London: Routledge, 2017. p. 131-147.

CIENKI, Alan; MÜLLER, Cornelia (eds.), **Metaphor and Gesture**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 2008.

CROFT, W.; CRUSE. D. A. **Cognitive Linguistic**. Cambridge: CUP (Col. Cambridge Textbooks in Linguistics), 2004.

KENDON, A. **Gesture: visible action as utterance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

LANGACKER, R.W. **Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites**. Stanford: Stanford University Press; 1987.

COTRIM, E. T. ; AVELAR, M. ; CHAVES, A. A. Análise da repetição gestual e de metáforas multimodais em discursos políticos de deputados de esquerda. **Linguagem em Foco**, v. 10, p. 1-12. 2018.

LISBOA, A.; GRAÇA, B.; AVELAR, M. Uma análise da emergência de metáforas multimodais no discurso político-religioso. **Signo**, v. 44, n. 79, p. 36-4., 2019.

MCNEILL, D. **Hand and mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

_____. **Gesture and Thought**. Chicago: University of Chicago Press, 2005.

MCNEILL, D.; CASSELL, J; LEVY, E.T. Abstract deixis. **Semiotica**, v. 95, n.1. Berlin: Walter de Gruyter, 1993, p. 5-19.

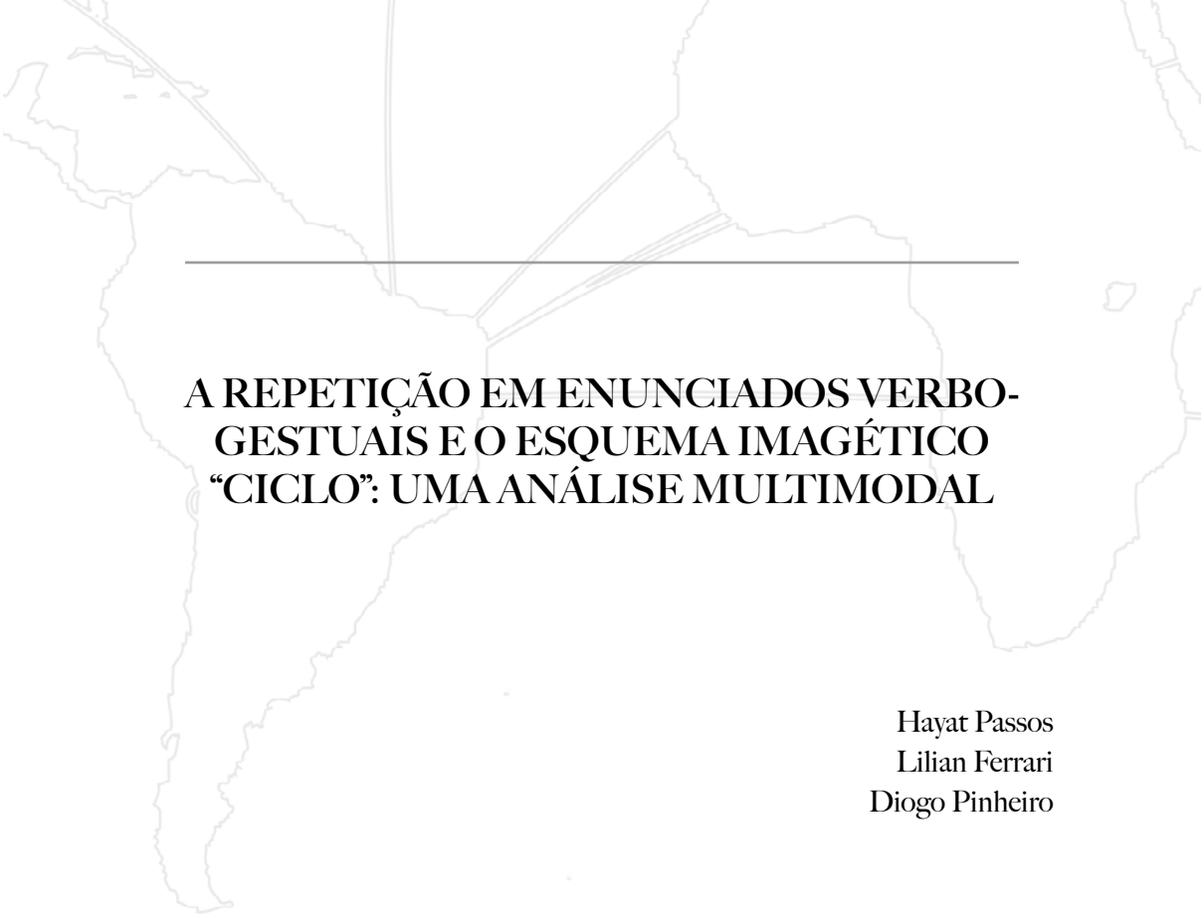
MÜLLER, C. What gestures reveal about the nature of metaphor. In: CIENKI, A.; MÜLLER, C. (eds.), **Metaphor and Gesture**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 2008, p. 219-245.

MÜLLER, C.; CIENKI, A. Words, gestures, and beyond: Forms of multimodal metaphor in the use of spoken language In: FORCEVILLE, C.; URIOS-APARISI,

E. **Multimodal Metaphor**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2009, p. 297-328.

PASSOS, H., & AVELAR, M. Uma análise cognitiva do dêitico aqui em dados orais e multimodais. **Signo**, v. 42, n. 75, p. 113-122, 2017. <https://doi.org/10.17058/signo.v42i75.9815>

SEARLE, **Speech acts**: An essay in the philosophy of language. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.



A REPETIÇÃO EM ENUNCIADOS VERBO- GESTUAIS E O ESQUEMA IMAGÉTICO “CICLO”: UMA ANÁLISE MULTIMODAL

Hayat Passos
Lilian Ferrari
Diogo Pinheiro

INTRODUÇÃO

Os enunciados verbais nos quais ocorrem as expressões adverbiais de repetição são caracterizados, por Langacker (1997; 2000), como sentenças repetitivas/iterativas que perfilam eventos compostos de várias instâncias do mesmo tipo. A repetição, entretanto, não está restrita à fala/escrita, mas ocorre, também, nos gestos e assume especial relevância para a criação de enunciados verbo-gestuais. Nesse sentido, considerando a questão da repetição em enunciados verbo-gestuais e, mais especificamente, enunciados verbais que coocorrem com o gesto cíclico, o objetivo do capítulo é verificar se as expressões adverbiais de repetição seriam corporificadas por meio da repetição do gesto cíclico, que manifesta o Esquema Imagético “ciclo”¹.

1 A noção de Esquema Imagético será apresentada na seção 2.

Com esse propósito, selecionamos, para realizar uma análise qualitativa e multimodal, ocorrências das expressões adverbiais “muitas vezes” e “várias vezes”, com o Esquema Imagético “ciclo”. Tais ocorrências são instâncias concretas da construção adverbial parcialmente preenchida [X vezes], em que o X pode ser instanciado por diferentes quantificadores absolutos, a exemplo de “muitas”, “várias”, “algumas”, “poucas” ou “três”. Essas ocorrências foram coletadas no *Distributed Little Red Hen Lab*, uma biblioteca de dados multimodais, considerando-se representativas aquelas que apresentam ciclos com diferentes configurações de mão².

Nossos resultados sugerem que o caráter repetitivo das expressões adverbiais de repetição pode ou não ser corporificado, nos gestos, por meio da repetição do gesto cíclico. E, mais do que isso, foi verificado que a presença ou ausência dessa corporificação não é imotivada, estando, em vez disso, associada de forma sistemática à realização do enunciado verbal. Mais especificamente, verificamos que a associação se dá da seguinte maneira: quando há repetição do quantificador na fala, não há repetição gestual; inversamente, quando não há repetição do quantificador na fala, há repetição gestual.

O capítulo está organizado como segue. Na primeira seção, tratamos da repetição verbal, a partir de Lakoff e Johnson (1980), e das sentenças repetitivas/iterativas, abordadas por Langacker (1997; 2000). Também discutimos a repetição gestual, com base sobretudo na proposta desenvolvida por Bresse (2014). Na segunda seção, abordamos a noção de Esquemas Imagéticos, com foco sobre o Esquema Imagético “ciclo” e sobre a relação entre Esquemas Imagéticos e Gestos. Posteriormente, na terceira seção, apresentamos os procedimentos metodológicos. Por fim, na quarta e quinta seções, procedemos, respectivamente, à análise qualitativa dos dados e à sua discussão e interpretação.

2 Detalhes referentes ao procedimento de coleta de dados serão apresentados na seção 3.

1 A REPETIÇÃO EM ENUNCIADOS VERBAIS E GESTUAIS

Nesta seção, discutimos a respeito da repetição de enunciados verbais e gestuais. Tratamos, primeiramente, da repetição verbal, a partir de Lakoff e Johnson (1980), e das sentenças repetitivas/iterativas, abordadas por Langacker (1997; 2000). Posteriormente, discutimos a repetição gestual com base, sobretudo, na proposta desenvolvida por Bressem (2014). Tanto Lakoff e Johnson (1980) quanto Bressem (2014) abordam dois tipos de repetição: iterações e reduplicações

Lakoff e Johnson (1980) discutem as noções de iteração e reduplicação nos enunciados verbais a partir da metáfora do CONDUTO. Especificamente, de acordo com os autores (1980), a metáfora do CONDUTO define uma relação espacial entre forma e conteúdo, tal como em: EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO CONTÊINERES, sendo que o sentido dessas expressões é o conteúdo desses contêineres. Dessa forma, quando existem contêineres reais que são muito pequenos, espera-se que os conteúdos também sejam pequenos. Por outro lado, quando existem contêineres reais grandes, espera-se que os conteúdos também sejam grandes. Aplicando esse princípio à metáfora do CONDUTO, temos a seguinte expectativa: MAIS FORMA É MAIS CONTEÚDO.

De acordo com Lakoff e Johnson (1980), um exemplo do desdobramento metafórico MAIS DE FORMA É MAIS CONTEÚDO em inglês é a iteração que ocorre em usos do tipo “*he ran and ran and ran and ran*”³, que indica uma duração de corrida maior do que aquela sugerida por uma sentença como “*he ran*”⁴. De maneira análoga, uma sentença como “*he is very, very, very tall*”⁵ atribui ao referente do sujeito uma altura mais elevada que aquela indicada por “*he is very tall*”⁶. Além disso, os autores (1980) argumentam que a extensão de uma vogal também pode

3 “ele correu, correu, correu, correu”.

4 “ele correu”.

5 “ele é muito, muito, muito alto”.

6 “ele é muito alto”.

ter o mesmo efeito, como se vê em usos como “*he is b-i-i-i-ig!*”⁷ (em que o alongamento da vogal marca grau superlativo).

Além de apresentar exemplos de iteração, os autores (1980) discutem a respeito do dispositivo morfológico de reduplicação, isto é, a repetição de uma ou mais sílabas de uma palavra ou de uma palavra inteira. Para eles, todos os casos de reduplicação nas línguas do mundo seriam exemplos nos quais MAIS FORMA representa MAIS CONTEÚDO. Conforme Lakoff e Johnson (1980), a reduplicação aplicada a nomes transforma singular em plural ou coletivo; a verbos, indica continuação ou conclusão; a adjetivos, indica intensificação ou crescimento; a uma palavra para algo pequeno indica diminuição. O fenômeno da reduplicação apresenta as seguintes generalizações: (i) um nome representa um objeto de certo tipo, mais de um nome representa objetos de certo tipo, como se vê no caso da palavra malaia “*rumah*” ‘cavalo’, que na forma plural se reduplica, tornando-se “*rumah-rumah*” ‘cavalos’ (KAUFFMAN, 2015); (ii) um verbo representa uma ação, mais de um verbo representa mais de uma ação, como no caso de “*corre-corre*”⁸ (SANTOS, 2020); um adjetivo representa uma propriedade, mais adjetivos representam uma propriedade intensificada, como no caso das palavras em mandarim “*xiǎo*” ‘pequena’ e “*xiǎo-xiǎo*” ‘muito pequena’ (KAUFFMAN, 2015).

Explicitadas as noções de iteração e reduplicação de acordo com Lakoff e Johnson (1980), abordaremos, a seguir, a noção de iteração/repetição de acordo com Langacker (2000; 1997). O autor (1997; 2000) argumenta que uma sentença iterativa/repetitiva perfila “um

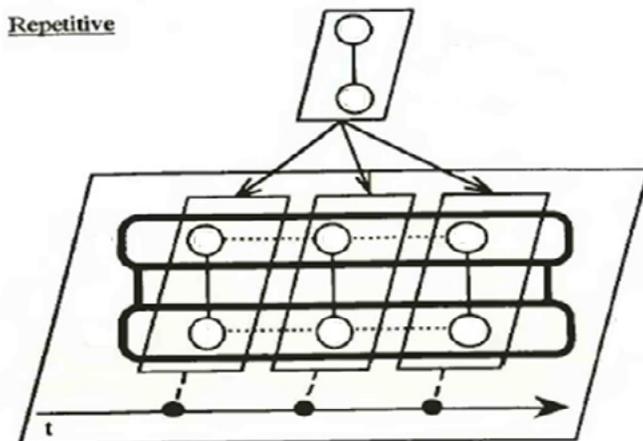
7 “ele é gra-a-a-ande”.

8 O nome composto “corre-corre” é, naturalmente, lexicalizado: ele não expressa apenas a repetição da ação de correr, mas um tipo de situação particular com características próprias. Ainda assim, a noção de repetição está presente.

evento superordenado” localizado no plano atual/real (*actual*)”⁹. Segundo o autor (2000), uma característica das instâncias atuais/reais é que elas podem ser contadas. A questão “quantas vezes?” é adequada, por exemplo, em resposta a um repetitivo, exemplificado por “*Sam chutou o cachorro dele de novo e de novo*” (LANGACKER, 2000, p. 197, grifos do autor)¹⁰.

A estrutura básica de uma sentença repetitiva/iterativa, como “meu gato persegue repetidamente aquele pássaro” (LANGACKER, 2000, p.252)¹¹, é diagramada na Figura 1:

Figura 1 – Estrutura básica de uma sentença repetitiva/iterativa



Fonte: Langacker, 2000, p. 252, tradução nossa.

Sentenças, como a representada na Figura 1, perfilam eventos superordenados. Isto é, eventos que envolvem várias instâncias do mesmo tipo de evento. No caso dessa sentença específica, o evento refere-

9 Langacker (1997) propõe que realidade (*actuality*–momento presente) não é o mesmo que realidade (*reality*). Ele define realidade (*reality*) como a história do que aconteceu ou que aconteceu como tal, até o presente momento, tal como avaliada por algum conceptualizador. Já a realidade (*actuality*) é característica não só da realidade (*reality*), como vista por algum conceptualizador, mas de qualquer tipo de “mundo”, seja hipotético, imaginado, projetado etc.

10 *Sam kicked his dog again and again.*

11 *My cat repeatedly stalked that bird.*

-se a **meu gato persegue aquele pássaro**. De acordo com Langacker (2000), essas instâncias de evento, geralmente, são relativas a indivíduos específicos; nesse caso, um gato específico e um pássaro específico. Na representação, diagramada na Figura 1, “as linhas de correspondência pontilhadas indicam que o mesmo indivíduo funciona como um trajetor¹² [gato] de cada instância de evento, assim como o mesmo indivíduo funciona como o marco¹³ [pássaro] de cada instância de evento” (LANGACKER, 2000, p. 252, tradução e inserções nossas)¹⁴. Essas instâncias de evento estão atreladas a pontos temporais específicos, pois fazem parte do plano atual/real e perfilam um evento superordenado. Dessa forma, para o autor (2000), a sentença “meu gato persegue repetidamente aquele pássaro” caracteriza um evento complexo, constituído por várias instâncias.

Na sequência, discutiremos a repetição, não só a partir da perspectiva da sentença, como fizemos nesta seção, mas considerando também a repetição gestual e a relação dos gestos repetitivos com o enunciado¹⁵. Para realizar essa discussão, nos baseamos, sobretudo, nas proposições de Bressemer (2014).

Bressemer (2014) apresenta uma dupla classificação de base empírica da repetição gestual. A autora (2014) desenvolve uma classificação semântica das repetições gestuais, no interior das frases gestuais, definidas, de acordo com Kendon (2004), pelo núcleo e a manutenção pós-núcleo, se existir, assim como qualquer preparação que leva ao núcleo, incluindo alguma pausa que possa existir na fase de movimento. Bressemer (2014) categoriza essas repetições em dois tipos: iteração, na qual a repetição dos gestos é utilizada para a repetição do mesmo sentido, e reduplicação, na qual a repetição dos gestos é utilizada para a criação de um sentido complexo.

12 O trajetor representa a entidade em movimento.

13 O marco é a entidade que atua como ponto de referência.

14 Dotted correspondence lines indicate that the same individual functions as the trajector of each component event instance, as the same individual as the landmark of each such instance.

15 O termo enunciado é utilizado por Kendon (2004) para se referir a qualquer conjunto de ações que conte para os outros como uma tentativa de dar alguma informação de algum tipo.

A autora (2014) define as iterações gestuais como sequências de, pelo menos, duas fases de preparação-núcleo ou fases de núcleo nas quais ou não há mudança de nenhum parâmetro gestual ou há mudança na realização do parâmetro de forma “movimento” (direção e qualidade) ou “posição”. Iterações, segundo a autora (2014), assumem funções referenciais concretas quando representam ações e objetos. Ao assumirem essas funções referenciais, as iterações enfatizam a semântica da fala, destacando o sentido expresso verbalmente, ou modificam a semântica verbal, pois adicionam informação semântica complementar.

Para ilustrar a iteração gestual, retomaremos um exemplo, fornecido por Bressem (2014), desse tipo de repetição. Nesse exemplo, disposto na Figura 2, uma mulher conta uma história sobre um comportamento específico do cachorro da família:

Figura 2 – Iteração gestual. Exemplo 2: Arko



rennt er in flur, kratz

“Corre para o corredor, arranha”

A mão na posição horizontal com a palma para baixo realizando um movimento curvo descendente e em direção ao corpo três vezes.

Fonte: Bressem, 2014, p. 1643, tradução nossa.

No exemplo 1, afirma a autora (2014), enquanto diz “*rennt er in Flur, kratzt*” (“corre para o corredor, arranha”), a falante produz uma iteração gestual, que consiste em três núcleos. Por meio da sequência de movimentos repetitivos, na qual a mão age como se realizasse uma ação real, a falante fornece uma representação corporal de como os cachorros arranham. Bressemer (2014) explica que, na sobreposição temporal com o predicado da sentença (“arranha”), a iteração gestual cumpre uma função de ênfase, por meio do destaque gestual de uma determinada ação e de uma forma de ação já especificada pelo enunciado verbal. Sendo assim, segundo a autora (2014), fala e gestos, em conjunto, criam uma impressão multimodal do “arranhar do cachorro”. Além disso, a excursão gestual repetida é, portanto, uma parte integral da ação imitativa, pois a ação de arranhar já é inerentemente repetitiva.

Descrita a iteração gestual, passemos, então, a abordar o outro tipo de repetição gestual proposto por Bressemer (2014): a reduplicação. Bressemer (2014) propõe que reduplicações são sequências de, pelo menos, duas fases núcleo-núcleo, nas quais há uma mudança de até dois parâmetros, a saber: “direção do movimento” e “posição”. As reduplicações gestuais são constituídas, portanto, por dois subtipos. O primeiro envolve, segundo a autora (2014), reduplicações nas quais ocorrem mudanças simultâneas nos parâmetros “direção do movimento” e “posição”. Já o segundo, reduplicações nas quais somente o parâmetro “posição” muda.

Conforme a autora (2014), reduplicações assumem função referencial abstrata e representam eventos e estados abstratos. Elas carregam características semânticas redundantes, destacam o sentido expresso verbalmente e, portanto, enfatizam a semântica da fala. Da mesma forma que no enunciado falado, reduplicações, afirma Bressemer (2014), expressam o sentido lexical ou gramatical e representam o *Aktionsart* — “iteratividade” ou a noção de pluralidade.

O primeiro exemplo de reduplicação, fornecido por Bressem (2014) e disposto na Figura 3 ilustra, de acordo com a autora (2014), reduplicações gestuais que expressam o *Aktionsart* “iteratividade”:

Figura 3 – Reduplicação gestual. Exemplo 1: para lá e para cá



dInge immer **zwischen** zwei rennt er in flur, kratzt. **ÄM**tern hin und **hE**rschickt

“Sempre mando coisas para lá e para cá (*back and forth*) entre os dois escritórios”

O dedo indicador estendido é movido para fora do corpo e em direção ao corpo, com movimentos arqueados, três vezes.

Fonte: Bressem, 2014, p. 1645, tradução nossa.

Conforme Bressem (2014), nesse exemplo de reduplicação gestual, enquanto explica a noção de correspondência interna, o falante produz uma série de três núcleos, que coocorrem com a frase preposicional “**zwischen zwei** rennt er in flur, **kratzt. ÄM**tern hin und **hE**rschickt” (“mando coisas para lá e para cá entre os dois escritórios”). A autora (2014) argumenta que, ao utilizar o dedo indicador estendido e movimentos arqueados, para fora do corpo e em direção ao corpo, a iteração gestual representa a iteratividade do evento de movimento expresso no verbo “mando de lá para cá” pela repetição da execução dos núcleos. Como o ponto inicial e o ponto final do evento de movi-

mento representado tornam-se visíveis em pontos finais dos núcleos individuais, as sequências de movimentos são marcadas, de forma articulatória, como fases individuais e separadas, indicando que o evento de movimento “de lá para cá” se desdobra entre dois pontos. Para a autora (2014), em combinação com a mudança de parâmetro (direção do movimento e posição), um único núcleo se torna visível em fases individuais e separadas. Portanto, conforme Müller (2000), citada por Bressemer (2014, p. 1644-1645), “a repetição, enquanto um processo temporal, é conceptualizada verbalmente e gestualmente como uma sequência de movimentos repetidos”.¹⁶

O segundo exemplo de reduplicação, descrito pela autora (2014) e disposto na Figura 4 apresenta uma instância de reduplicações gestuais expressando a noção de pluralidade:

Figura 4 - Reduplicação gestual. Exemplo 2: etapas individuais



kannste dir ja immer die einzelnen Schritte durchlesen

“Bem, você pode ler por meio de etapas individuais”

A mão com a palma para baixo, dedos balançando para baixo, realiza um movimento arqueado, descendente, para fora do corpo, três vezes.

Fonte: Bressemer, 2014, p. 1645, tradução e adaptação nossas.

¹⁶ repetition as a temporal process is verbally and gesturally conceptualized as a repeated movement sequence.

Nesse exemplo, segundo Bressemer (2014), a falante conta a respeito de um seminário para cabeleireiros, do qual ela havia participado pouco antes e explica para o interlocutor que os cortes de cabelo e as composições desses cortes também são explicadas nos manuais. Enquanto diz “*kannste dir ja immer die einzelnen Schritte durchles*” (“Bem, você pode ler por meio de etapas individuais”), ela produz uma série de três núcleos, que coocorrem com “*einzel*” (individuais), “*nen Schritte*” (“etapas”) e “*durch*” (através). Ao utilizar um formato de mão com os dedos balançando para baixo e orientação da palma para baixo, a falante executa três núcleos, com um movimento arqueado, para fora do corpo. As mãos, portanto, conforme explica Bressemer (2014), se movem, de forma sucessiva, de uma posição alta para uma posição baixa, na frente do corpo da falante.

2 A NOÇÃO DE ESQUEMAS IMAGÉTICOS, O ESQUEMA IMAGÉTICO “CICLO” E A RELAÇÃO COM OS GESTOS

Nesta seção, discutimos, em um primeiro momento, a respeito da noção de Esquemas Imagéticos, conforme Johnson (1987; 2007). Posteriormente, tratamos do Esquemas Imagético “CICLO”, a partir de Cienki (1997), e, por fim, abordamos a relação entre Esquemas Imagéticos e Gestos (CIENKI, 2005).

A noção de Esquemas Imagéticos (EIs) é estabelecida por Johnson (1987). De acordo com o autor (1987), EIs constituem “um padrão recorrente e dinâmico das nossas interações que dão coerência e estrutura à nossa experiência”¹⁷ (JOHNSON, 1987, p. 18, tradução nossa). Esse padrão emerge como estruturas significativas para nós, seres humanos, sobretudo no nível dos movimentos corporais por meio da nossa interação no espaço, da nossa manipulação de objetos e das nossas interações perceptuais.

17 (...) a recurring dynamic pattern of our perceptual interactions and motor programs that give coherence and structure to our experiences.

Conforme Johnson, em texto posterior (2007), os Esquemas Imagéticos:

constituem um nível pré-verbal e, sobretudo, não-consciente; emergente, de sentido. Eles são padrões instanciados nos mapas neuronais topológicos que compartilhamos com outros animais, embora nós, como seres humanos, possuamos esquemas imagéticos específicos, que são mais ou menos característicos do nosso tipo de corpo e das características dos ambientes em que vivemos. Apesar de serem pré-verbais, eles desempenham um papel importante na sintaxe, na semântica e na pragmática das línguas naturais. Eles estão no cerne do significado, e são a base de linguagem, do raciocínio abstrato, e de todas as formas de interação simbólica (JOHNSON, 2007, p. 145, tradução nossa)¹⁸.

Estabelecida a noção de Esquemas Imagéticos, conforme Johnson (1987; 2007), discutimos, especificamente, a respeito do Esquemas Imagético “ciclo”, a partir de Cienki (1997) e, por fim, tratamos da relação entre Esquemas Imagéticos e Gestos, com base em Cienki (2005).

De acordo com Cienki (1997), o Esquema Imagético “ciclo” integra um grupo gestáltico de Esquemas Imagéticos que inclui os Esquemas de “Trajetória”, “processo”, “iteração” e “força”. O autor (1997) argumenta que um “ciclo” pode ser entendido como uma “Trajetória” que retorna a seu ponto de origem, representando um processo que pode se repetir (“iteração”) e continuar em decorrência da força do momento. Cienki (1997) retoma Johnson (1987) para afirmar que o “ciclo” é um dos nossos padrões mais básicos para o entendimento da temporalidade e de um grande número de sequências de eventos, que se baseia, confor-

18 constitute a preverbal and mostly nonconscious, emergent level of meaning. They are patterns instantiated in the topological neural maps we share with other animals, though we as humans have particular image schemas that are more or less peculiar to our types of bodies and the characteristics of the environments we inhabit. Although they are preverbal, they play a major role in the syntax, semantics and pragmatics of natural language. They lie at the heart of the meaning, and they underlie language, abstract reasoning, and all forms of symbolic interaction.

me o autor (1997), no nosso entendimento metafórico do tempo como movimento ao longo de uma trajetória¹⁹.

Já no que se refere à relação entre Esquemas Imagéticos e Gestos, Cienki (2005) afirma que inúmeros fatores sugerem que os gestos podem ser um campo fértil para a pesquisa em Esquemas Imagéticos. Um desses fatores está relacionado ao caráter multifacetado dos gestos e à natureza gestáltica dos Esquemas Imagéticos. Por exemplo: segundo Cienki (2005), os Esquemas Imagéticos constituem padrões que podem ser pensados de uma maneira estática ou dinâmica, realizados como uma entidade ou um processo. Conforme argumentado por Cienki (1997), citado por Cienki (2005), “Trajetória” pode ser entendida como um movimento linear de alguma coisa ou um traço estático de um movimento (ou uma trajetória potencial). “Contêiner”, embora normalmente experienciado como uma entidade, pode ser construído através de um movimento contínuo de um objeto em uma trajetória cíclica; e outras opções similares podem ocorrer para outros Esquemas Imagéticos.

Empreendidas as discussões a respeito da noção de Esquemas Imagéticos, do Esquema Imagético “ciclo” e da relação com os gestos, apresentaremos, na próxima seção, os procedimentos metodológicos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A construção adverbial parcialmente preenchida [X vezes] constitui nosso objeto de análise neste capítulo. Para realização das análises qualitativas e multimodais, selecionamos três ocorrências dessa construção adverbial – duas com o quantificador “muitas” e uma com o quantificador “várias” – que têm o comum o fato de expres-

19 No âmbito da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980), os mapeamentos acontecem entre dois domínios de experiência: um domínio-fonte e um domínio-alvo. O domínio-fonte estaria relacionado às propriedades concretas da experiência enquanto o domínio-alvo seria abstrato. Haveria, então, um mapeamento de inferências, que é realizado de maneira unidirecional, do Domínio-fonte (concreto) para o Domínio-alvo (abstrato).

sarem um significado que reflete a noção corporificada de “CICLO”, tal como codificada no Esquema Imagético “CICLO”. Essas ocorrências foram coletadas no *Distributed Little Red Hen Lab*, A base de dados do *Red Hen* consiste em uma Biblioteca de Notícias Internacionais, hospedada e mantida, de forma segura, pela Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) (para mais informações acesse: <http://www.redhenlab.org/>). Consideramos que essas três ocorrências²⁰ são representativas para os propósitos deste capítulo, pois apresentam ciclos com diferentes configurações de mão e, também, presença ou ausência de repetição gestual.

As análises qualitativas e multimodais desenvolvidas neste capítulo buscam responder à pergunta: o caráter repetitivo das expressões adverbiais de repetição seria corporificado por meio da repetição do gesto cíclico, que manifesta o Esquema Imagético “CICLO”?

A partir dessa pergunta, formulamos a seguinte hipótese:

1. Nas expressões adverbiais de repetição acompanhadas de gesto cíclico, a ideia de repetição do evento é marcada pela repetição do gesto.

Para anotação e análise gestual, adotamos o Sistema Linguístico de Anotação Gestual, tradução para o original, em inglês, *Linguistic Annotation System for Gestures* (LASG), que está inserido nos Métodos de Análise de Gestos, em inglês, *Methods of Gesture Analysis* (MGA). O MGA oferece um método baseado na forma para reconstruir sistematicamente o sentido dos gestos. Esses métodos permitem a reconstrução das propriedades fundamentais para a criação do sentido gestual e determinam os princípios básicos para a construção do sentido gestual.

²⁰ Essas ocorrências fazem parte de um grupo de 60 ocorrências multimodais das expressões adverbiais “muitas vezes”, “várias vezes”, “alguma vezes” e “poucas vezes”, analisado por Hayat Passos Ferraz Pinheiro em sua pesquisa de doutorado em andamento. Dessas 60 ocorrências, 9 corporificaram, nos gestos, o Esquema imagético “ciclo”.

Segundo Bressemer, Ladewig e Müller (2013), o MGA é dividido em quatro blocos de análise: “1) forma; 2) estrutura sequencial dos gestos em relação à fala e outros gestos; 3) contexto local de uso, ex.: a relação dos gestos com os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos da fala; e 4) distribuição dos gestos em diferentes contextos de uso”²¹ (BRESSEMER; LADEWIG; MÜLLER, 2013, p.1100, tradução nossa).

Já o LASG, proposto por Bressemer, Ladewig e Müller (2013), considera os três primeiros blocos do MGA, a saber: forma, estrutura sequencial e contexto local de uso. A estrutura do LASG, portanto, é determinada pelo foco nos aspectos formais dos gestos.

4 ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS

Para realizar a análise qualitativa dos dados, selecionamos, conforme mencionamos na seção referente aos procedimentos metodológicos, três ocorrências verbo-gestuais de expressões adverbiais de repetição que veiculam o significado codificado pelo Esquema Imagético “CICLO”.

A representação multimodal da primeira ocorrência representativa com o Esquema Imagético “CICLO” pode ser vista na Figura 5:

Figura 5 – Ocorrência multimodal da expressão adverbial de repetição “muitas vezes”: Ciclo–Dedo indicador estendido



E, olhe, encerrando a greve dos caminhoneiros por meio de uma atitude minha, que muitas e muitas vezes tem sido criticada, que é o diálogo.

Dedo indicador estendido, palma em diagonal, movimento circular, rotacional, acelerado, para cima, distância média em relação ao corpo.

Fonte: Dados do Red Hen.

21 1) form, 2) sequential structure of gestures in relation to speech and other gestures, 3) local context of use, i.e., gestures' relation to syntactic, semantic, and pragmatics aspects of speech, and 4) distribution of gestures over different contexts use.

Na primeira ocorrência representativa, apresentada na Figura 5, o Esquema Imagético “CICLO” é corporificado por meio de um gesto cíclico, realizado com o dedo indicador estendido. Esse Esquema, que manifesta, conforme Ladewig (2011), o gesto cíclico, coocorre com a expressão adverbial de repetição “muitas e muitas vezes”. Nessa ocorrência, o falante realiza apenas um giro em velocidade constante, o que impossibilita a separação do núcleo gestual, e faz com que esse não seja um gesto repetitivo de reduplicação, conforme proposição de Bressemer (2014). Ao mesmo tempo, notamos que há repetição do quantificador absoluto (LANGACKER, 2016; 2017) “muitas” na fala. Assim, a reduplicação de “muitas” estaria marcando, formalmente, a noção semântica de repetição. Apesar de não haver repetição do gesto cíclico, a própria natureza do Esquema Imagético “CICLO”, corporificado no gesto, já envolve a ideia de repetição, uma vez que, conforme Cienki (1997), um “CICLO” pode ser entendido como uma “TRAJETÓRIA” que retorna a seu ponto de origem, representando um PROCESSO.

A segunda ocorrência representativa está disposta na Figura 6:

Figura 6 - Ocorrência multimodal da expressão adverbial de repetição “muitas vezes”: Ciclo-Mão aberta, dedos esticados



Mão aberta, palma para cima, movimento circular, fraco, distância média em relação ao corpo.
[Os habitantes] vivem também um conflito porque sabem que estão brigando, jogando pedras, bolas de gude em estilingues como arma e muito, muitas vezes, inclusive, incomodando a guarda bolivariana, mas que do lado de lá são irmãos e irmãs do mesmo país.

Fonte: Dados do Red Hen.

Na segunda ocorrência, o Esquema Imagético “CICLO” é corporificado por meio de um gesto cíclico, realizado com a mão aberta, dedos estendidos e palma para cima. Esse gesto coocorre com o enunciado “muito, muitas vezes, inclusive, incomodando”. Conforme é possível observar, nessa ocorrência, não existe uma repetição do quantificador, pois o “muito” é apenas retificado na sequência – por “muitas”. O falante realiza um gesto repetitivo, marcando o Esquema Imagético “CICLO”, constituído pela repetição de um movimento cíclico, no qual são realizados dois giros em velocidade constante, impossibilitando a separação e, conseqüentemente, a limitação dos núcleos gestuais.

A terceira ocorrência representativa está disposta na Figura 7:

Figura 7 – Ocorrência multimodal da expressão adverbial de repetição “várias vezes”:

Ciclo com dedos indicadores estendidos: vários movimentos cíclicos



E, olhe, encerrando a greve dos caminhoneiros por meio de uma atitude minha, que muitas e muitas vezes tem sido criticada, que é o diálogo.

Dedo indicador estendido, palma em diagonal, movimento circular, rotacional, acelerado, para cima, distância média

Fonte: Dados do Red Hen.

Nessa ocorrência, o gesto cíclico coocorre com o enunciado “toca várias vezes por dia”, e é corporificado por meio de um gesto cíclico, realizado com os dedos indicadores estendidos, assim como o gesto realizado pelo falante na primeira ocorrência representativa com o Esquema “CICLO”. Mas, diferente da primeira ocorrência, esse gesto é repetitivo e iterativo, uma vez que é constituído por núcleos gestuais complexos e pela repetição de um movimento cíclico, no qual a falante realiza vários giros em velocidade constante, impossibilitan-

do a separação dos núcleos gestuais. Essa ocorrência também corporifica o Esquema “PROCESSO” interpretado através do *frame* aspectual da atividade (tocar o telefone) como imperfectivo e ilimitado. Tanto o Esquema “CICLO” como o Esquema “PROCESSO” capturam, conforme propõe Mittelberg (2018), os contornos da experiência que possuem um caráter dinâmico e implicam processos de consumo temporal.

5 DISCUSSÃO QUALITATIVA DOS DADOS

A partir da análise das ocorrências com o Esquema Imagético “CICLO”, foi possível observar que, das três ocorrências analisadas, as duas últimas (Figuras 6 e 7) apresentaram gestos cíclicos repetitivos, do tipo iterativo, que coocorreram com as expressões adverbiais na fala. É importante destacar novamente que Bressemer (2014) define as iterações gestuais como sequências de, pelo menos, duas fases de preparação-núcleo ou fases de núcleo, nas quais nenhum parâmetro gestual muda ou a realização do parâmetro de forma “movimento” (direção e qualidade) ou “posição” muda. Além disso, Bressemer (2014) propõe que, na iteração, a repetição dos gestos é utilizada para a repetição do mesmo sentido na fala. Iterações, segundo a autora (2014), assumem funções referenciais concretas, quando representam ações e objetos. Ao assumirem essas funções referenciais, as iterações enfatizam a semântica da fala, destacando o sentido expresso verbalmente.

A partir dessas considerações de Bressemer (2014) a respeito da iteração e dos critérios presentes no terceiro bloco do LASG, referentes à relação e função semântica do gesto em determinada fala, consideramos que os gestos, dessas ocorrências, apresentam a mesma relação e função semântica, a saber: relação semântica de redundância, com uma função semântica de ênfase. Nessas duas ocorrências representativas analisadas, o gesto cíclico repetitivo, em coocorrência com os enunciados, constituídos pelos verbos mais quantificadores absolutos em: “toca várias vezes por dia” e “é muito, muitas vezes, in-

clusive, incomodando”, enfatizam a repetição das ações de “tocar” e “incomodar”.

No caso da primeira ocorrência representativa com o Esquema “CICLO” (Figura 5), não identificamos a repetição do gesto cíclico, mas houve repetição do quantificador absoluto (LANGACKER, 2016; 2017) “muitas” no enunciado: “muitas e muitas vezes tem sido criticada” e, segundo Bressemer (2014), iterações gestuais apresentam analogias com a repetição de sentenças ou palavras na fala. No caso dessa ocorrência, a repetição do quantificador “muitas” é um meio de alcançar o efeito específico de ênfase.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, consideramos que as discussões teórico-metodológicas empreendidas neste capítulo e os resultados qualitativos obtidos sugerem que é possível

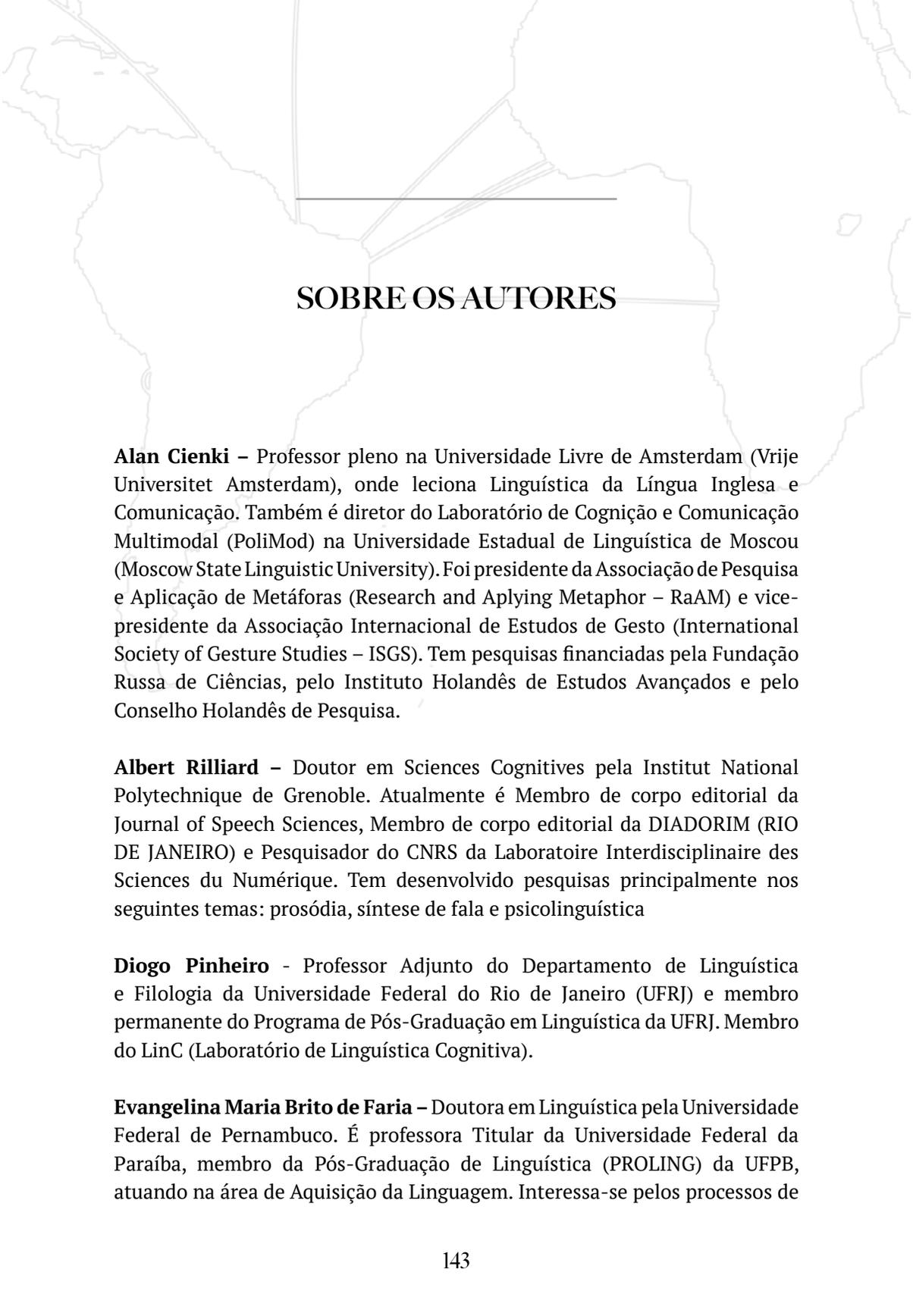
observar como a repetição seria marcada não só na fala, pelos enunciados repetitivos, mas também pelo gesto, por meio da repetição do gesto cíclico, que manifesta o Esquema Imagético “CICLO”. As análises das ocorrências ilustrativas com esse Esquema indicam que o caráter repetitivo das expressões adverbiais de repetição é corporificado, nos gestos, a partir da repetição, de tipo iterativo, ou da repetição, de tipo reduplicativo, do quantificador, na fala.

Sendo assim, atestamos parcialmente nossa hipótese, uma vez que o caráter repetitivo das expressões adverbiais de repetição não foi corporificado, em todas as ocorrências, a partir da repetição do gesto cíclico: nos nossos dados, no caso em que houve repetição do quantificador, não houve repetição gestual, ao mesmo tempo em que, nos casos em que houve repetição gestual, não se verificou repetição do quantificador.

REFERÊNCIAS

- BRESSEM, J.; LADEWIG, S.; MÜLLER, C. Linguistic Annotation System for Gestures. *In*: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S. H.; MCNEILL, D.; TEßENDORF, S. (Orgs.). **Body – Language – Communication**. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton 2013. p. 1098–1124.
- BRESSEM, J. Repetitions in gesture. *In*: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; BRESSEM, J. (Eds.), **Body–Language – Communication**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2014. p. 1641-1649.
- CIENKI, A. Image Schemas and Gestures. *In*: HAMPE, B. (Ed.). **From Perception to Meaning: Image Schemas in Cognitive Linguistics**. Berlin, Nova York: De Gruyter Mouton, 2005. p. 421-442.
- CIENKI, A. Some properties and groupings of image schemas. *In*: VERSPOOR, M.; LEE, K, D; SWEETSER, E. (Eds.). **Lexical and Syntactical Constructions and the Construction of Meaning**. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins, 1997. p. 3-15.
- JOHNSON, M. **The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination, and reason**. Chicago, Londres: University of Chicago Press, 1987.
- JOHNSON, M. **The meaning of the body: aesthetics of human understanding**. Chicago, Londres: University of Chicago Press, 2007.
- KAUFFMAN, C. **Reduplication reflects uniqueness and innovation in language, thought and culture**. Omniglot – Online Encyclopedia of Writing Systems & Languages (Publisher Simon Ager), 2015. Disponível em <https://www.omniglot.com/language/articles/reduplication.htm>. Acesso em: 08 jan. 2021.
- KENDON, A. **Gesture: visible action as utterance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- LADEWIG, S. H. Putting the cyclic gesture on a cognitive basis. **CogniTextes**, v. 6, 2011.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago/Londres: University of Chicago Press, 1980.

- LAKOFF, G. The contemporary theory of metaphor. *In*: ORTONY, A. (Ed.). ***Metaphor and thought***. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139173865.013>
- LANGACKER, R. W. Generics and Habituals. *In*: ATHANASIADOU, A.; DIRVEN, R. (Eds.). ***On Conditionals Again***. Amsterdam: John Benjamins, 1997, p. 191–222.
- LANGACKER, R. W. ***Grammar and conceptualization***. Berlin: De Gruyter Mouton, 2000.
- LANGACKER, R. W. Nominal grounding and English quantifiers. ***Cognitive Linguistic Studies***, v.3, n.1, p.1–3, 2016. DOI: 10.1075/cogls.3.1.01lan
- LANGACKER, R. W. Grounding, semantic functions, and absolute quantifiers. ***English Text Construction***, v.10, n.2, p. 233-248, 2017. DOI: 10.1075/etc.10.2.03lan.
- MITTELBERG, I. Gestures as image schemas and force gestalts: A dynamic systems approach augmented with motion-capture data analyses. ***Cognitive Semiotics***, v.11, n.1, p. 1-21, 2018. <https://doi.org/10.1515/cogsem-2018-0002>
- SANTOS, A. V. D. Uma abordagem ampliada da reduplicação no Vocabulário Português, e Latino de Bluteau (séc. XVIII). ***LABORHISTÓRICO***, v. 6, p. 181-203, 2020.



SOBRE OS AUTORES

Alan Cienki – Professor pleno na Universidade Livre de Amsterdam (Vrije Universitet Amsterdam), onde leciona Linguística da Língua Inglesa e Comunicação. Também é diretor do Laboratório de Cognição e Comunicação Multimodal (PoliMod) na Universidade Estadual de Linguística de Moscou (Moscow State Linguistic University). Foi presidente da Associação de Pesquisa e Aplicação de Metáforas (Research and Aplying Metaphor – RaAM) e vice-presidente da Associação Internacional de Estudos de Gesto (International Society of Gesture Studies – ISGS). Tem pesquisas financiadas pela Fundação Russa de Ciências, pelo Instituto Holandês de Estudos Avançados e pelo Conselho Holandês de Pesquisa.

Albert Rilliard – Doutor em Sciences Cognitives pela Institut National Polytechnique de Grenoble. Atualmente é Membro de corpo editorial da Journal of Speech Sciences, Membro de corpo editorial da DIADORIM (RIO DE JANEIRO) e Pesquisador do CNRS da Laboratoire Interdisciplinaire des Sciences du Numérique. Tem desenvolvido pesquisas principalmente nos seguintes temas: prosódia, síntese de fala e psicolinguística

Diogo Pinheiro - Professor Adjunto do Departamento de Linguística e Filologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ. Membro do LinC (Laboratório de Linguística Cognitiva).

Evangelina Maria Brito de Faria – Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. É professora Titular da Universidade Federal da Paraíba, membro da Pós-Graduação de Linguística (PROLING) da UFPB, atuando na área de Aquisição da Linguagem. Interessa-se pelos processos de

aquisição e desenvolvimento da fala e da escrita. É líder do Núcleo de Estudos em Alfabetização em Linguagem e em Matemática, cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq. Faz parte do banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior (SINAES).

Hayat Passos – Possui graduação em Letras Modernas, com dupla habilitação em Português e Inglês, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). É mestre e doutora pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da mesma instituição, sob orientação da Prof. Dra. Maíra Avelar Miranda. Os temas de pesquisa de suas publicações dizem respeito a: dêixis multimodal, ocorrências verbo-gestuais de advérbios e aspecto adverbial e multimodalidade.

João Antônio de Moraes – Doutor em Phonétique Instrumental e et Fonctionnelle – Université de Paris III (Sorbonne-Nouvelle) (1984) e pós-doutorado no Phonology Laboratory, University of California at Berkeley (1995-1997). É Professor Titular do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro do corpo editorial das seguintes revistas: Delta, Revista de Estudos da Linguagem, Letras & Letras e Journal of Speech Sciences. Tem desenvolvido pesquisas na área de Linguística do Português, com ênfase em Fonética Acústica, especialmente nas subáreas: entoação, prosódia, nasalidade, fonologia experimental. É bolsista produtividade em produtividade pelo CNPq.

Lilian Ferrari – Professora Titular do Departamento de Linguística e Filologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística/UFRJ e pesquisadora do CNPq. É líder do Laboratório de Pesquisas em Linguística Cognitiva (LINC-UFRJ), no qual são desenvolvidas pesquisas sobre as relações entre construções gramaticais e conceptualização, metáfora e mesclagem, subjetividade e ponto de vista, bem como sobre as relações entre linguagem e gesto.

Luma da Silva Miranda – Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ com estágio de doutoramento na Universidade de Tilburg, Holanda. Atualmente trabalha como Leitora de Português do Brasil pelo Programa Leitorado do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, na Universidade Eötvös Loránd, Budapeste, Hungria. Tem experiência na área de Fonética, com ênfase em Prosódia do português do Brasil, atuando

principalmente nos seguintes temas: prosódia experimental, percepção audiovisual da entoação modal do português brasileiro e aquisição de sons da L2.

Maíra Avelar – Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. No âmbito do Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLin), orienta projetos de mestrado e doutorado ligados ao subprojeto “Linguística, Cognição e Multimodalidade”. Lidera o Laboratório de Linguística Cognitiva e Estudos de Gesto e é membro do grupo Complex Cognition, ambos cadastrados no CNPq. Atualmente, coordena a Comissão “Linguística e Cognição” da ABRALIN e também coordena, juntamente com a professora Lilian Ferrari (UFRJ), o Distributed Little Red Hen Lab no Brasil. O projeto é dirigido por Mark Turner (Case Western Reserve University) e Francis Steen (UCLA) e conta com a participação de diversas Universidades ao redor do mundo.

Manuella Carnaval – Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com estágio de doutoramento na Universidade de Tilburg, na Holanda. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Fonética Acústica, especificamente em Prosódia Multimodal do Português do Brasil. É membro do Laboratório de Fonética Acústica da UFRJ e participa do grupo de Pesquisa Prosódia Auditiva, Prosódia Visual/UERJ e do PROVALE – Grupo de Estudos em Prosódia, Variação e Ensino da Universidade Federal da Paraíba.

Marian Oliveira – Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. É professora Adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, docente do Programa de Pós-graduação em Linguística PPGLin (CAPES-UESB) e do ProfLetras-UESB. É coordenadora do Saber Down Núcleo de Pesquisas e Estudos em Síndrome de Down. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: síndrome de Down, acústica, vogais, variação e concordância. Atualmente é líder do Grupo de Pesquisas e Estudos em Síndrome de Down-Saber Down (CNPq-UESB) e membro do Grupo de Pesquisa em Estudos da Língua(gem) – GPEL (CNPq-UESB),

Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante – Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1999). Atualmente é professora Titular da Universidade Federal da Paraíba. Tem experiência na área de Linguística,

com ênfase em Aquisição da Linguagem, atuando principalmente nos seguintes temas: aquisição da linguagem, interação mãe-bebê, prosódia, multimodalidade, letramento. É Bolsista de produtividade em pesquisa pelo CNPq.

Paula Michely Soares da Silva – Doutora em Linguística Universidade Federal da Paraíba e possui Pós-Doutorado na Universidade do Porto. Atualmente é professora do ensino fundamental II e médio em escolas da rede privada de João Pessoa. Atua principalmente nas áreas de Língua Portuguesa e Linguística, com enfoque em: redação, produções textuais, gramática/análise linguística, aquisição da linguagem, multimodalidade, atenção conjunta, interação adulto-criança, produções verbais/vocais e gestuais, prosódia e sincronidade gesto-vocal.

Tháís Ferreira Brito – Graduada em Psicologia e mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista. Atualmente é Assistente em Administração, lotada no IFBA – campus Brumado.

Vera Pacheco – Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2006) e possui pós-doutorado pela Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho”/Araraquara. Atualmente é professora pleno da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: análise acústica, percepção da fala, prosódia, gestos, leitura e escrita.

